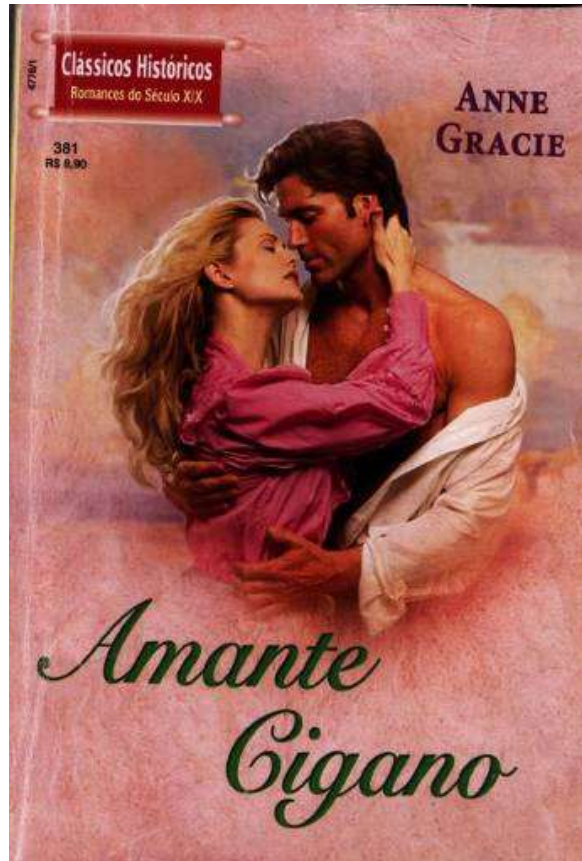


CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie



Amante Cigano
(The perfect kiss)

RESUMO

Inglaterra, 1826

Para salvar a amiga, ela terá de entrar na toca do lobo...

Depois de três anos tentando arrumar namorado, Gracie não conheceu nenhum cavalheiro que fizesse seu coração palpitar. Então começou a sonhar com uma vida de aventuras, como ver o sol se pôr atrás das pirâmides do Egito e dançar em meio às ruínas na Grécia. Antes, porém, ela precisa ajudar uma amiga a se safar de um noivo indesejável...

Melly foi prometida em casamento a Dominic Wolfe, que receberá por herança uma vasta propriedade no dia em que se tornar chefe de família. Quando ela pede ajuda a Gracie para escapar do casamento, esta decide atuar como uma acompanhante enfadonha e insossa, na visita da amiga ao noivo. Mas algumas surpresas aguardam as duas jovens... Para começar, Dominic é o homem mais charmoso e atraente que Grace já viu na vida, e parece estar mais interessado nela do que na noiva! E Grace começa a achar cada vez mais difícil continuar representando seu papel...

Digitalização: Sílvia
Revisão: Mel



CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Querida leitora,

Grace Merridew perdeu as esperanças de encontrar um amor e decide viajar, mas antes ela precisa ajudar uma amiga que está apavorada diante da idéia de se casar com seu prometido, o infame Dominic Wolfe. Dominic vai herdar uma vasta propriedade quando se casar, mas ele está interessado mesmo é na amiga de sua noiva. Grace não tem papas na língua e não tem medo de Dominic. Nunca antes uma mulher o enfrentou daquele modo, e ele decide fazer valer sua fama, jurando a si mesmo que irá seduzir aquela mulher, custe o que custar. Grace é uma jovem de personalidade forte e determinada, mas conseguirá resistir aos encantos do sedutor Dominic...?

Vire a página e confira!

Leonice Pomponio Editora

TRADUÇÃO Nancy Alves

Copyright © 2007 by Anne Gracie Originalmente publicado em 2007 pela The Berkley Publishing Group

PUBLICADO SOB ACORDO COM THE BERKLEY PUBLISHING GROUP

NY,NY-USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: The Perfect Kiss

EDITORIA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Nancy Alves Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.

COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2007 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Prólogo

Dereham Court, Norfolk, Inglaterra, 1814

Você é uma menina muito má! Os gritos do avô ecoavam pelo cômodo e enchia de raiva o pequeno coração de Grace Merridew. Embora aflita, ela o ouvia com uma postura altiva.

— Irá morrer na miséria e na sujeira, sozinha e sem amor. Nem mesmo os vermes vão querer comer esse seu corpo corrupto!

— Eu serei amada! — Grace rebateu, sentindo lágrimas nos olhos. — Minha mãe disse que sim!

— Ah, aquela à-toa!

— Ela não era uma à-toa! Mamãe se tornou um anjo, e está nos observando neste exato momento. E antes de morrer prometeu a mim e a minhas irmãs que nós seríamos amadas e felizes. E vamos ser! O senhor não poderá impedir, porque um anjo é mais forte do que um homem velho que vive cuspiendo, falando palavrões e cheira mal!

O homenzarrão avançou sobre ela, de punhos fechados. Grace tremia, apavorada. O avô ia matá-la! Nunca antes desafiara a tanto. Preparou-se para o desfile de impropérios que se seguiria e também para os prováveis golpes que os acompanhariam.

Por isso, o silêncio a surpreendeu. E quando ele tornou a falar foi ainda pior, porque não estava gritando. Ao contrário, falava baixinho, quase como num carinho:

— A cretina da sua mãe pode ter prometido amor e felicidade para suas irmãs mais velhas. Mas jamais prometeu isso a você.

— Prometeu, sim! — Grace rebateu, mesmo sem se lembrar da mãe, confiando apenas no que as irmãs lhe tinham dito.

— Não. Ela não poderia. Não a você.

— Por que não?

O avô levou a enorme mão até os cabelos da menina, numa falsa carícia.

— Porque você a matou, Grace. E uma mulher não faz uma promessa assim a uma filha que a está matando.

Os olhos dela se arregalaram.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

—Como assim? Não matei minha mãe—murmurou, quase chorando.

— Você era um bebê, por isso não lembra, mas matou, sim. Matou a imbecil e veio morar com o vovô. Isso a torna minha, e não de sua mãe.

Grace se desvencilhou da mão dele.

— Não! Vou perguntar a minhas irmãs. Não matei minha mãe!

— E acha que elas lhe diriam uma verdade assim tão dura? Afinal, não pode mais trazê-la de volta, não é? — Ele riu, com tremenda perversidade. — Claro que vão lhe dizer que estou mentindo; mas não estou.

Grace achou que iria pôr para fora o conteúdo do estômago. E ele continuava, cheio de ódio:

— Você matou sua mãe, menina. E é por isso que morrerá sozinha e sem amor!

Capítulo I

Shropshire, Inglaterra, 1826

Dominic Wolfe cavalgava para dentro da aldeia levando o coração pesado pelo desejo de vingança. A toda velocidade em seu garanhão branco, chamava a atenção das pessoas, mas mantinha-se indiferente ao interesse geral. Saltou do animal diante da taverna e para lá se dirigiu. Uma cadela branca, de manchas pretas, o seguiu, exausta.

Três senhores idosos se sentavam no banco do lado de fora, à sombra de uma árvore. Uma criança magra e em farrapos veio atendê-lo aos gritos:

— Posso ajudar, senhor? Pegar-lhe uma cerveja, talvez? Ou água para seu cavalo? Para seu cachorro?

Ele se voltou, deixando ver sua alta estatura.

— Que estrada devo pegar para chegar ao Castelo de Wolfestone?

— O castelo, senhor? Mas o sr. Eades se foi há...

— Ei, Billy Finn, não incomode o cavalheiro com boataria da aldeia! — exclamou um homem corpulento que surgiu e afastou o garoto com um safanão. Abrindo um sorriso ao recém-chegado, ofereceu:—Uma bebida, senhor? Tenho cerveja boa, fresca. Ou, se preferir, a comida é ótima. Minha mulher faz uma torta de carne deliciosa!

O estranho o ignorou, falando com o menino:

— Qual estrada devo tomar?

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

O pequeno, que dava água à cadela, olhou para o dono da estalagem e apontou para a bifurcação que se podia ver dali.

— Por ali. Do lado direito. Não há como errar. O dono do lugar olhou feio para o menino.

— Não há ninguém...

Mas o estranho o interrompeu jogando uma moeda de prata ao garoto e se afastou, tornando a montar.

— O que ele pode querer no castelo? — O estalajadeiro cocou a cabeça, vendo-o tomar a direção indicada pela criança.

O mais velho dos dois senhores do banco assentiu.

— Você nunca teve bons olhos para coisa alguma, Mort Fairclough. Não o reconheceu?

— Pois se nunca o vi antes!

— Não notou seus olhos? Castanho-claros e frios. Com olhos assim e cabelos negros como carvão, está claro que só pode ser um Wolfe de Wolfestone!

Algumas pessoas já tinham se aproximado, e um murmúrio de susto se fez ouvir. Uma moça comentou, ainda vendo o cavalo ao longe, levantando atrás de si uma onda de poeira:

— Ah, ele é, sem dúvida, muito bonito! Adoro homens, grandes, com esse ar de seriedade, de maldade até. Adoraria saber se é assim tão mau de verdade...

— Pois estou mais interessado em que tipo de Wolfe ele é — continuou o ancião. — Tem havido senhores naquele castelo por mais de seiscentos anos, e existem apenas duas espécies deles: bons ou maus. E o destino de nossa aldeia depende disso.

Como naquele momento todos tinham se reunido em torno dele, o velhinho continuou, sempre assentindo, muito devagar:

— Só temos tido maus Wolfe desde que a maioria de vocês nasceu, mas quando eu era rapaz... Aquele senhor era bom! O melhor. Por isso fico imaginando como será esse aí.

— Acho que ele vai ser bom. — Billy Finn sorriu, cheio de confiança, apertando com força a moeda em sua palma.

O dono da taverna o olhou de soslaio ao opinar:

— Ser mão aberta não significa ser bom, rapazinho. O velho lorde era perdulário quando lhe interessava, mas ruim como uma cobra. — E, com desprezo, cuspiu para o lado.

Uma idosa que saiu de entre a multidão também teve sua vez de se manifestar:

— Devemos esperar a Dama de Cinza.

Billy Finn se apressou a separar um banco para ela.

— Quem é ela, vovó?

Vovó Wigmore acomodou no banco seu corpo desgastado e suspirou.

— A guardiã destes vales. Será ela quem garantirá bons tempos para nós, o povo. Quando a Dama de Cinza vier, o grande Wolfe será bom. Mas não tem aparecido ultimamente.

Vovô Tasker acrescentou, cheio de sabedoria:

— Minha mãe viu a dama certa vez, quando era menina. Toda vestida de cinza e montando um cavalo branco. Cavalgava de madrugada e era elegante e delicada como a neblina.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Quando a Dama de Cinza vier, o Wolfe será domado— repetiu, sorridente, a velhinha.

O estalajadeiro tornou a fitar a bifurcação da estrada e meneou a cabeça.

— Não sei de nenhuma dama, de cinza ou de qualquer outra cor. E não acho que ela possa domar aquele homem. Nunca vi olhar tão frio num ser humano antes. Fez com que eu pensasse no demônio, Deus que me perdoe!

— Tolice. Ele é um Wolfe, afinal — corrigiu vovô Tasker.

— Hugh Lupus tinha olhos assim.

— E quem é esse? — interessou-se Billy.

— Não sabe? Hugh Lupus foi o primeiro lorde d'Acre. Veio com Guilherme, o Conquistador, é o que dizem. Um sujeito feroz, sem sentimentos. E com olhos gelados. — Recostou-se na parede da taverna. — Uma tempestade se aproxima. Posso senti-la em meus ossos.

A carruagem alugada seguia em velocidade de quebrar pescoços. A poeira subia da estrada batida e entrava pelas janelas, atingindo os passageiros, mas o dia estava quente demais para se pensar em fechá-las. Além do mais, a poeira era o menor dos problemas de quem ali viajava.

As pessoas se seguravam nas tiras de couro que pendiam das paredes do veículo, e eram sacolejadas sem parar, sem conseguir ficar um segundo inteiro paradas nos assentos.

— Mandarei demitir esse insolente assim que voltarmos a Londres! — vociferava sir John Pettifer, referindo-se ao cocheiro, a quem já tinha recomendado que fosse mais devagar quando pararam para a troca de cavalos. Mas o homem não demonstrava estar disposto a atender ao pedido de um velhote empertigado que se mostrara mão fechada quanto a gorjetas.

Grace Merridew se agarrava a sua tira de couro, cerrando os dentes. Sabia muito bem que a questão com o cocheiro ia além de insolência. Vira-o sorvendo grandes goles de uma garrafinha que trazia presa por baixo do paletó, e, quanto mais bebia, mais rápido dirigia, e mais perigoso se tornava o trajeto para todos ali.

No entanto, como devia manter-se praticamente invisível, Grace nada disse. Sua amiga, Melly Pettifer, implorara que viesse, e ela, num momento de insanidade, concordara.

No entanto, Grace jamais a vira tão desesperada. Ao reencontrá-la e receber a notícia sobre seu futuro casamento, teve de amparar a amiga, pois Melly logo irrompera em lágrimas e soluços de fazer dó. Agora, via-a sentada a sua frente, segurando-se como podia. Pobre Melly! Estava verde. Passara mal por três vezes já.

E o que era para ser a viagem de casamento se tornava um verdadeiro inferno. Melly deveria estar casada dentro de algumas semanas com um homem que jamais vira, chamado Dominic Wolfe, lorde d'Acre, do Castelo de Wolfestone. E o pior fora descobrir que estava noiva dele desde os nove anos de idade! E só então resolveram lhe contar!

Ao que tudo indicava, Dominic Wolfe voltara à Inglaterra pela primeira vez em mais de dez anos. Não retornara sequer para o funeral do pai, mas sir John ouvira dizer que ele regressara e que se mostrava interessado em entrar em contato para acertarem o matrimônio.

Tudo certo perante a lei e os costumes. Melly não tinha voz ativa. Sir John acertara os pormenores com o antigo lorde d'Acre anos atrás. Tinham ambos assinado os documentos necessários ao acordo, e uma grande quantia em dinheiro passara de uma mão à outra;

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

dinheiro esse que sir John gastara havia tempos; portanto, não poderia devolver. Aliás, os problemas financeiros da família Pettifer eram de conhecimento geral. Na verdade, a maior preocupação de sir John fora que o atual lorde Wolfe jamais retornasse à Inglaterra, ou tivesse se casado no exterior. Mas, como voltara ainda solteiro, o casamento haveria de acontecer.

Melly se desesperou ao saber da novidade, mas acabou aceitando a idéia. Não tinha pretendentes, visto que era pobre, simples e muito tímida. Bem, pelo menos, o novo lorde Wolfe era jovem.

Grace, por sua vez, avaliava a surpresa que o nobre deveria ter tido ao retornar. Viera para reclamar sua propriedade e descobrira que, com ela, vinha também uma noiva. Afinal, Dominic contava apenas dezesseis anos quando o contrato fora assinado entre seu pai e o de Melly.

E aquele era exatamente o problema: Dominic Wolfe não queria uma noiva. Tinha outros interesses que Melly não conhecia muito bem.

Sir John, todavia, não queria que a filha fosse privada de seus direitos. O contrato era legal e deveria ser levado a cabo. E a única forma de lorde Wolfe herdar sua propriedade seria se casando com Melly. Isso ficara muito claro no testamento de seu pai. Dominic só ficaria livre do compromisso se Melly viesse a falecer ou estivesse incapaz de contrair matrimônio. E mesmo assim ele teria de desposar uma noiva que fosse aprovada por sir John.

Os advogados de lorde d'Acre tinham averiguado os papéis, mas, ao que parecia, tudo estava em ordem. Assim, Dominic teve de concordar com o enlace. No entanto, numa carta recebida por Pettifer dois dias antes, dizia, com muita frieza, que aquele casamento seria apenas *pro forma*. Ele e a noiva se separariam logo após a cerimônia. Dominic possuía uma frota de navios e não tinha planos de viver na Inglaterra.

Melly estava atordoada. A situação a colocaria numa casa em Londres, com muito dinheiro, mas sem a possibilidade de vir a ser mãe. Isso era o que mais a atormentava. E por esse motivo implorara a Grace que a ajudasse. E, como eram amigas de infância, e Grace sempre protegera Melly de crianças e jovens que a atormentavam por sua timidez, vira-se mais uma vez na situação de fazer o que pudesse pela querida amiga.

Assim, envolvera-se naquela terrível viagem, usando roupas cinzentas e simplórias, com botas que lhe subiam até metade das canelas, disfarçada em dama de companhia de Melly. Podia, ao contrário, estar indo para o Egito com a sra. Cheever, uma viúva abastada, prima do sr. Henry Salt, cônsul-geral da Grã-Bretanha no Cairo e perito em antiguidades egípcias. Com conhecidos assim tão interessantes, Grace esperava passar momentos maravilhosos. O Egito era sua maior paixão desde pequena.

Mas, pelo visto, teria de deixar as pirâmides para outra ocasião.

Mais sacolejos, barulhos e cocoricós, e muitas penas entrando pela janela. O infeliz cocheiro dera de encontro com um bando de galinhas! Não refreara os cavalos, e assim algumas das pobres aves devia ter sido morta no impacto.

Aquela foi a gota d'água. Grace se enfiou janela afora e gesticulou para que ele parasse o veículo, mas o homem apontou para o céu e gritou algo que ela não entendeu. Olhando para cima, Grace avistou nuvens densas e escuras, e entendeu que o cocheiro tentava chegar ao castelo antes de uma tempestade violenta. A estrada já era bastante ruim em tempo seco. Assim que começasse a chover, seria, com certeza, transformada em algo

CHC 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

inimaginável.

Voltando para dentro, Grace descobriu que sir John desaprovava sua atitude.

— Greystoke, não devia interferir! Lady Augusta espera que a ensinemos a agir de forma apropriada, e uma dama jamais colocaria a cabeça para fora, muito menos gritaria com o cocheiro!

— Sim, sir John. Sinto muito. — Grace se esforçava por parecer humilde. Era difícil lembrar que seu nome dali em diante seria Greystoke, pois se fazia passar por uma órfã aos cuidados de sua tia Augusta em treinamento para se tornar acompanhante.

Sir John jamais deixaria que a srta. Grace Merridew, de Norfolk, bem conhecida e amada na capital, viesse numa viagem daquelas. Mas quando a criada particular de Melly se demitira, depois de ter encontrado outro emprego no qual lhe pagariam com regularidade, as meninas viram nisso uma oportunidade. Melly necessitava de uma dama de companhia, e, como Grace fingiria ser uma órfã em treinamento — portanto, não precisaria ser paga —, sir John concordara de pronto em aceitá-la.

Grace olhou para sir John. Ele mantinha as pálpebras cerradas, apesar dos sacolejos. Seu rosto muito redondo e vermelho chegava a brilhar. Não parecia satisfeito, porém, o que era bom. Devia estar se sentindo muito mal pelo que vinha fazendo à filha.

Grace não entendia. Melly sempre lhe dissera que John era um pai afetuoso, compreensivo, mas agora se mantinha firme na decisão de casá-la daquela forma com um estranho. E Grace acreditara que fossem os problemas financeiros da família o que impedia Melly de ser como todas as moças casadoiras da época. Afinal, ela nunca pudera frequentar festas onde decerto encontraria pretendentes. Não, tudo parecia começar a ficar claro.. .

De olhar fixo na paisagem que passava, veloz, Grace, ainda bem agarrada na tira de couro, pensava. A vida era injusta. Tinha dinheiro e era bonita. Muitos rapazes a cortejaram, mas jamais aceitara nenhum deles. Até tentara se apaixonar, mas sempre ficava faltando algo nos cavalheiros que conhecia.

E o maior problema era sua dificuldade para acreditar no amor, como suas irmãs mais velhas faziam. Prudence, Charity, Hope e Faith tinham belas recordações do amor que unira seus pais. Mesmo em criança, tinham-no sentido; nunca duvidaram de sua existência, de sua força. E todas acreditavam na última promessa feita pela mãe: que cada uma delas encontraria amor e felicidade na vida. Grace não o encontrara.

Não se recordava dos pais. Crescera numa mansão fria e sombria de Norfolk e, diferente das irmãs, não tivera a promessa da mãe para guiá-la e confortá-la.

Vira todas as irmãs se apaixonarem. A ventura delas era real e duradoura. E todas lhe diziam que aconteceria com ela, um dia. Um homem apareceria e a beijaria, e Grace saberia que era ele.

Tentara muito encontrar o amor, mas ele não viera. Aceitava a corte dos rapazes, mas não levava nada a sério, para que ninguém saísse ferido. E sempre que se aproximava de algum deles, as palavras cruéis de seu avô voltavam a atormentá-la.

Não se importava mais, contudo. Dizia a si mesma que inúmeras pessoas aprendiam a viver sem amor, e que a vida poderia ser ótima para ela sem esse sentimento. Na verdade, pretendia viver muitíssimo bem. Estava com quase vinte e um anos e prestes a tomar conta de sua fortuna. Assim que o fizesse, poderia fazer o que bem entendesse. Como, por exemplo, envolver-se nas aventuras com que sonhava e viajar para o Egito, Veneza,

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Constantinopla... Veria as maravilhas do mundo, andaria de camelo, cruzaria os Alpes e não teria de pedir permissão a ninguém.

Se fosse casada, seu corpo seria de seu marido, bem como sua fortuna. Não. Os beijos de um homem não poderiam valer tanto.

— Segure-se bem, menina! — aconselhou sir John quando os sacolejos ficaram ainda piores.

— Sim, milorde.

Obediência e humildade: pré-requisitos de uma acompanhante. Sob as instruções de tia Augusta, a criada cortara um pouco os cabelos de Grace e os tingira de um tom escuro. E, num toque de gênio, pegara henna e pintara-lhe sardas no rosto, no pescoço e nas mãos. Demoraria muito a saírem. Nesse meio tempo, sir John jamais desconfiaria de que a morena, sardenta e míope Greystoke, era, de fato, Grace Merridew, cuja cabeleira loira com mechas avermelhadas e compleição impecável, tornara-a famosa pela beleza estonteante. Afinal, ele só vira Grace uma ou duas vezes, quando as meninas ainda estudavam.

Grace lamentou pelo comprimento dos cabelos, mas faria de tudo para ajudar a amiga. Pelos filhos que ela queria ter. Não que ela, pessoalmente, fosse fanática por crianças. Gostava delas, mas quando já estavam um tanto grandinhas. Melly, ao contrário, adorava bebês. De todos os tipos. Seus sonhos eram simples. Não queria um nobre, nem uma casa na capital, nem muito dinheiro. Desejava apenas um bom homem que a amasse e lhe desse muitos bebês. Por isso Grace se determinara a fazer tudo por ela. Assim, cortar parte dos cabelos não era nada. Eles tornariam a crescer. Os sonhos das pessoas, porém, nem sempre tinham uma segunda chance de se tornar realidade.

Lorde d'Acre, Dominic Wolfe do Castelo de Wolfestone, podia ficar com sua fortuna e com seu casamento de fachada. Grace resgataria a amiga. Tinha em si a força de um cavaleiro lutando por um ideal! Uma amazona, na verdade.

Dominic Wolfe cavalgou as últimas milhas devagar, com a cabeça baixa em virtude do vento forte que começara a soprar de repente.

Nuvens pesadas cobriam o Armamento. Naquela região, tempestades de verão podiam ser uma mistura terrível de escuridão e fúria, e uma delas se preparava, sem dúvida alguma. Mas Dominic achou que conseguiria chegar a Wolfestone antes que ela se abatesse sobre a terra.

E, como sempre acontecia, pensar em Wolfestone o fez cerrar os dentes. Desejara jamais pôr os olhos naquele lugar. No entanto, os infelizes Pettifer tinham tomado a decisão repentina de vir! Devia ter deixado bem claro a sir John os termos de seu acordo.

Decerto a filha de sir John imaginava que viria para inspecionar seu futuro lar. Dominic cerrou os dentes ainda mais.

Um relâmpago cortou o céu, e logo o ribombar de um trovão se fez ouvir. Dominic fitou a cadela, que seguia ao lado das patas do cavalo. Sheba tinha horror a tempestades. Num movimento rápido e quase acrobático, Dominic se inclinou na sela e a puxou para cima, colocando-a em seu colo. Tanto o garanhão quanto Sheba estavam acostumados a seguir viagem daquela forma.

E fora um longo trajeto. Se tivesse sabido antes, Dominic teria vindo de carruagem. Tentara impedir os Pettifer de sair de Londres, mas seu mensageiro voltara com a informação de que já haviam partido. Assim, sua única opção foi vir cavalcando, pois queria chegar antes

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

deles.

Faltava pouco, agora. Podia avistar a ponta do torreão.

Arrepiou-se. Seria por medo ou raiva? Ansiedade, talvez. Ou uma mistura de recordações de sua época de menino, dias inocentes nos quais sempre desejava muito ver Wolfestone. Algo que parecia ter sobrevivido a sua maioridade; seu saber...

Desviou o olhar. Sua boca trazia um gosto amargo. Wolfestone, a propriedade pela qual sua mãe fora vendida. E agora ele próprio.

Dez minutos depois, Dominic se viu em frente aos dois imensos portões de ferro, um dos quais meio caído. Eram sustentados por muros de pedra imponentes, sobre cada um dos quais havia a estátua de um lobo uivando. A esquerda, uma guarita feita de pedra, argamassa e madeira. Parecia deserta. E os portões, abertos. Mas Dominic duvidava que estivessem lhe dando as boas-vindas.

Mais uma vez o céu se iluminou com um relâmpago, e o trovão veio em seguida. Dominic instigou o cavalo a seguir. Wolfestone era apenas um abrigo para os três, no momento; nada mais.

No entanto, quando viu o castelo por inteiro, ficou sem fôlego. Magnífico em sua opulência rústica e dominadora, voltava-se para o vale, frio, distante e proibido. Uma casa usada outrora para preparar homens para o combate e a guerra. Era horrivelmente belo. Todavia, não valia o sacrifício de ninguém.

Sua mãe quase não falara dele. Bastava que se comentasse de Wolfestone para seus olhos se encherem daquele pavor; um pavor que Dominic tentara durante toda a infância fazer desaparecer, mas que ainda o assombrava.

Você saberá, se um dia for até lá. Irá compreender por que não consigo falar daquele castelo, ela lhe dissera certa vez. E agora que estava ali e via, Dominic compreendia muito bem.

Eu o destruirei!

O caminho de pedras que levava à entrada principal se mostrava permeado de ervas daninhas. E, bem diante dos degraus que conduziam à porta, havia um quadrado enorme de grama fazia muito sem poda.

De cenho fechado, Dominic analisou tudo. Um certo movimento junto a um grupo distante de carvalhos chamou-lhe a atenção. Viu três éguas cinzentas, pálidas e etéreas à luz difusa da borrasca que se avizinhava. Criaturas belas, com pescoços graciosamente arqueados e olhos negros, curiosos.

Eram árabes. Valiosíssimas. O que estariam fazendo ali, soltas? Os portões tinham sido deixados abertos, dando total liberdade aos animais. Uma das éguas se mantinha um tanto afastada das demais e se movia de maneira estranha. Dominic soube logo por quê. Seu ventre estava distendido, inchado. Nenhum animal devia ser deixado vagando assim, em especial uma égua valiosa prenhe. Ainda mais diante do início de um temporal.

E não havia nenhuma outra criatura viva por perto. Era quase bizarro. O lugar deveria estar repleto de criados.

Olhou mais uma vez para o Armamento escuro e instigou Hex, procurando pelos estábulos. Algum tolo deixara as éguas soltas e merecia uma repreensão; e a égua prenhe precisava estar agasalhada, não ali, exposta à iminente tempestade.

Foi até a porta principal e fez a aldrava bater contra a madeira. Nada. Ninguém

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

atendeu. De acordo com os livros contábeis, os empregados vinham sendo pagos com regularidade, então onde estariam?

Não tinha tempo para averiguar, porém. Encontrou os estábulos, todos feitos de pedra, nos fundos da propriedade. Também eles se achavam vazios. Os cascos de Hex soavam sobre as pedras do chão. Pelo visto, nem homens, nem animais entravam naqueles estábulos fazia meses.

Por sorte, as baías ainda podiam ser ocupadas e havia maços enormes de feno, que, abertos, mostraram-se ainda aproveitáveis.

Com gestos ágeis, Dominic tirou os arreios de Hex e deu água para ele e Sheba. Depois, preparou algumas baías, inclusive uma delas para receber a égua prenhe. Por fim, trancou Sheba ali dentro. Ela latiu, chorou e arranhou a porta, mas Dominic a ignorou, indo tentar recuperar a égua prenhe.

A carruagem em que Grace seguia alcançava Wolfestone. Os raios e trovões abundavam, agora.

O veículo inclinou para o lado e quase emborcou, sendo salvo por alguma coisa alta que o fez voltar à posição normal.

Grace pôde avistar os portões altos ladeados por muros, sobre um dos quais viu de relance a figura de um lobo. Por fim chegavam! E estavam vivos!

Quando a carruagem começou a seguir pelo caminho de pedras, num ritmo mais lento, enfiou a cabeça para fora, tentando ter uma visão melhor do lugar. E ficou fascinada. A visão era aterradora, mas hipnotizante e encantadora, por incrível que parecesse. Metade casa, metade Castelo, Wolfestone era imponente, magnífico. E imenso.

Sir John dissera que os muitos nobres que viveram ali, todos da mesma família, reformaram e acrescentaram alas à propriedade, que passara a ser uma mistura de estilos. De todo modo, Grace a achava maravilhosa. Cheia de ângulos estranhos, torres, telhados e ameias, seteiras e uma série de janelas góticas em arco. Devia haver gárgulas, avaliou. Numa construção daquelas, gárgulas eram inevitáveis.

Num dia ensolarado, a parte da frente devia ser bem iluminada. Afinal, muitas janelas ficavam do lado sul. E, apesar das nuvens espessas, uma réstia de claridade apareceu, iluminando os painéis de vidro colorido.

— Mas que lugar lindo! — Grace suspirou, mas sua voz foi abafada por um trovão, e um raio caiu bem diante do veículo.

Os cavalos se assustaram, erguendo-se e relinchando, apavorados. Num átimo, o veículo cedeu, inclinando-se e tombando de lado, levando seus passageiros a cair, em seu interior, uns sobre os outros. Então, sobreveio um silêncio intenso, quebrado apenas pelo barulho da borrasca.

Grace foi a primeira a se mover. Seu braço doía, estava assustada e com alguns arranhões, mas bem.

— Melly, você se feriu?

A amiga gemeu, mas logo abriu os olhos.

— Não. Apenas toda dolorida, mas creio que inteira. E papai?

Sir John estava consciente e respirando, mas longe de estar bem.

— Fique com ele enquanto busco ajuda — Grace sugeriu, antes de sair pela janela do veículo.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

A chuva começava, forte. Os cavalos se moviam, inquietos, temendo os clarões dos relâmpagos. Continuavam presos aos arreios e, se ficassem muito apavorados de novo poderiam arrastar a carruagem, mesmo caída.

Protegendo o rosto com as mãos, Grace olhou ao redor. Alguém devia ter ouvido o acidente e logo viriam em socorro dos feridos. A pouca distância, avistou o cocheiro caído de bruços. Grace foi até ele para verificar se estava vivo. O homem gemeu, embriagado. Sentou-se com dificuldade e indagou, com voz arrastada:

— O que aconteceu?

— Vamos, levante-se, seu inútil! Acabou por fazer com que a carruagem virasse, e os cavalos estão presos a ela. Podem arrastá-la a qualquer momento. Venha, ajude-me a tirar sir John e Melly lá de dentro!

O homem arregalou os olhos, com dificuldade para atinar com a realidade. Contudo, levantou-se e, para espanto de Grace, saiu correndo em direção à carruagem. No entanto, em vez de parar, passou direto por ela. Grace ainda o chamou, mas sabia que ele não pararia. Seria preso se ficasse, por sua negligência.

Os cavalos ficaram ainda mais ansiosos. Grace compreendia que só havia uma coisa a fazer. Portanto, tirou a faquinha do cano da bota e foi até os animais, murmurando palavras carinhosas. Mesmo inquietos, os cavalos apenas a olharam e permitiram que cortasse os arreios e os libertasse.

Os belos animais saíram escoiceando e galoparam em direção às árvores. Agora Grace precisava buscar ajuda.

Caminhou, decidida, para o castelo. A noite ainda não caíra, apesar da escuridão. Chegou à entrada principal, agarrou a aldrava em forma de cabeça de lobo e bateu-a com força contra o carvalho poderoso da porta. Ninguém atendeu. Esperou, repetiu o gesto, e nada.

Parecia não haver ninguém ali, mas como podia ser? Afinal, era a visita de noivado de Melly.

De todo modo, não tinha tempo para analisar a situação. Com isso em mente, seguiu o contorno da casa, constatando que havia várias portas na parte de trás. Bateu em todas elas em vão. O cocheiro bêbado os teria trazido ao local errado?

Olhou para a direita, vendo o jardim maltratado; à esquerda, uma construção larga que só poderia ser para os estábulos. Correu até lá, encharcando-se mais e mais. Uma vez do lado de dentro, parou até que sua visão se acostumasse à parca luminosidade.

A tempestade batia com força no telhado, provocando um ruído forte. Grace notou maços de feno abertos logo adiante e uma sela que brilhava, bem cuidada. Algumas das baias estavam com meia porta aberta. Numa delas, um cavalo branco colocou a cabeça para fora, talvez sentindo-lhe a presença. Aliviada, Grace achou que poderia montá-lo para ir buscar auxílio.

O vento soprava em fortes rajadas. Por instantes, Grace teve a impressão de ouvir um relincho baixo e a voz de um homem, grossa, vinda dos fundos. Correu até lá e ouviu-o falar de novo, mas num idioma estrangeiro.

— Socorro! — Grace gritou, animada. — Por favor, preciso de ajuda! Houve um acidente!

Um homem apareceu pela metade aberta de uma das baias.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— De onde você surgiu? — indagou, num sotaque forte que ela não conseguiu identificar.

Grace prendeu a respiração diante dele. Era muito alto; seu rosto estava sujo, com a barba por fazer, e os cabelos muito negros, revoltos, mais compridos do que o comum. Seus traços eram graves, severos, rústicos até. E os olhos, gélidos, estranhos, a encaravam com uma expressão impaciente.

— Deve ter vindo por causa das éguas. — Ele continuava a olhá-la sem muito pudor, em especial para as partes de seu corpo onde a roupa estava colada graças ao excesso de água.

— Não sei nada sobre égua nenhuma! Preciso de ajuda! Houve um acidente! Nossa carruagem tombou na entrada do castelo.

Dominic resmungou alguma coisa. Grace percebia que falava mais uma vez em outra língua. Até que tornou a olhá-la para perguntar:

— Alguém se feriu?

— Não muito, mas estão presos dentro do veículo, e o cocheiro fugiu. Estava ébrio. Por favor, venha nos auxiliar!

— Ninguém sangra? Ninguém morreu?

— Não, mas a porta está voltada para o chão e eles não conseguem sair!

— Algum cavalo se feriu?

Grace ponderava. Ele devia ser um cigano. Não usava paletó, tinha as botas enlameadas e calça respingada de sujeira. Os braços fortes apareciam sob as mangas enroladas. Era forte, e isso era o que interessava a Grace no momento.

— Não. Eles estão bem. Por favor, apresse-se! Dominic escancarou a meia porta.

— Quem você disse ser?

— Meu nome é Greystoke, e quem sou não importa neste momento!

— Eu não diria isso. Tenha calma, Greystoke. Ninguém se machucou, e eu estou indo.

— É que a srta. Pettifer, que está na carruagem, é a noiva de lorde d'Acre e logo será sua lady. Portanto, tem de informar a seu patrão agora mesmo!

— Não tenho patrão. — A calma dele e sua autoconfiança eram insuportáveis. E seus olhos tinham um ar de troça que deixava Grace cada vez mais irritada. — Mas não me importaria em ter uma patroa. Vai ser minha lady também, em breve, Greystoke? Ou mais do que isso, quem sabe? Já faz tanto tempo que não fico em companhia de uma mulher...

Grace ficou escandalizada. De onde aquele rapaz tirava aquelas idéias? E aquelas palavras!

— Demonstra não ter modos, moço, e sua mente precisa de uma boa esfregada. Como todo você, aliás!

Um breve sorriso apareceu nos lábios dele, que deu alguns passos na direção dela. Mas sua presença começava a ser mais um perigo do que uma promessa de ajuda, no entender de Grace.

Aqueles olhos castanho-claros eram magnéticos. Muito próximo, ele pareceu examinar cada centímetro de seu rosto.

— Essas sardas são naturais? — quis saber. Grace afastou-se depressa.

— Pare com isso! Houve um acidente, eu já disse!

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Mas ninguém se feriu.

De repente, ele a tomou pela cintura e a beijou. Seu gesto foi tão brusco quanto surpreendente para ela. E, quando Dominic a soltou, Grace o encarou, pasma. Ao dar um passo atrás, sentia as pernas fracas.

Mais um relâmpago cruzou o céu, trazendo-a de volta à realidade. Limpou a boca, ainda a encará-lo, e, criando coragem, empurrou-o para a saída.

— Houve um acidente! — repetiu de novo.

— Você já disse. Não há feridos, e os passageiros estão abrigados da chuva. E eu preciso verificar uma coisa.

Mais uma vez Dominic a enlaçou e beijou-a. E todo pensamento coerente desapareceu da cabeça de Grace.

E, mais uma vez, quando foi solta, estava tonta e fora de seu normal. Notava, porém, que ele sorria, e numa reação da mais genuína fúria, deu-lhe um chute na canela.

— Ai! — O sorriso aumentou. Grace desferiu outro pontapé.

— Teria maior efeito se eu não estivesse de bota, senhorita.

— Por quem me toma, seu cigano impossível? Houve um acidente e...

— Um acidente? — Ele arqueou as sobrancelhas. — Mas por que não disse logo?!

E antes que ela pudesse esboçar uma reação, Dominic a pegou pela mão e a puxou para fora do estábulo.

Grace tinha quase de voar para acompanhar-lhe as passadas em meio ao mau tempo.

— Então, depois que isso tudo acabar, vai me esfregar como prometeu? — ele quis saber.

— Não prometi nada!

— Ah, prometeu, sim! Só quero saber quando será. Bem, vejo que as sardas são à prova d'água, portanto, devem ser reais.

— Claro que são — ela mentiu.

— Fascinante. Nunca vi sardas assim antes, todas do mesmo tamanho e formato. Espero poder verificar se estão por todo o seu corpo ou apenas em lugares selecionados.

Esse homem é ousado e ultrajante! Grace estava furiosa. E detestava a forma insolente como ele a fitava.

Quando Dominic avistou a carruagem, passou a andar mais devagar.

— Onde estão os cavalos?

— Cortei os arreios porque achei que poderiam arrastar o veículo.

— Boa idéia. O que usou?

— Uma faca, óbvio.

Melly enfiou a cabeça para fora da janela.

— Graças a Deus! Papai não está nada bem.

Sir John, de fato, parecia muito pálido. Abriu os olhos e, vendo-os inclinados a olhá-lo, murmurou:

— D'Acre...

— Sir John...

— D'Acre?! — Grace exclamou. — Lorde d'Acre?!

— E quem mais poderia ser? — Dominic deu-lhe uma piscadela marota. E depois

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

exagerou na careta de dor, quando ela o beliscou no braço. — Por que fez isso?!

— Sabe muito bem por quê.

Ele sorriu, mas depois, mais sério, pôs o rosto para dentro do veículo, falando com sua noiva:

Srta Pettifer, vou entrar por aqui. Afaste-se. — Com agilidade, num único movimento pulou para o interior da carruagem. Então, voltou a se dirigir a Grace: — Sir John *não* me parece ferido, mas não estou gostando da cor de sua *pele*. Fique de lado, porque vou chutar o painel, para ar

Grace obedeceu e, após alguns golpes com os pés, Dominic alcançou seu intento e retirou Melly.

— Ei, olhos brilhantes, preciso que me ajude para tirar sir John.

Olhos brilhantes. Grace gostou de ser chamada assim. Deu a Dominic todo o auxílio necessário, vendo-o depois tomar sir John nos braços e carregá-lo até a entrada do castelo.

Grace agarrou a mão de Melly e ambas correram para lá, também.

— Não há ninguém aí dentro! Como vamos entrar?

— A chave está em meu bolso, deste lado. — Dominic soprou um beijinho para Grace, sem que Melly visse.

Zangada e constrangida, Grace enfiou a mão no bolso da calça dele, àquela altura ensopada e colada em seu corpo. Jamais tocara um homem daquela forma.

Havia mais coisas na algibeira: moedas, notas soltas, um lenço. Grace, então, encontrou a chave, grande e enfeitada, que enfiou na fechadura. Teve de lutar por fazê-la girar até que a pesada porta cedesse.

Encharcados, todos entraram no castelo. Lá dentro, a atmosfera era fria, empoeirada, quase sinistra. Mas, pelo menos, não estavam mais sob a chuva.

Pararam por um instante, e Grace pôde ver a gárgula que procurara antes. Lá estava ela, bem no alto do hall, como se ficasse observando quem entrava e saía. Não era de pedra, mas trabalhada em madeira, com uma cara forte e olhos tristes, mas sábios. Parecia olhar direto para ela, mas a primeira impressão de Grace foi de que a pobre-coitada precisava de uma boa limpeza.

— Onde colocaremos papai? — Melly indagou.

— Não tenho idéia. — Lorde d'Acre meneou a cabeça. — Talvez num cômodo com um sofá, ou algo parecido.

Grace se adiantou, entrando numa sala ao lado. Ali encontrou móveis cobertos com tecidos. Um deles era uma *chaise longue*. Tirou o pano, e sir John foi posto ali.

Os clarões dos relâmpagos iluminavam o rosto pálido e contraído do pai de Melly. Dominic preocupou-se; se sir John morresse, teria de ficar com sua filha.

Melly disse algo, mas suas palavras foram encobertas pelos trovões sucessivos. No entanto, Grace a ouviu:

— Está bem, vou pegar. Mas onde está?

Melly gritou-lhe algo, e Dominic a viu sair. Em seguida voltou a atenção para sir John, que tinha a gravata afrouxada pela filha. Mesmo aflita, Melly cuidava do pai com desvelo e tranquilidade.

— Vou buscar um médico.

Melly assentiu, e Dominic se foi.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

No estábulo, Dominic selou uma égua árabe. Só conseguira pegar duas delas; a terceira desaparecera em meio à chuva. E Hex, seu garanhão, se cansara demais da longa jornada. Dominic deu uma espiada na égua grávida e gostou de seu estado. Talvez ganhasse seu potro durante a noite.

Havia uma capa pendurada num canto da baia, e ele a passou sobre os ombros, montando em seguida e lançando-se à tempestade. Na vila, perguntaria sobre um médico.

Já deixava a propriedade quando avistou Greystoke tentando arrastar um baú na lama. Devia estar fazendo o que Melly Pettifer lhe ordenara. Talvez fosse alguma espécie de criada; era o que se depreendia pelas roupas que usava.

Dominic sentiu uma ponta de raiva, vendo seus braços frágeis tentando mover o baú. Apeou apressado e, pegando-a pelos ombros, disse:

— Pelo amor de Deus, deixe a bagagem aí até o tempo melhorar! Um pouco de água não vai estragá-la, e ninguém virá roubá-la com um tempo desses! — Tentou puxá-la para baixo de sua capa e levá-la de volta à casa, mas, para sua surpresa, Greystoke resistiu.

— São os remédios de sir John, milorde. Estão num dos baús grandes, mas não sei em qual, e são tão pesados...

— Certo. Segure as rédeas que eu carrego tudo para dentro.

— O senhor ia buscar o médico? E longe?

— Não sei. Tenho de ir até a vila para descobrir.

Ela tremia de frio. Dominic tirou a capa e a agasalhou, puxando o capuz sobre sua cabeça.

— Não há outra opção. Mas sir John pode só estar precisando dos remédios. Quanto a você, Greystoke, entre e tire esses trajes molhados. Não quero que adoça.

Apressado, Dominic levou os baús para dentro. Ao retornar, não encontrou mais a criada dos Pettifer, nem a égua. Ela teria ido buscar o médico sozinha? Não podia ser. Era uma criada, e criadas não sabiam cavalgar. Devia ter deixado o animal fugir, isso sim, e àquela altura estaria tentando recuperá-la. Meneou a cabeça. A jovem haveria de achar que seria castigada por ter perdido a égua. Que, aliás, nem era dele!

Soltando uma imprecisão, Dominic voltou aos estábulos, onde selou Hex, vestiu seu sobretudo negro e tornou a sair para a tempestade. Primeiro, encontraria um médico, e depois procuraria por Greystoke.

Demorou mais de uma hora para Dominic encontrar a casa do doutor e, quando o conseguiu, estava furioso. A vila era um lugar repleto de tolos; cada um dos que abordara pedindo a direção do médico lhe dera uma orientação diferente. Acabara encontrando-o por acaso ao bater em mais uma porta para pedir informações. E a casa ficava até bem próxima de Wolfestone. Se tivesse sabido antes... Mas, para sua decepção, a mulher do médico disse que ele saíra e que não sabia para onde, nem quando ia voltar.

— E ele não cuida de ciganos — arrematou, batendo a porta em seu nariz.

Dominic soltou mais uma imprecisão. Aquela tarde, definitivamente, não estava lhe trazendo sorte.

Irritado, tornou a bater, com mais força. Quando a mulher abriu uma fresta, enfiou a bota no vão e avisou que lorde d'Acre exigia a presença de seu marido o quanto antes, e que sir John Pettifer sofrera um acidente.

Os olhos dela se arregalaram.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Lorde d'Acre? Oh, eu não sabia que ele tinha vindo a Wolfestone! E quanto a sir John, que tristeza! Mandarei um menino buscar meu marido e enviá-lo ao castelo agora mesmo! E, por favor, diga a lorde d'Acre que...

— *Eu* sou lorde d'Acre. — Dominic retirou o pé da porta, — Do lado cigano da família.

E, antes que ela pudesse se recompor do susto, fez questão de fechar ele próprio a porta em seu nariz.

— Estão dizendo que o demônio em pessoa anda cavalgando por aí, esta noite. — Vovô Tasker se aquecia junto ao fogo.

A taverna da vila estava ficando mais e mais lotada, apesar do mau tempo.

— É, eu o vi, mas só pela janela. Mas minha esposa falou com ele. Tinha olhos como se fossem janelas para o inferno, ela me disse. Mandou-o para o leste, para o campo.

Os demais se interessaram pela história do habitante local. E outro deles opinou:

— Ele era bem alto e estava todo de preto. E montava um cavalo branco. Quando veio falar conosco, nós o mandamos para o sul, em direção à igreja.

— Também cheguei a vê-lo — acrescentou um velhinho que acabava de chegar. — Perguntou pelo doutor, mas eu tive logo certeza de que se tratava do demônio. Por isso, o enviei para o oeste, para que se perdesse no pântano.

Os três homens se orgulhavam da forma como enganaram o diabo. Vovô Tasker se inclinou para a frente e indagou:

— Sabem quem mais estava cavalgando por aí esta noite? Nossa Dama de Cinza!

Todos os queixos caíram, tamanho o espanto causado pela revelação. E ele prosseguiu, seguro de si:

— Vovó Wigmore a avistou, no meio do temporal. Até falou com ela!

— Não diga!

— Digo, sim. Foi sua primeira aparição numa noite em setenta anos! E sabem quem a dama procurava?

Todos se aproximaram mais.

— O doutor! — opinaram em uníssono.

— Pois então! — Vovô Tasker, continuou: — Ela veio buscá-lo para colocá-lo em segurança!

— Também a vi! — interferiu Mort Fairclough. — Cavalgava ao vento, num cavalo feito de névoa e coberta por uma capa tecida com fios de teias de aranha, que brilhava na chuva. Bem, e agora, quem vai querer outra rodada?

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Capítulo II

Minutos depois que Dominic entrou no estábulo, o vento diminuiu e a chuva parou tão de repente quanto começara. O silêncio que se seguiu foi quase inacreditável.

— Mas que beleza... — comentou ele, com ironia, totalmente encharcado.

Vira um pequeno coche parado diante da casa. Poderia ser o médico, mas já? Como?

Levou Hex para uma baia, para tirar-lhe a sela velha, quando viu sua própria sela pendurada, seca e limpa, e a égua cinza segura, escovada e cuidada. Pelo visto, Greystoke encontrara o animal. Devia estar no castelo, então.

Assim que entrou no hall, a srta. Pettifer veio correndo em sua direção.

— Oh, graças a Deus o senhor está bem! Para onde foi, afinal?

Dominic abriu a boca para responder, mas ela prosseguiu:

— Papai melhorou um pouco, mas o dr. Ferguson quer que fique na cama. No entanto, nenhum de nós consegue erguê-lo para levá-lo para cima. Poderia fazer esse favor?

— Como o médico chegou aqui tão rápido?

— Greystoke, minha acompanhante, foi buscá-lo. Não sabia?

— Não.

— Mas deu-lhe seu cavalo e sua capa...

— De fato.

Grace abriu a porta dupla da sala, e um homem alto e magro apareceu, apresentando-se:

— Ferguson, milorde. Sou o médico da região. — Estendia a *mão*, e Dominic apertou-a com firmeza.

— Como está seu paciente?

— Não se feriu, mas ficou transtornado, eu diria. Quando estiver lá em cima, despido, poderei examiná-lo melhor e ver a extensão de suas contusões. — O olhar do médico era direto e trazia um significado que Dominic compreendeu de imediato: a situação de sir John era mais grave do que ele fazia parecer.

— Eu o levarei para cima, então, mas não sei a situação do aposento.

— Greystoke já foi para lá, para arrumar tudo. — A srta. Pettifer enrubesceu um pouco.

— Mesmo? — Dominic arqueou as sobrancelhas.

Tinha imaginado a criada lá fora, perdida na borrasca, e, no entanto, ela não só fora buscar o médico como estava bem, e trabalhando!

Inclinou-se para erguer sir John nos braços, mas Melly o impediu:

— Não, não! Milorde está todo molhado!

Calado, mas irritado, Dominic despiu o paletó e a camisa, e usou um dos lençóis que cobriam um móvel para se secar. Durante todo o tempo, a srta. Pettifer manteve-se olhando para o chão.

— Fiquei melhor agora? Ou prefere que eu tire a calça também?

Ela ficou quase roxa, mas nada disse.

— Muito bem. Vá na frente, srta. Pettifer.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

A acompanhante se achava no topo da escadaria. Não estava mais encharcada como antes, mas ainda usava as roupas úmidas, e seus olhos brilhavam como sempre.

— Lorde d'Acre — murmurou, com uma pequena medida. Mas seu tom ainda demonstrava sua zanga por ter sido beijada por um nobre. Talvez isso a incomodasse mais do que se ele fosse apenas o cigano que imaginara a princípio.

— Srta. Greystoke — ele respondeu, pronunciando cada sílaba separadamente, divertido.

Seguiu-a até o quarto, cuja cama fora preparada e onde uma dúzia de velas queimava, bem como as achas da lareira. Aquele era, de longe, o cômodo mais aconchegante da residência.

Dominic pôs sir John no leito, notando que, ao contrário da srta. Pettifer, Greystoke não desviava o olhar. Ao contrário, encarava-o como se o estivesse repreendendo por se encontrar desnudo da cintura para cima.

— Eu e o doutor cuidaremos dele — Dominic afirmou. — Vocês duas podem ir fazer algo de útil. Chamaremos, se precisarmos. E... Greystoke, vá tirar essas roupas molhadas.

E, antes mesmo de saber como, Grace e Melly se viram do lado de fora do aposento, fitando a porta fechada.

— Meu pai precisa de mim! — Melly protestou, sem muita firmeza.

— Bem, ele não tem modos, mas creio que está com a razão — Grace comentou, frustrada. — Seu pai não iria gostar que nós duas o despíssemos. Vamos procurar quartos para nos acomodarmos e preparar as camas.

Escolheram um quarto de frente para o que sir John ocupava; assim, Melly estaria perto dele se fosse necessário atendê-lo durante a noite. Era um cômodo de decoração feminina, agradável, cuja janela dava para o lado leste, de onde se podiam avistar as montanhas de Gales.

Havia uma cama maior e outra menor, e as duas moças decidiram partilhar o cômodo. Melly argumentou que teria medo de dormir numa casa tão grande e estranha.

Grace, por sua vez, tinha seus próprios motivos para permanecer ali: não confiava no anfitrião, com aqueles olhos castanhos diferentes e aquele corpo musculoso...

— Sabe, quase desmaiei quando ele tirou a camisa — comentou Melly, parecendo ter ouvido seus pensamentos. — Nem sequer usava uma camiseta por baixo! Fiquei embaraçadíssima.

— É ele não tem modos, mesmo. — Grace vira como

Dominic a fitara. Entendera que ela não estava chocada, e não desviara o olhar, que se interessara pelo que via.

— Este lugar está num estado deplorável! Como milorde pôde convidar alguém para vir até aqui? Devia, pelo menos, ter mandado limpar a residência!

Melly esboçou um sorriso envergonhado.

— Na realidade, ele não nos convidou. A idéia de vir foi de papai.

— Como?! Sem um convite?! Melly Pettifer, seu pai é tão educado! O que o faria agir assim?

— Não sei... acho que...

— Sim?

— Que papai achou que, se forçasse lorde d'Acre a se casar comigo aqui, de onde é

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

mais difícil escapar, ele talvez... talvez mudasse de idéia.

— Um casamento de verdade, você quer dizer? Melly assentiu.

— Você conhece papai. Na cabeça dele, sou linda, e por isso lorde d'Acre não seria capaz de resistir a meus encantos.

Sorrindo, Grace abraçou a amiga.

— Você tem encantos, sim, Melly.

Sabia que ela era leal, carinhosa e doce. Seria uma excelente esposa e mãe. Mas Melly chorava. Por fim, secando o rosto, ela indagou:

— Acha que já terminaram?

— Por que não vai até lá, bate na porta e pergunta? Terminarei de arrumar tudo por aqui e depois vou descer para procurar aquecer um pouco de água.

— Oh, sim, por favor! Eu adoraria um chá bem quente. Quem acha que poderia nos preparar algo para comer? Estou faminta.

— Verei o que posso fazer.

Grace sabia fazer chá, mas o jantar era algo mais difícil. Melly, por sua vez, tinha bons dotes domésticos, mas apenas para costura e bordados. De qualquer maneira, alguém teria de cuidar para que se alimentassem.

Assim que Melly ergueu a mão para bater na porta, ela se abriu, e lorde d'Acre apareceu.

— Pode entrar, srta. Pettifer. Melly entrou, deixando Grace e Dominic frente a frente.

Ela procurava não olhá-lo, não notar seu peito desnudo.

— Fiquei preocupado com você, sabia? Por que não me disse que ia buscar o médico?

— Desculpe-me, mas me pareceu a coisa certa a fazer, naquele momento. Sir John precisava dos remédios e do doutor; eu não podia levar a bagagem, mas era capaz de montar e ir até a vila.

— Achei que a égua houvesse se perdido e você tivesse ido buscá-la. Então fui selar meu cavalo para sair em busca do médico.

Grace se sentiu muito culpada.

— Imaginei que isso tivesse acontecido quando voltei ao estábulo. Desculpe-me mais uma vez. Mas achei que fosse entender.

Sério, Dominic a analisou por segundos antes de observar:

— Achei que acompanhantes não soubessem cavalgar.

— Ah... algumas de nós sabem.

— Devia ter me avisado para onde ia.

— Sei disso, mas não me ocorreu que poderia se preocupar. De todo modo, havia prioridades e, além disso, o senhor não teria me deixado ir, teria?

— Não. Já teve tempo para tirar essas roupas molhadas e ainda não o fez.

— Bem, o senhor não é a pessoa mais indicada aqui para falar em roupas... — Um olhar de soslaio para o tórax dele foi o bastante para fazer seu coração acelerar.

— Minha camisa estava encharcada.

— Ah, e acha que eu poderia fazer a mesma coisa?

— Garanto que eu não me incomodaria nem um pouco. — De novo aquele sorriso disfarçado nos lábios dele.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Olhe, meu vestido é de lã, e a lã, caso não saiba, retém calor esteja molhada ou seca. Por isso pescadores usam peças de lã.

— Moça, não tenho o menor interesse em roupas de pescadores, nem nas propriedades da lã. Eu lhe disse para se trocar, e falei a sério. Precisa de ajuda para desabotoar o vestido nas costas ou algo assim? Posso garantir que meus dedos são bem ágeis com botões e laçarotes.

Grace respirou fundo, chocada e furiosa.

— Não, obrigada!

— Então, fique sabendo que se eu a pegar com essas roupas molhadas outra vez, vai se arrepender. — Dominic deu dois passos e se voltou, para acrescentar: — Ou talvez nem tanto.

Grace se lembrou de lhe perguntar algo:

— Por que não me disse, assim que nos vimos, que era lorde d'Acre?

— Que diferença teria feito?

— Nenhuma. Exceto que é noivo da srta. Pettifer, o que torna seu comportamento ainda pior. Mesmo sendo nobre, tem de aprender bons modos!

— Mesmo? Sendo assim, pode me ensinar quando quiser, olhos brilhantes.

— Como chego à cozinha? — Grace indagou, entre os dentes, querendo sair dali o quanto antes. — Este castelo, apesar de encantador, parece um labirinto.

— Acha-o encantador?

— Sim. Muito. O senhor não?

— Não. É feio e inconveniente.

— Não fale assim! A gárgula poderia ouvi-lo, e suas palavras feririam seus sentimentos.

Dominic fez uma careta.

— Gárgula?

— Não a viu? Lá embaixo, na viga acima da entrada. Entalhada em carvalho, creio, com uma cara maravilhosa.

— Ah... E essa gárgula tem sentimentos...

— Evidente. É a guardiã da residência. No momento, está empoeirada, cheia de teias de aranha e deve estar se sentindo abandonada e sozinha.

Dominic assentiu, devagar.

— Entendo.

— E não é do tipo assustador de gárgula. Tem uma expressão sábia e benevolente. Vai trazer amor para cá, milorde vai ver.

— Duvido.

— E sua casa não é feia! — Ela não dava atenção aos comentários dele. — É bela e excêntrica, e poderia ficar fantástica se fosse bem cuidada.

Dominic, porém, não estava interessado. Mesmo assim, Grace seguiu em frente, agora apontando para as escadas de pedra logo atrás de si.

— Aquelas escadarias, por exemplo. Adoro vê-las tão gastas. Já imaginou quantos pés passaram por ali? Gerações de ascendentes seus! Não fica emocionado?

— Nem um pouco. Os degraus são perigosos por estarem tão desgastados. — Ele lhe deu as costas.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— A cozinha, por favor!

— Não faço idéia de onde fica.

— Mas como? Esta casa é sua!

— Nunca estive aqui antes deste dia. Grace entreabriu os lábios, chocada.

— Milorde, esta é a propriedade de seus ancestrais!

— E. Deles, não minha. Deve conhecer a casa melhor do que eu, visto que encontrou o quarto para sir John. — Ele franziu as sobrancelhas. — Por que quer encontrar a cozinha, afinal?

— Preciso de água quente.

— Claro— Havia malícia na voz dele novamente. E um sorriso lascivo apareceu em seus lábios. — Ia me dar um banho e me esfregar, se bem me lembro. Muito bem, achamos a cozinha juntos. Mas devo avisá-la de que há partes mim que são mais sensíveis e devem ser lavadas com carinho.

Grace engoliu em seco e o entretou:

— O único motivo pelo qual pretendo ir até a cozinha é fazer chá para Mel... para a srta. Pettifer.

— Ah! Quer dizer que não me esfregará?!

— Preferiria fervê-lo em óleo!

Dominic deu risada e se afastou pelo corredor. Grace permaneceu ali, olhando-o, agora notando a largura de seus ombros. Esfregá-lo. Com efeito! Lorde d'Acre só falava indignidades, isso sim!

E durante o tempo todo que despendeu procurando pela cozinha, Grace avaliou: como era possível que um homem de quase trinta anos jamais tivesse estado no castelo de seu pai? Dominic era um mistério. Num minuto, brincalhão e provocador; no outro, reservado. E atraente de qualquer maneira.

Por fim, Grace encontrou a cozinha, antiga e feita em pedra. Era como se tivesse voltado no tempo até a Idade Média. Sua irmã Faith certa vez lhe dissera como as esposas dos soldados costumavam acompanhá-los nas campanhas pelo país. Cozinham para eles em qualquer lugar. E naquele momento, com o estômago roncando, Grace se dava conta de que cozinhar era uma verdadeira arte. Um dom.

Lembrou-se do jardim, onde lhe parecera ter visto uma horta. Legumes eram usados em sopas. Bem, teria de saber se era ou não capaz de preparar uma sopa e alimentar todos ali, como se fossem um verdadeiro exército.

Lá fora, numa primeira olhada, avistou apenas ervas daninhas. Por fim, notou as boas ervas, crescidas além da conta, mas úteis ainda. Apanhou salsa, cominho e hortelã. Havia também algumas cenouras franzinas, que retirou com certa repulsa da terra molhada. Respirou fundo e, pondo mãos à obra, conseguiu também desenterrar batatas e um nabo. Poderia transformar tudo numa sopa pelo menos digerível.

Lavou os legumes todos e colocou-os sobre a mesa de trabalho da cozinha, com certa satisfação. Depois, olhando para o fogão, suspirou. Teria de sair e procurar, no galpão que vira atrás da horta, por algumas achas.

Que remédio? Limpou as mãos e foi até lá.

O lugar estava imundo e cheio de teias de aranha, mas encontrou lenha; e também um machado. Claro. As achas eram grandes demais para serem transportadas. Isso signi-

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

ficava que, antes de ser Grace, a cozinheira, teria de ser Grace, a lenhadora. E pensar que imaginara grandes aventuras no Egito. Teria suas aventuras ali mesmo.

Respirando fundo, pegou um pedaço de madeira, ajeitou-o sobre a tora apropriada para isso e ergueu o machado pesado, como vira os homens fazerem.

O golpe foi ótimo, forte, e fez a lâmina prender-se no chão, longe da acha. Grace lutou para reerguer a ferramenta, e acabou conseguindo. Novo golpe, agora certo, mas não forte o suficiente para rachar a madeira. Tentou de novo e golpeou o lado da acha, o que causou uma dor terrível em seu punho e braço.

— Droga!

Olhou para o machado com raiva. Cortaria a madeira, custasse o que custasse!

Levantou o machado mais uma vez e foi tentando, repetidas vezes, até que conseguiu separar a madeira em pedaços menores. Quando foi recolhê-los, porém, sentiu suas mãos muito doloridas.

— Mas o que está acontecendo aqui?!

Aquela voz poderosa soando logo atrás dela a assustou. Com as mãos em brasa por causa do esforço, Grace se voltou para encarar lorde d'Acre.

— Por que está rachando lenha? Isso não é trabalho para... Machucou-se, não é? — Ele baixou o olhar para as mãos dela com uma imprecisão em outro idioma, aproximou-se. — Deixe-me ver.

O instinto de preservação a fez se afastar, mas Dominic insistiu, tomando-lhe os pulsos.

— Há uma lasca enfiada em sua pele.

A dor trazia lágrimas aos olhos dela, mas Grace aprendera havia muito que o truque para impedi-las de rolar era pensar em outra coisa. Assim, fitou ao redor; podia concentrar-se na aranha que subiu pela pilha de toras, ou olhar para lorde d'Acre. Como tinha medo de aranhas, preferiu ficar olhando para ele.

Os traços de Dominic eram firmes. Ele estava sério, como se tivesse se zangado. Grace podia sentir-lhe o cheiro, peculiar e atraente. Notou-lhe o contorno da boca, bem-feito. E o rosto... Não havia ali traços de muitas risadas.

Dominic apertou em torno do ferimento, aumentando a dor.

— Calma, Greystoke. Vou tirar a farpa — Dominic sussurrava, tentando, talvez, ser reconfortante; mas tudo o que conseguia era fazer Grace tremer por dentro.

Já era suficiente ele ser malicioso — escandaloso, até — no que dizia. Mas quando era carinhoso... como agüentar? Ainda bem que Dominic tornara a vestir a camisa.

— Está bem.— Grace agia como todas as meninas Merridew foram ensinadas: com bravura.

Notou que Dominic erguia o olhar para ela, e que suas pupilas brilhavam. Engoliu em seco. Ele estava tão próximo! Por uma fração de segundo, teve a impressão de que ia beijá-la. Por isso, fitou as vigas do teto e comentou:

— Olhe quantas teias! Sua noiva, a srta. Pettifer, detesta aranhas.

— Mesmo? — Sem mostrar interesse pelo comentário, ele voltou a atenção à mão dela.

Grace tornou a admirá-lo. Agora via seus cabelos negros, um pouco ondulados conforme

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Devia estar ficando louca. Dominic era um estranho! E o futuro marido de sua melhor amiga!

Exótico. Essa era uma palavra que o descrevia bem. Exótico e atraente. Com aqueles olhos estranhos, de uma cor tão rara... Grace teve um sobressalto quando ele a encarou. Sentiu os lábios ressecados e passou a língua por eles, tensa como uma corda de violino.

— Imagino que não tenha uma pinça consigo... — ele murmurou.

— Não, claro que não.

— Bem, então terei de fazer do modo antigo. Grace arregalou os olhos quando ele baixou de novo a cabeça e colou a boca no ferimento. O inesperado da ação a fez curvar os dedos e praticamente acariciar-lhe o rosto. Mas a força das mãos de Dominic a impediam de se mover.

Seus olhares se cruzaram mais uma vez. Grace cerrou as pálpebras, querendo evitar a sensação que a tomava. Foi um erro. Sem a visão para mantê-la alerta, seus demais sentidos se libertaram.

O toque da boca de Dominic, de sua língua, fizeram acelerar sua respiração. Com a mão livre, Grace segurou-lhe o braço, buscando equilíbrio, pois as sensações a deixavam tonta. Sentiu-o aproximando-se mais, procurando uma melhor posição para retirar a lasca...

Dominic notou que ela ofegava. Podia perceber que a bela Greystoke se deixava envolver; sorriu de leve. Ela seria sua. E seria bom entre ambos. Sem dúvida a jovem criada era inexperiente, mas estava cedendo. Sua língua explorava a superfície ferida de sua palma, experimentando o gosto de sua pele, de seu sangue, instigando seus mais primitivos instintos. No entanto, devia mantê-los sob controle.

Com os dentes, prendeu a ponta da farpa. Devia estar doendo, mas Greystoke não demonstrava. Lambeu o local, e ela estremeceu. Sim, em breve aquela belezinha seria sua, com toda a certeza.

Sugou com força, de repente, e ela suspirou, de dor e prava

Estava agora com a lasca de madeira entre os dentes, e cuspiu-a no chão, dizendo:

— Era grande. Vejamos se ainda ficou algum pedacinho pode ser perigoso deixá-los em sua carne. Se inflamar poderá causar até mesmo sua morte.

— Isso é o que eu chamo de incentivo...

Dominic continuava a analisar o ferimento.

— Não vejo nada. No entanto, é melhor enfiar a mão em água bem quente por alguns minutos. Mas preste atenção constante à pele. Se começar a ficar vermelha e inchada é porque está infeccionando, e aí teremos de fazer uma punção.

— Obrigada.

Grace se afastou em direção à porta, sentindo as pernas fracas e ainda arrepiada pelo que acabara de acontecer. Talvez estivesse ficando resfriada, afinal. Esses deviam ser os sintomas.

— Bem, agora irei até a vila para tentar arranjar alguns camponeses que aceitem vir trabalhar aqui, amanhã. Faz idéia de quanta ajuda vai precisar, Greystoke?

Ela se pôs a encará-lo, sem nada dizer.

— Mandarei que venham uns doze para que você possa escolher quem contratar. Serão apenas duas semanas de trabalho, visto que não pretendo ficar por aqui. Ah! E nesse meio tempo, não quero pegá-la fazendo algo tão estúpido quanto cortar lenha, certo?

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Grace não gostava do jeito autoritário dele, mas preferiu ser suave:

— Disse que devo enfiar a mão na água quente?

— Sim. Bem quente.

— E não devo cortar lenha?

— De modo algum.

— Sendo assim, como sugere que eu aqueça água? Dominic arregaçou as mangas da camisa e apanhou o machado.

— Afaste-se.

Ela obedeceu, apesar de estranhar aquela atitude. Um lorde cortando lenha? E Dominic o fez, com mestria. Rápido e preciso.

— Já cortou lenha antes — Grace afirmou, com certeza.

Sem responder, ele seguiu em frente, partindo muitas das achas maiores. Enquanto isso, Grace ponderava. Viera até aquele castelo para resgatar sua amiga daquele homem. Que por sinal era magnífico. Melly iria querer ser resgatada?

Lembrou-se da sensação de ter aquela boca na palma de sua mão e tornou a estremecer. E se aqueles lábios tivessem estado em sua boca outra vez?

Dominic continuava o serviço, furioso consigo mesmo. Era culpa sua a jovem criada estar ali, ainda molhada, com a palma da mão ferida por uma farpa de madeira. Devia ter previsto a necessidade de fogo na cozinha, mas sua intenção mais urgente era mandar sir John e a filha de volta a Londres o quanto antes. Chegar sem um convite, onde já se viu?! Forçarem-no a ir a um lugar que jurara jamais ver! E, não bastasse, trazendo aquela garota de olhos magníficos, suave e linda.

Podia sentir o olhar dela sobre si. Não ouvira um só gemido enquanto removia a lasca; apenas um suspiro quando a pegara desprevenida, nada mais. Qualquer outra mulher, com exceção de uma, teria gritado, esperneado, feito um escândalo.

Sua mãe também fora capaz de suportar a dor em silêncio. E isso era algo que certas mulheres aprendiam a agüentar da forma mais difícil.

Erguia o machado seguidas vezes, partindo a madeira. Era algo estranhamente gratificante. Tinha de fazer algo para dissipar a tensão que o invadia.

Podia sentir o cheiro dela, e seu gosto ainda estava em sua língua. E queria mais.

Droga, não planejava nada daquilo! Mas a srta. sardas, com sua pele suave e seus olhos fascinantes, fazia-lhe o sangue correr mais depressa nas veias, como jamais antes.

Terminou com a lenha e depositou o machado, sentindo-se suado sujo e nada aliviado. Curvou-se e pegou um feixe, ordenando:

— Apanhe as lascas e coloque-as naquele saco de pano. Vamos usá-las para começar o fogo.

Grace o atendeu e se apressou na frente dele, para abrir porta da cozinha. Dominic tentou não notar a forma como as curvas dela apareciam por baixo do vestido grudado em seu corpo, mas foi impossível.

Na cozinha, viu logo os legumes sobre a mesa e estranhou:

— O que é isso?

— Alimentos que apanhei em sua horta. Espero que não se importe. Achei que poderia preparar uma sopa, já que não temos mais nada.

Dominic se perguntou se aquilo seria uma crítica mordaz a sua falta de hospitalidade.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Agachou-se diante da lareira e pediu:

— Arranje-me um pedaço de papel.

Grace lhe passou um jornal velho. O breve toque de suas mãos o inquietou mais uma vez. Lã molhada. E o cheiro dela envolvendo-o...

— Andei pensando... Onde arranjou a faca para cortar os arreios dos cavalos? — indagou, para distrair a mente.

— Estava comigo.

— Costuma andar armada?

— Sim. Como minha mãe e duas de minhas irmãs, além de uma tia-avó e várias outras senhoras que conheço.

Dominic sabia que as únicas mulheres que andavam armadas eram as da noite...

— E todas elas carregam facas?

— Não. Pistolas. Mas sei de duas que portam facas. Na verdade, Elinore sempre leva consigo uma espécie de alfinete muito grande, e Cassie, uma adaga.

Dominic arqueou as sobrancelhas. Damas de companhia sempre vinham de boas famílias, cujas mulheres tinham sofrido algum revés na vida e tentavam se reerguer de uma forma honesta, com trabalho duro.

— Onde guarda sua faca?

— Dentro da bota. Quer as lascas menores agora? Dominic estendeu a mão para recebê-las e olhou para as manchas das botas dela, que apareciam embaixo da saia.

— Não acredita em mim, não é? Pois veja por si mesmo. — Grace estendeu a perna e mostrou a ele um cabo de osso.

Ora, ora, e não é que ela tem belas pernas?

— Interessante.

— Eu lhe disse que...

— Não vi nenhuma sarda em sua perna. Claro que a outra pode estar coberta delas. Afinal, sardas são bastante imprevisíveis. Aparecem nos lugares mais incríveis.

Grace respirou fundo, mas se recusou a cair na armadilha que Dominic preparava. Ao vê-lo acender as chamas, comentou:

— O senhor é bem rápido com isso. Dominic se levantou.

— Este fogo vai durar a noite toda. Muito bem, vamos lá.

— Aonde?

— Eu lhe disse para tirar esse vestido molhado.

— E o tirarei assim que...

— Não estou acostumado a ser desobedecido, Greystoke. Grace deu um passo atrás, mas ele a agarrou pelo pulso.

— Venha comigo, moça. — E a arrastou consigo de volta ao hall de entrada.

Grace o acompanhava com dificuldade, quase espumando de raiva. Pararam diante dos baús de viagem.

— Muito bem, qual deles é seu?

— Aquele.

Dominic o ergueu e, com o corpo, foi empurrando Grace de volta à cozinha. Lá, colocou-o em cima da mesa e abriu a tampa. E, sob os protestos dela, foi tirando tudo de que Grace iria precisar para uma troca total de roupas. Quando pegou as peças íntimas,

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

rendadas, comentou:

— Bonitas demais para uma acompanhante. Mal posso esperar para vê-las em você. Ou fora de você, talvez.

Grace se horrorizou.

— Será que não tem um pingão de vergonha?!

— Não mesmo. Você tem?

Furiosa, Grace arrancou os trajes das mãos dele, que sorriu.

— Certo, Greystoke, qual vestido vai querer? Este cinza ou aquele cinza? Nossa, quanta coisa cinzenta!

Ela bateu a tampa do baú, fechando-o. Dominic, por sorte, tirara a mão a tempo.

— Posso escolher sozinha!

— Mas não o fez, apesar de eu lhe ter dito várias vezes que devia se trocar!

— Três.

— O quê?

— Disse três vezes para eu me trocar.

— E por que não o fez?

— Não pode me dar ordens; não é meu patrão.

— Não. Você não é minha criada ainda. Mas sou o dono desta casa e mandei que se trocasse. E irá descobrir, srta. olhos brilhantes, que minhas ordens devem ser obedecidas!

— Ora, pare de me chamar assim! Meu nome é Greystoke, e já lhe disse que jamais me resfrio, e que me trocaria em breve. Mas, caso não tenha notado, sir John está muito doente, e esta residência não tem criados. Portanto, alguém tinha de arrumar a cama para ele e acender uma lareira! Alguém ainda tem de fazer chá e comida e, ao que tudo indica, esse alguém é a criada que serve de companhia à srta. Pettifer!

Dominic assentiu. Tirou um relógio do bolso e disse:

— Tem dez minutos. Esperarei do lado de fora enquanto se troca.

— Não ouviu nada do que eu falei?! Sir John está...

— ...sendo cuidado pelo médico. E ninguém morrerá por falta de chá. Nove. —

Dominic caminhou com toda a calma até a porta. — Se não estiver com trajes secos quando eu retornar, eu mesmo tirarei esse horrível vestido de você, e também tudo o que estiver usando debaixo dele. E a enxugarei de cima a baixo. Em seguida, colocarei sobre sua linda pele aquelas adoráveis peças de renda e, apesar de considerar um sacrilégio, as esconderei sob outro de seus vestidos cinza.

— O senhor não ousaria! — Grace estremeceu, imaginando a cena.

Dominic piscou-lhe, tocou a maçaneta e afirmou:

— Ah, eu ousaria, sim! E, como não tenho um pingão de vergonha, vou adorar cada segundo. Jamais vi sardas como as suas, e minha mente fica especulando se as teria espalhadas por todo o corpo. Ou não. E, se não, onde elas deixariam de aparecer?

Grace levou as mãos ao peito, num gesto instintivo de autoproteção. O olhar dele as acompanhou.

— Aí, suponho. Ou mais para baixo? Sem dúvida não irão até seus tornozelos. Já vi até pouco acima deles. — Mais uma vez, ele sorriu com malícia. — Bem, veremos.

— Nem sobre meu cadáver!

— Evidente que não estará morta, Greystoke. Vai estar, isso sim, muitíssimo viva.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Sete minutos. — E Dominic se foi, fechando a porta atrás de si.

Por alguns segundos, Grace esteve tentada a pôr a ameaça de lorde d'Acre à prova. Ele não lhe arrancaria as roupas. Ou talvez sim, uma vez que não sabia quem ela era de fato. E, para muitos nobres, criadas eram presas fáceis.

Vasculhou seu baú, recusando-se a vestir o que ele escolhera. E Dominic tocara suas roupas íntimas! Aquilo a enchia de vergonha e de calor.

Com movimentos rápidos, despiu-se e vestiu trajes secos, praguejando baixinho conforme o fazia. Mas não havia palavras ruins o suficiente para dar nomes a lorde d'Acre.

Fechou o último botão. Nunca se compusera tão depressa. Virou-se de costas para a porta fechada, começando a se concentrar na sopa que ia começar a fazer.

Descascou e picou os legumes, achando-os duros. Mas ficariam moles com o cozimento. O local onde a lasca de madeira a ferira ainda doía, mas sua sorte era que fora na mão esquerda.

Colocou tudo numa panela com água fervendo e esperou.

Já se tinha passado bem mais tempo do que Dominic lhe dera para se trocar, o intrometido! Mais dez minutos se foram e só então ele retornou. Também se trocara e penteara os cabelos para trás.

— A srta. Pettifer reclamou da demora de seu chá, e o doutor disse que quer o dele sem creme e com duas colheradas de açúcar — informou.

Grace arregalou os olhos. Esquecera-se do chá!

Fingindo calma, visto que Dominic se aproximara e seu coração estava mais acelerado do que o normal, colocou a erva numa chaleira, evitando encará-lo.

— Imagino que a srta. Pettifer goste de seu chá muitíssimo forte...

Grace cerrou os dentes. Colocara erva demais na chaleira.

— E, ela gosta, sim. — Não daria o braço a torcer.

— Doze colheres de erva é uma enormidade. Porém, o doutor prefere o dele mais fraco.

— É?

— Claro que você sabe fazer chá melhor do que eu. Na verdade, prefiro café.

Mais irritada ainda, Grace imaginava por que não tinha uma boa resposta para dar num momento assim. Ainda mais quando se sentia tão atraída pela gota d'água que teimava em ficar ali, pendurada, na ponta de uma mecha que se recusava a ficar para trás, como o resto dos cabelos dele.

— Está pingando. — Grace indicou-lhe a testa com um gesto.

Dominic passou a mão pelos cabelos, indiferente.

— Como vai sua mão?

— Ótima.

— O que está cozinhando?

— Sopa.

— Mesmo? Quanta iniciativa! Já fez isso antes?

— Muitas vezes. De qualquer forma, não tenho muita escolha, certo?

Grace foi picar o restante do nabo.

— Quer que eu termine isso?

— Não, milorde, obrigada. Posso cuidar disso sozinha.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Ainda dói?

— Já lhe falei que minha mão está bem, obrigada. Com olhar firme, ele a analisou por instantes.

— Está zangada comigo?

— Lógico que não. Não é sua culpa ter sido criado sem modos e sem moral. E estou agradecida pelo fogo e pela madeira cortada.

Um sorriso franco apareceu nos lábios dele.

— Não quero sua gratidão. — Com dois passos, colocou-se junto dela, enlaçou sua cintura e completou, antes de beijá-la: — Quero você.

Surpresa, Grace tentou soltar-se, mas foi em vão. Procurou chutá-lo, mas lordes d'Acre bloqueou seus movimentos com facilidade e a apertou contra a parede, de uma forma quase escandalosa.

Grace podia sentir-lhe o calor, a pressão dos músculos. Ia gritar, mas ao abrir os lábios ele aprofundou o beijo. E ela se sentiu derreter. Seus dedos ganharam vida própria e se crispavam por entre os cabelos dele, e em segundos queria mais, muito mais...

E então Dominic a largou.

Aturdida, Grace tentava entender o que acabara de acontecer. Sua respiração era ofegante, como a dele. E viu o olhar de Dominic passar sobre cada centímetro de suas curvas, numa expressão faminta que a arrepiou.

Percebeu então que seus cabelos estavam desfeitos e apressou-se em ajustá-los de volta no coque. Suas pernas estavam bambas, e as saias do vestido tinham subido um pouco, por conta da pressão imposta pelas pernas dele. De repente, entendeu tudo: acabara de ser beijada e corresponder, sem pudor algum, ao noivo de sua melhor amiga. Tocou os lábios, como para dissipar a sensação que persistia em atormentá-la. Como um simples beijo podia tê-la levado a tamanho desvario?!

— Não vai adiantar — ouviu-o murmurar. — Meu gosto agora ficará em sua boca para sempre. Como o seu ficará na minha.

— Não. Água e vinagre cuidarão de retirá-lo.

Dominic achou graça.

— Não adiantará — teimou. — Estou em seu sangue,

Greystoke. E você no meu. O único remédio para isso será seguir nossos instintos.

— Ótimo, porque meu instinto mais forte agora é dar-lhe uns bons tapas!

Mais uma vez ele deu risada.

— Já teve essa oportunidade antes, lembra?

— Milorde é impossível! E um homem comprometido, como ousa avançar assim sobre mim?!

— Bem, meu acordo com a srta. Pettifer é para um casamento de conveniência. Nada mais do que um acordo de negócios. Pode ter certeza de que ela não nutre sentimentos por mim.

— Como pode falar em casamento de uma forma tão... tão fria?

Dominic deu de ombros.

— O matrimônio é uma instituição fria.

— Que coisa mais horrível de se dizer!

— Greystoke, esse é um fato da vida. As pessoas se casam por dinheiro, por

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

propriedades, por segurança, para melhorar sua posição social ou para ter herdeiros e preservar o nome da família. E se isso não for frieza, então não sei o que é.

— Há quem se case por amor.

— Não, não. E apenas como chamam a coisa. Tenho outro nome para isso: desejo. E uma base financeira é muito mais segura.

— Só para os homens. As mulheres perdem a independência financeira quando se casam.

— Isso mesmo. Por isso jamais entendi por que tantas delas desistem da liberdade só para se casarem.

Grace se espantou. Jamais ouvira um homem expor um ponto de vista assim.

— Talvez achem que é mais importante amar do que serem donas de seus narizes.

— O que as torna ainda mais tolas.

Grace ia refutar, mas estava inclinada a concordar.

— A maior parte delas quer ter filhos, milorde.

— Verdade. O velho instinto maternal. E os homens querem herdeiros. Para isso serve o casamento: garantir herdeiros e propriedades.

Grace ponderou sobre o segundo casamento de tia Augusta com seu adorado marido argentino.

— Nem sempre.

Não conseguia esquecer o que a tia lhe dissera: *Ele podia ter se casado com uma moça virgem, da alta sociedade de Buenos Aires, mas quis ficar comigo, uma viúva baixinha e cheinha sem filhos, já no fim dos trinta anos. E meu querido me ensinou o significado da paixão. Nós dois ardemos, querida. Ardemos!*

Naquela época, Grace não conseguira imaginar que um homem pudesse, um dia, fazê-la arder. Agora era diferente. Mas lorde d'Acre podia fazer qualquer mulher arder, o miserável! Os nobres sempre se aproveitavam das criadas, sem pesar seus sentimentos. Aliás, não devia sequer lhes ocorrer que elas os tivessem. Não importava o quanto Grace se sentisse ardendo e o quanto percebesse que o mesmo ocorria com Dominic. Não poderia haver nada entre os dois. Lorde d'Acre nem mesmo acreditava no matrimônio...

Pensou em todas as suas irmãs, que tinham encontrado maridos apaixonados e dedicados.

— Algumas uniões podem ser maravilhosas, repletas de amor e felicidade, milorde.

— Não acredito que uma garota que carrega uma faca na bota possa ter devaneios bobos assim, Greystoke. Afinal, qual é seu primeiro nome? Não quer que eu continue a chamá-la de "olhos brilhantes", não é? E não gosto de tratá-la pelo sobrenome. Não depois do que houve entre nós.

— Não tenho primeiro nome. E o que acha que houve entre nós? Nada sabe sobre mim, sir. Está noivo da srta. Pettifer, embora ignore os conceitos de amor e lealdade. No entanto, eu os conheço bem! Agora, vá fazer o que pretendia quando o interrompi.

— Engana-se, srta. sem primeiro nome. Sei muito sobre o que chamou de amor. Mas se quiser ministrar algumas aulas...

— Saia! — Grace apontou para a porta.

No entanto, Dominic se achava em sua própria cozinha. Assim, apenas sorriu. A impressão que dava era de que iria agarrá-la de novo e beijá-la daquele jeito. Por isso,

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

quando o lorde se moveu, Grace teve um sobressalto. Mas ele apenas apanhou mais lenha e colocou junto ao fogo, muito calmo; atrevido, até.

Grace respirou fundo. Parecera-lhe tão fácil a princípio passar-se por acompanhante e encorajar Melly a dizer ao pai que não queria um casamento frio com um nobre mais frio ainda. Entretanto, tinha de admitir que aquele cavalheiro — se é que podia chamá-lo assim — não tinha nada de frio.

Dominic ajeitou as achas nas brasas e murmurou:

— Isto vai durar a noite toda. Até mais, Greystoke. Quando o sentiu passar, ela experimentou o cheiro dele.

Lorde d'Acre tinha aroma e gosto iguais: exóticos, proibidos, escandalosos e irresistíveis.

Assim que ele se foi, ela tocou os lábios. O sabor dele permanecia ali, como Dominic dissera que seria.

— Ouvi dizer que a taverna da vila tem excelentes tortas de carne. — Ele voltara e falava-lhe da soleira. — Depois de cortar tanta lenha, fiquei com fome. Boa noite.

Tortas de carne... Grace sentiu o estômago roncar. Fitou os legumes fumegando na água e engoliu em seco.

— Ah, então está aqui! Procurei tanto por você! — Melly exclamou, entrando na cozinha. — O médico já foi embora Disse que não ia mais esperar pelo chá.

— Como vai seu pai?

— Grace, estou tão preocupada! Ele me parece muito mal e insiste na presença de um pastor!

Grace deixou a colher de pau com que mexia a sopa e abraçou a amiga. Melly, chorando, disse:

— O doutor sangrou-o mais de duas vezes, e acho que não adiantou em nada. Papai dorme agora, mas me parece tão fraco!

Grace franziu a testa. Seu tio-avô Oswald costumava duvidar de médicos que gostam de sangrar os pacientes.

— Pediu ao dr. Ferguson para não voltar a sangrá-lo?

— Mais de uma vez, mas ele não me deu a mínima. — Bem, veremos como sir John estará pela manhã. Talvez haja outro médico pela vizinhança. Poderemos obter uma segunda opinião.

— O dr. Ferguson virá logo cedo. Talvez pudéssemos falar com ele juntas. — Melly olhou com certa apreensão para os pedaços de nabo cortados. — O que está fazendo?

— Uma sopa.

— Não sabia que você cozinhava.

— Melly, qualquer um pode fazer comida, se necessário. Além do mais, não temos opção, não é?

— Não? Não há mais nada para comermos? Não encontrou criados na casa? E onde foi parar nosso anfitrião?

— O escandaloso devasso foi até a taverna, na vila. Ouviu dizer que fazem excelentes tortas de carne lá! — Conforme falava, Grace picava ainda mais o nabo, com violência, reduzindo-o quase a pó.

— Estranho ele sair assim, não acha? — Melly espiou para dentro da panela e franziu

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

o nariz. — Milorde não é tão ruim quanto eu imaginava, sabe? Ficou tanto tempo na chuva tentando encontrar o médico para papai... Ajudou a despi-lo, depois. Até mesmo me disse para não me preocupar, pois tudo acabaria bem.

Grace a encarou. O mesmo homem expusera poucos instantes atrás sua idéia sobre casamento da forma mais vil e gélida possível. E Melly sabia que ele saía para se alimentar bem enquanto todos ali permaneceriam famintos!

— Pois é, lorde d'Acre pode ter sido gentil, mas saiu e nos deixou aqui, Melly. Para ir comer!

Melly espiou mais uma vez a sopa.

— E nós teremos de nos contentar com isso.

Batidas na porta dos fundos desviaram a atenção de ambas. Grace foi atender e encontrou um menino, que trazia uma cesta grande de palha.

— Por favor, a senhorita seria Greystoke?

— Sim.

— Milorde mandou isto para a senhorita e os outros. — O garoto enfiou as alças da cesta nas mãos de Grace e abriu um enorme sorriso. — E até me deu uma moeda, só para trazer tudo!

Girando nos calcanhares, Billy Finn saiu em disparada.

Melly tomou a cesta das mãos da amiga e a colocou na mesa, abrindo-a. O cheiro sensacional de tortas de carne ainda quentes encheu o ambiente.

— Que delícia! Você deve ter entendido errado as intenções dele, Grace! Há também pão fresco, queijo e maçãs. E uma garrafa de vinho do Porto! Viu? Eu disse que ele era gentil!

Grace sorriu, assentindo, mas por dentro estava tensa. Não fora um equívoco seu. Dominic fizera tudo de propósito!

Mas como podia ficar zangada com um homem que lhes mandava uma refeição tão excelente?

Tinha de ficar. Melly começava a gostar dele, e era obrigação de Grace se manter distante. E se sua amiga se apaixonasse?

Céus, Dominic a vê como parte de um acordo financeiro! A situação ficava mais e mais complicada. E Grace temia que o coração da amiga não fosse o único ali ameaçado por um amor impossível.

Estendeu a mão e pegou uma torta, deliciando-se com o aroma e o gosto esplêndido.

Dominic se sentou do lado de fora da taverna, com uma caneca de cerveja na mão. Sheba deitou-se a seus pés, com o queixo sobre sua bota, os olhos atentos.

A noite ficara maravilhosa depois da chuva, e o aroma de terra úmida subia junto com o das árvores molhadas, criando uma atmosfera deliciosa.

Dominic olhou para a lua que se erguia sobre o vale. Aquele mesmo de seus ancestrais, os quais desprezava.

E eles lhe deixaram uma propriedade em mau estado. Dominic jamais pensara em pisar ali, mas, agora que o fizera, sabia que demoraria a ir embora. Entregara duas cartas ao dono da hospedaria, para que ele as postasse na agência de correios mais próxima. Uma seguiria para Podmore, advogado da família e executor do testamento de seu pai, e a outra iria para Abdul, seu faz-tudo.

Sorriu. O que os habitantes locais pensariam de Abdul?

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Seja estranhavam sua própria presença.

Dominic notara que se calavam sempre que se aproximava. Mas não se importava. Nunca pertencera de fato a um lugar, e a opinião do povo dali pouco se lhe dava. Jamais imaginara conhecê-los, e pretendia ir embora o quanto antes e não mais tornar a vê-los. No entanto, os comentários a meia voz o irritavam, por isso preferiu ir se sentar do lado de fora.

Tomou mais um gole e fez uma careta. Não gostava de cerveja inglesa, e o taberneiro não tinha nenhum tipo de vinho na adega, a não ser o Porto, que Dominic considerava doce demais para seu paladar. A cerveja, por outro lado, era amarga, pesada e escura. Exatamente como se sentia.

Ficara furioso com sir John e a filha por forçarem-no a ir até ali, mas agora via que fora algo bom. Havia quanto tempo Eades vinha fazendo seu joguinho? O espertalhão fugira assim que Podmore lhe disse para se apresentar em Bristol para conhecer o novo herdeiro, embora não lhe tivesse informado que Dominic encontrou anomalias nos livros da propriedade. Ainda bem que tinha jeito para negócios, ou jamais descobriria o esquema tramado por Eades.

A propriedade vinha pagando salário a uma quantidade enorme de criados durante anos. Contudo, como constatara, o castelo estava sujo e sem cuidado algum. Eades era o vilão, mas Dominic sabia que existia outro grande responsável: seu pai. Ele jamais deveria ter deixado que aquela propriedade se deteriorasse tanto.

Dominic não o entendia. Nunca entendera. Wolfestone era tudo para seu pai, e mesmo assim ele o deixara quase virar ruínas. Que tipo de mentalidade poderia se vangloriar de pertencer a uma família com seiscentos anos de tradição e ainda achar que tudo o que era necessário para dar-lhe continuidade era um herdeiro homem?

Depois que vira o descaso do pai para com a propriedade e a ambição do administrador, Eades, Dominic soube que teria de pôr tudo em bom estado para poder vender por um bom preço. Detestava desperdício. Começara a vida sem nada, e tudo o que conseguira fora a duras penas, por isso valorizava cada detalhe.

Fitou o vale, sem muito interesse; os campos, as colinas, o sol que se punha... Era difícil crer que tudo aquilo seria seu, após seu casamento com a srta. Pettifer. Terras boas, num lugar glorioso. Seria necessário muito esforço para trazer as terras ao que foram um dia. Contudo, fosse quem fosse que viesse a comprá-la, lucraria muito. E a venda de Wolfestone daria bons lucros aos bolsos de Dominic.

Mas teria de viver ali por enquanto, analisava, contrafeito. O castelo era o último lugar da terra em que queria ficar. Uma mansão abandonada. Uma droga de casa!

Que ironia! Quantas e quantas vezes jurara colocar tudo aquilo abaixo? E agora ali estava, planejando como reerguer a propriedade.

E o faria pela memória de sua mãe. Por ela precisava varrer o nome Wolfestone da face da Terra. Quantas vezes surpreendera-a chorando, quando ainda era menino? Ela nada explicava, nunca comentava sobre o castelo, a não ser para dizer que ele entenderia quando ali chegasse.

Entendia agora, sem dúvida. O castelo era a origem dos sofrimentos dela. Por aquela propriedade, uma moça inocente de dezessete anos fora vendida em casamento a um homem mais de trinta décadas mais velho. E, para conseguir seus preciosos herdeiros, ele a forçara a ser sua e a surrara muitas vezes por ver que não engravidava. Por Wolfestone, a

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

pobrezinha sofrera durante anos e, por isso, seu filho agora destruiria aquele lugar.

Dominic bebeu mais alguns goles. As tortas eram, de fato, boas, mas um tanto salgadas. De propósito, ele sabia, para que os frequentadores bebessem mais cerveja.

Uma brisa suave moveu as folhas das árvores. O outono vinha chegando, enchendo o chão de folhas velhas e secas, como se fossem sardas da terra. Sorriu mais uma vez.

Quem diria que iria encontrar uma garota como Greystoke em Wolfestone, coberta de sardas e usando roupas sérias, escuras?

Sheba se sentou de repente, alertando-o. Dominic olhou para a ponte, mas não havia ninguém ali. Billy Finn ainda não retornara.

Mais um sorriso. Adoraria ter visto a expressão de Greystoke quando o menino lhe entregou a cesta.

— Como aquela jovem se tornou uma acompanhante? — perguntou à cachorra. — É tão inteligente e ousada. Acompanhantes costumam ser muito sem sal. Tão passivas...

O animal abanou a cauda, concordando.

Dominic estava intrigado com a família de Greystoke, em que as mulheres andavam armadas. Mas, de certa forma, aquela moça era inocente. Tinha muito o que aprender sobre os homens. E Dominic estava disposto a ensiná-la. Notava que não havia nela o temor e o respeito que deveria ter por um nobre. Greystoke falava o que pensava e pronto. E aqueles olhos! Magníficos! Podia ainda sentir o gosto daquela boca. E seu sangue tornava a ferver só com a lembrança. A dama de companhia não chorara, nem gritara quando ele lhe tirou a lasca de madeira da palma. Onde aprendera a lidar daquele jeito com a dor? O sofrimento não lhe devia ser estranho.

De repente a cerveja pareceu-lhe mais amarga. Mesmo tendo conhecido o sofrimento, ela não se deixava dominar.

— Ousada, inteligente e linda — murmurou, fitando Sheba.

Ela se sentou, erguendo as orelhas. Algo lhe chamou a atenção no jardim, e Sheba saiu correndo para lá.

Vida de acompanhante não era o que Greystoke merecia. O mundo era pouco para ela. E Dominic lhe daria muito mais. Lembrava-se de como a bela jovem o encarara quando dissera que ia comer tortas na vila. Se olhar, matasse!

Ela era forte. Não cederia com facilidade. Mas Dominic tinha certeza de que Greystoke seria sua.

Minutos depois, Sheba voltou, coberta de folhinhas. Deitou um camundongo morto aos pés do dono, abanando a cauda, orgulhosa de si mesma. Dominic a elogiou muito e agradeceu. Afinal, não era todo dia que se ganhava um camundongo.

Greystoke seria assim agradecida pela cesta de comida que lhe enviara? Talvez não.

Meneou a cabeça, ainda mais sorridente, e ergueu a caneca, num brinde mudo.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Capítulo III

As duas amigas estavam em suas camas. — Eu gostaria de jamais ter vindo para cá—queixou-se Melly. — O acidente deixou papai pior, e aquele médico tirou tanto sangue dele que mal pude olhar.

— Procure dormir, meu anjo. Amanhã, talvez ele esteja melhor. Foi um dia difícil para todos.

Houve um longo silêncio. Grace achou que a amiga adormecera, mas, de repente, ela voltou a falar:

— Ele não é tão ruim quanto pensei. — Era óbvio a quem se referia. — E muito atraente, a não ser por aqueles olhos.

— É. — Grace achava os olhos dele lindos; estranhos, mas sensacionais. — Melly, está mudando de idéia quanto a se casar com milorde?

— Não! De modo algum! Só porque fez algumas coisas boas e é bonito, não quer dizer que eu queira desposá-lo! Dominic não é do tipo que se casa, entende? É intenso demais, até assustador. E acho que tem temperamento ruim. Creio que eu sempre ficaria com medo dele, e isso o deixaria ainda mais irritado. E depois, milorde não me quer; não quer filhos. E algo assim eu não poderia suportar.

— Porém, ele poderia mudar de idéia...

— Talvez.

Grace esperou pelo comentário seguinte, mas enfim Melly pegou no sono. E ela, sem conseguir dormir, pensava em tudo que acontecera naquele dia.

Não tinha muita certeza do que sentia por lorde d'Acre.

Os beijos dele viraram seu mundo de cabeça para baixo.

Deu voltas e mais voltas no colchão.

Devo ter comido demais.

Quem sabe se bebesse um copo d'água?

Devia ter trazido uma jarra para cá.

Por fim, levantou-se. Calçou os chinelos, passou um xale sobre os ombros, acendeu uma vela e saiu, em silêncio. A casa estava escura e silenciosa. Sombras surgiam pelos cantos, conforme descia a escadaria.

Na cozinha, Grace se serviu de um copo d'água e, enquanto o bebia, olhou pela janela. Havia claridade dentro dos estábulos. Temendo que fosse um início de um incêndio, correu para lá, na intenção de ajudar os animais.

À entrada, pegou um ancinho. Poderia haver um ladrão ali dentro, à espreita. E Grace percebeu que, numa das baias, alguém se inclinava sobre um cavalo deitado.

— O que faz aí? — exigiu saber, em tom de ameaça. — Levante-se para que eu possa vê-lo. E saiba que estou armada!

— E adoravelmente perigosa — completou lorde d'Acre, erguendo-se para encará-la.

Grace quase largou a ferramenta no chão, tamanho seu alívio.

— Achei que fosse um ladrão. O que faz aqui a esta hora?

— A égua vai parir.

— Céus! E ela está bem? — Grace largou o ancinho num canto e se cobriu melhor

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

com o xale.

— Espero que sim. É jovem, e creio que seja seu primeiro filhote. Greystoke, pode ser desagradável. Então, se não quiser ver...

Grace admirou a cena diante de seus olhos e se esqueceu de tudo o mais. A égua ali deitada não parecia estar muito bem. Lorde d'Acre, a seu lado, lhe dizia palavras carinhosas.

Logo, duas patas pequenas surgiram, e depois a cabeça de um potrinho.

Grace jamais vira algo semelhante. Ficou fascinada, e se pôs a rezar, pedindo a Deus que salvasse as duas criaturas

— Muito bem, minha linda! Você acaba de parir um lindo cavalinho! — dizia Dominic à nova mamãe, sempre com muita docilidade.

Grace se aproximou no momento em que a égua ergueu a cabeça para ver onde estava seu filhotinho. Cheirou-o e lambeu-o com amor, e isso trouxe lágrimas de emoção aos olhos de Grace.

Dominic permaneceu na baia por mais alguns minutos, e quando teve certeza de que tudo estava em ordem, saiu, indo lavar as mãos num balde próximo. Enxugava-as quando viu Grace com o rosto molhado. Seus olhares se encontraram.

— E um milagre — ela sussurrou.

— Sim. E você também é. — Ele a puxou para si, abraçando-a e beijando-a com suavidade.

Mas Grace se afastou logo, lembrando-se de quem era; de quem eram ambos.

— Melly iria adorar uma cena assim.

— Ela gosta de cavalos?

— Na verdade, não. Tem medo deles. Mas Melly sonha com a maternidade. Adora bebês. E vive falando do dia em que poderá segurar seus filhinhos nos braços. Sempre quis ser mãe, desde pequena.

Grace encarou Dominic. Um silêncio estranho os envolvia. E, sem mais nenhuma palavra, ela saiu do estábulo e voltou para o castelo.

Grace abriu os olhos e tentou saber onde se encontrava. Tivera outro sonho.

Olhou para a janela. Amanhecia. Não adiantava tentar dormir outra vez. Durante a noite toda, fora perturbada por seus sonhos. E Dominic Wolfe se achava em todos eles, tentador, assustador, irônico. Falava de casamento, zombava do amor. Havia também uma carruagem que tombava, bebês e uma égua deitada.

Cerrou as pálpebras, afastando tais idéias. Quem era lorde d'Acre, afinal? Um homem frio, dado a pilhérias, mas capaz de cuidar com carinho de um animal. De enviar uma refeição a seus hóspedes indesejados.

Grace não tinha dúvida de que ele a queria, e precisava admitir que era correspondido. Um arrepio subiu-lhe pela espinha com tal pensamento. Dominic parecia não ver nada de mal em se casar com Melly e continuar desejando aquela que ele acreditava ser uma criada.

Grace fitou a cama maior, onde a amiga ainda dormia profundamente. Prometera ajudá-la, e agora não sabia mais como. Se soubesse que Melly estava inclinada a gostar de Lorde d'Acre, não interferiria. Mesmo se o quisesse para si. E queria. Muito.

Sempre achara que jamais sentiria a paixão que suas irmãs descreviam em relação a seus maridos. Nunca poderia entregar-se a um homem. No entanto, via-se prestes a fazê-lo.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Seus planos para suas longas e aventureiras viagens contavam com a determinação de que jamais se apaixonaria. Mas isso porque até então não sentira nada por homem algum.

Como podia estar tão atraída por alguém que mal conhecia, em quem não sabia se podia confiar, que não acreditava no amor e muito menos no casamento? E noivo, ainda por cima!

E Dominic era bonito demais para que Melly não pensasse na possibilidade de vir a se interessar. Além do mais, ele poderia mudar de idéia quanto a ter filhos. Dominic dissera que o matrimônio servia para se ter herdeiros. E Grace acreditava que ele devia ser bom com as crianças. O menino que trouxera a cesta parecia adorá-lo.

Grace queria apenas poder fugir dali, seguir para o Egito com a sra. Cheever, esquecer Dominic Wolfe e seus olhos intensos, seus beijos devastadores.

Estranho. Desde criança pensava em ir ao Egito. Planejava essa viagem como outras moças planejam sua lua-de-mel. Fora a palestras sobre egiptologia e as descobertas recentes realizadas naquela região, e encantara-se com a possibilidade de ver tudo pessoalmente. Começara até a aprender árabe!

Conhecera a sra. Hermione Cheever numa dessas palestras. Ela era uma viúva rica e bem mais velha, que adorava as pirâmides e os mistérios de terras distantes. E iria para o Egito no outono, para visitar seu primo, o cônsul inglês no Cairo, e evitar o rigoroso inverno inglês. Grace poderia acompanhá-la, seria divertido.

Ainda podia fazê-lo. Se partisse logo, iria encontrar-se com a sra. Cheever a tempo de embarcarem. Mas Grace ainda precisava resolver a situação em que se metera.

Levantou-se e foi até o baú, no qual, na véspera, vira um vestido de montaria que lhe servia. Adorava cavalgar e sabia que isso lhe faria bem. Talvez afastasse as idéias confusas que invadiam sua mente.

Arrumou-se rápido e seguiu para os estábulos. Assim que entrou, a égua que montara no dia anterior relinchou, saudando-a.

— Oh, lembra-se de mim, então? — Grace ofereceu uma cenoura ao animal, desculpando-se: — Perdoe-me se está um pouco dura.

Mas a égua não pareceu se importar. Grace também ofereceu cenouras aos outros cavalos, dando duas à jovem mãe. O potrinho mamava. Cavalinhos eram bem mais bonitos do que bebês humanos, em sua opinião. Depois, selou sua égua, com carinho. — Sabe, acho que tenho de lhe dar um nome. Que tal Neblina? Gosta? — Grace conduziu o animal para fora, e lá o montou.

O ar fresco da manhã era convidativo. Cavalgou sem prestar muita atenção por onde seguia. No vale, a construção imponente e sólida de Wolfestone era sempre visível e tornava impossível perder-se.

Trotou até um campo, onde avistou um rebanho bovino. Aquilo significava que por ali deveria haver leite, manteiga e queijo. E havia. A sra. Parry, mulher do fazendeiro, de aspecto amável e maternal, ficou muito feliz por poder servir a uma moça de Londres que se hospedava no castelo. Fez questão de oferecer-lhe um copo de leite quente, fresco, e algumas fatias do pão especial que acabara de assar. E ficou muito contente por poder responder a todas as perguntas de Grace.

Sim, mandava leite, manteiga e queijo ao castelo com regularidade. O jovem Jimmy era quem levava tudo assim que terminava suas tarefas matinais. E se Grace quisesse tam-

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

bém ovos frescos e um pote de mel e de geléia caseira... Além disso, podia recomendar-lhe o melhor lugar para adquirir *bacon*, pão e café.

Os Wigmore tinham o melhor *bacon* da vila. Dizia-se que a sra. Wigmore era uma boa bruxa, de quem não se devia temer nada. Era curandeira, e entendia como ninguém de ervas especiais.

Grace assentiu. Conhecia bem as superstições do campo. Seu avô sempre as desprezara, o que fizera com que todas as garotas Merridew simpatisassem com elas, mesmo que não acreditassem. E o tio-avô Oswald adorava experimentar remédios caseiros para seus muitos pequenos males.

A sra. Parry garantiu que seria fácil encontrar a casa dos Wigmore, porque vovó Wigmore sempre ficava sentada na varanda, visto que não dormia muito. Quanto ao pão e ao café, o melhor de ambos estava na vila. Assim que entrasse lá, o olfato de Grace a conduziria ao lugar certo, onde os melhores pães eram assados. Além do mais, todos ficariam felizes em ganhar algumas moedas, porque os tempos eram difíceis por ali. Jimmy a acompanharia para ajudar a carregar suas compras, e ela mesma lhe daria um pote de seu melhor leite amanteigado.

— Leite amanteigado?

— Sim, senhorita, para sua pele. Deve lavar-se três vezes ao dia com ele para que as sardas desapareçam.

Grace agradeceu muito e partiu. Precisaria refazer as sardas em um ou dois dias, e também colorir a raiz dos cabelos que começava a parecer de cor diferente.

Pouco mais adiante, avistou a casinha que a sra. Parry descrevera, em meio a um jardim de flores e ervas, e com cercas-vivas maravilhosas. Como fora previsto, vovó Wigmore estava sentada num banco de madeira diante da casa, ao sol matinal. E ela logo ficou de pé quando avistou Grace.

— Olá! Deve ser a sra. Wigmore, não? Sou Grace Mer... Sou a srta. Greystoke. — Grace apeou e estendeu-lhe a mão. Para sua surpresa, a velhinha tomou-lhe os dedos e beijou-os, dizendo:

— Seja bem-vinda, senhora. Meus olhos se alegram ao vê-la. Wolfestone precisa tanto de seu auxílio! E maravilhoso que tenha retornado!

Grace compreendeu que a velhinha a confundira com outra pessoa, e sorriu.

— Deu-me instruções para encontrar a casa do doutor ontem à noite, lembra, sra. Wigmore? Muito agradecida. Bem, pensei em comprar um pouco de *bacon*.

— Claro, venha! — A velhinha tirou um pedaço embrulhado debaixo do avental. — Há bastante aqui para o desjejum do castelo. Billy Finn poderá levar mais, depois, para que eu não carregue carga demais em seu cavalo.

Grace estranhou o fato de ela já ter o *bacon* pronto.

— Vamos logo saber quais famílias daqui precisarão mais de sua ajuda, senhora.

Para Grace, a boa senhora falava em código, e passou a descrever várias residências pelas quais ela passaria em seu caminho até a vila. A dos Finn, dos Tasker, dos Tickel...

— Todos aqui precisam muito da senhora!

Grace deu de ombros e achou melhor não discutir. Talvez viesse a precisar de gente para trabalhar no castelo, e aquela senhora poderia indicar-lhe gente boa. Mas, antes que

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

partisse, vovó Wigmore lhe disse:

— Tenho mais uma coisa a lhe dizer: mais adiante, na estrada, por entre as árvores do bosque, está a lagoa Gwydion. É um lugar mágico, mas perigoso para as mulheres. Gwydion é um antigo deus, e se uma jovem é tola o suficiente para ir banhar-se lá... — A velhinha meneou a cabeça.

— Ela poderá se afogar? — Grace se interessou. Era fascinada por lendas.

— Pior! Ele poderá roubar-lhe a virtude!

Grace teve de rir.

— Ah, a jovem senhora não acredita! Mas é verdade! Veja as meninas Tickel. Sua mãe, pobre criatura ignorante, não sabia de nada. Deixava que as meninas se banhassem na lagoa, e veja como estão agora! Claro que não é culpa delas, mas servem de aviso para todas as demais.

— Bem, muito obrigada por me avisar.

— Mesmo assim, senhora, terá de ir até a lagoa e pegar um pouco de sua água.

— É? E por quê?

— Quando for meia-noite, apanhe a água. E lave seu rosto com ela, pela manhã e ao anoitecer. As sardas desaparecerão. —Ela, então, deu detalhes sobre o caminho para a lagoa, e só então deixou que Grace se fosse.

E, como não tinha pressa, Grace foi passando por todas as casas que vovó Wigmore mencionara. Foi muito bem recebida em todas elas, mas o estado em que se encontravam a aturdiu. As pessoas dali estavam vivendo na miséria. A sra. Finn morava com cinco crianças numa casa caindo aos pedaços. Lavava roupa para fora, mas seu filho mais velho, Billy, considerava-se o provedor da família. E nem tinha completado dez anos!

As meninas Tickel viviam com a mãe e a avó, que estava entrevada. Também lavavam para fora, e as garotas realizavam serviços domésticos quando eram necessários. Os Tasker deviam ter sido prósperos no passado, mas Grace ficou sabendo que foram injustamente expulsos de sua fazenda, e agora viviam naquela choupana fazendo o que podiam para sobreviver.

As roupas de todos eram velhas e rotas; não havia evidência de comida em seus lares. Grace foi bem recebida, mas lhe ofereceram água e o parco alimento que devia ser repartido entre todos.

As residências eram pouco mobiliadas, e com objetos antigos, muitos dos quais quebrados ou lascados. Tudo precisava de reparos e melhorias. Quem poderia ser o senhor de tudo aquilo? Grace temia saber...

Melly dissera que Dominic era muito rico, mas à custa de tanta gente!

O sol ia bem alto quando Grace chegou à vila. Comprou vários pães, um pacote de café e outro de chá. Deixou uma lista do que queria para o vendeiro, que a acompanhou até a porta, muito satisfeito. Grace pensava nas casas pelas quais passara, e jurou para si mesma que faria alguma coisa por todos os habitantes.

Assim que entrou na cozinha de Wolfestone, Grace sentiu o aroma de café fresco e viu que o fogo já fora aceso. Pelo jeito, lorde d'Acre agira depressa ao contratar criados. Uma mulher magra, nos fundos, se aproximou, fazendo uma breve mesura.

— Como está, senhorita? Lorde d'Acre disse que eu deveria receber ordens suas. Meu nome é Stokes. Sei cozinhar bem. Aquela é minha sobrinha, Enid. — Ela chamou a

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

moça que se achava à soleira da porta que dava para dentro da casa. — E trabalhadora e não lhe causará problemas. Faça uma mesura, Enid!

A garota se inclinou de leve.

— Que bom que está aqui, sra. Stokes. Você também, Enid. Mas acho que deve haver algum engano. Devem receber ordens da srta. Pettifer, e não...

— Não, senhora. Lorde d'Acre disse srta. Greystoke. Miúda, vestida de cinza e com sardas. Sabe, tenho um remédio infalível para elas, se quiser tentar.

Grace sorriu.

— Obrigada, mas não. Bem, vejo que fez café, e adoraria tomar uma xícara. Eu trouxe *bacon* e pão fresco, e muito mais. Ah! E logo chegará alguém da vila com mais mercadorias.

— Ótimo, senhorita, porque eu mesma já trouxe algumas coisas; o café, por exemplo. Não sabia o que havia no castelo...

— Foi muito diligente de sua parte. A sra. Stokes sorriu, lisonjeada.

— Agradecida. Na verdade, o jovem Parry trouxe suas compras. Venha, vou pôr a mesa e lhe preparar um bom desjejum. Trouxe mel ou alguma das geléias que a sra. Parry faz?

A criada a serviu, com satisfação, e contou que lorde d'Acre contratara muitos outros criados.

Grace passou a língua pelos lábios, tirando deles o pouco de mel que escorrera ao morder o pão.

— Diga: existe no mundo algo melhor do que pão com mel? — Suspirou.

— Posso pensar em uma coisa ou duas. — A voz veio da entrada da cozinha. Lorde d'Acre entrou, sorrindo. — Mas devo admitir que esse desjejum me parece magnífico! Bom dia, srta. Greystoke!

— Bom dia. — Ela mantinha a boa educação, apesar de notar que, como sempre, Dominic falava com malícia.

E isso ficou provado quando lorde d'Acre se inclinou junto dela, segredando-lhe ao ouvido:

Há uma gota de mel no canto de seus lábios. Se permitir, posso lambê-la.

No mesmo instante, Grace passou o dedo pela gota e o encarou, furiosa. Mas Dominic apenas tornou a sorrir. Claro que não iria beijá-la diante da sra. Stokes e Enid.

— Ele vai sangrar papai de novo! — Melly entrou, correndo, desesperada. — Eu lhe disse para não fazê-lo, mas ele me mandou sair e parar de incomodá-lo! Papai já perdeu tanto sangue! Está tão pálido e fraco! Sei que mais uma sangria não lhe fará nada bem.

Grace se precipitou para fora, e lorde d'Acre a seguiu, alcançando-a na escadaria. Subiram ambos a passos largos, com Melly logo atrás. E entraram no cômodo no exato momento em que o médico ia cortar uma veia no braço de sir John. Bastou olharem para o pobre homem para verem que Melly tinha razão. Ele estava pálido e largado sobre a cama.

— Pare com isso! — lorde d'Acre gritou. — A srta. Pettifer já lhe pediu que não o faça!

O doutor se endireitou.

— Sou eu o médico aqui!

— Sim, mas é o pai dela que está sendo tratado, e deve-se atender o que ela quer!

— Pois me recuso a aceitar ordens dessa moça inexperiente!

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Doutor, a srta. Pettifer está preocupada com a quantidade de sangue que o senhor já retirou de sir John — Grace argumentou, tentando demonstrar calma. — Ela acha que isso o vem enfraquecendo e, para ser sincera, creio que tem razão. Se pudesse nos explicar...

— Não tenho nada a explicar a ninguém!

— Nesse caso... — Dominic foi até a porta e segurou-a aberta. — Srta. Pettifer, deseja dispensar os serviços deste senhor?

Melly mordida o lábio inferior, sem saber o que decidir. Por isso, o médico se adiantou:

— Bem, se é o que desejam, não vou sangrá-lo hoje, mas, lorde d'Acre, saiba que isso fica sob sua inteira responsabilidade. Sir John está muito mal, e não terei culpa se piorar. — Começou a arrumar suas coisas. — Tenho outros pacientes a visitar. Deixarei este frasco de láudano, para que dêem a ele se sentir mais dores. Voltarei pela manhã, a não ser que ele piore e mandem me chamar antes disso. Mas, se o fizerem, terei de sangrá-lo, pois nada é tão eficaz quanto as sangrias.

O dr. Ferguson se encaminhou para a saída, agastado.

— Nada é tão eficaz quanto uma conta enorme a ser paga — Dominic comentou, assim que o médico se foi.

Os olhos de Melly se arregalaram.

— Oh, mas não posso... não tenho...

— Não se preocupe com isso. Costumo pagar pelos cuidados prestados a meus hóspedes. Agora, ficou satisfeita com o resultado desta discussão, srta. Pettifer?

Ela abriu um sorriso.

— Sim, muito, lorde d'Acre. Obrigada.

Ele não deu atenção ao sorriso, mas Grace, sim.

— Tem tudo de que precisa aqui? — Dominic continuou, para sua provável noiva.

— Acho que sim. O senhor é muito gentil.

— Muito bem, então. Vamos deixá-la para que cuide de seu pai como bem entender. Eu e a srta. Greystoke temos algo a acertar em particular.

Grace ia protestar, mas ele a levou, sem dar-lhe chance para uma reação.

— O que precisamos acertar, milorde? Ainda mais em particular?

Dominic, calado, continuando a andar.

— Obrigada por apoiar Melly — ela insistiu.

— Ora, o sujeito é um mero curioso.

Chegaram a uma sala, onde Dominic a fez se sentar. Em seguida, acomodou-se diante dela, tocando-lhe os joelhos com os seus.

— Primeiro, o mais importante. — Dominic tomou a mão de Grace, onde ainda havia gotas de mel, e levou-a à boca.

Ela se desvencilhou do contato. Um sorriso maroto apareceu no rosto de lorde d'Acre.

— Como é delicioso este mel. É muito parecido com outro, das ilhas gregas. E, lógico, há a mistura de seu sabor nele, Greystoke. Bem, mas vamos a nossa conversa. Há doze pessoas a nossa espera. Quando lhes perguntei por que estavam lá fora, disseram que a Dama de Cinza lhes pedira que viessem.

Grace engoliu em seco.

— O que me diz, Greystoke?

— Veja bem, encontrei alguns camponeses quando saí esta manhã, e uma coisa

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

levou a outra, e eu... lhes ofereci trabalho.

— Contratou criados para meu castelo?! Ela enrubesceu.

— Sinto muito. Sei que foi presunção de minha parte, mas achei que milorde não teria tempo para fazê-lo. Desculpe-me. Só quis ajudar. E aquela gente precisa tanto de trabalho...

— Eles lhe pediram?

— Não, não! Não pediram nada! Mas qualquer um pode ver que vêm passando necessidades, e se alguém lhes estendesse a mão... Há sinais de miséria por toda parte, sir.

— E quais seriam?

— Para começar, as crianças são todas magras, usam roupas remendadas. As casas têm goteiras; algumas estão quase em ruínas, são úmidas. E como não são proprietários dos imóveis, não podem fazer consertos.

Dominic franziu o cenho. Grace prosseguiu:

— Há pessoas que trabalham para sua família, os Wolfe, há anos, e os antepassados delas já trabalhavam aqui! A terra é tão boa! A propriedade deveria ser próspera. Mas o estado desse povo é desesperador!

Dominic respirou fundo, mas continuou calado. Grace imaginou que talvez duvidasse de suas palavras, por isso começou a enumerar problemas:

— Jake Tasker foi despejado de sua fazenda onde sua família viveu por gerações, e tudo porque um incêndio destruiu seu celeiro e os animais que ali estavam. O pai faleceu combatendo as chamas. Assim, a família se tornou incapaz de pagar o aluguel pelas terras; e isso pela primeira vez na vida! E seu administrador...

— Não era *meu* administrador.

— Certo. O administrador dos Wolfe não lhe permitiu mais continuar na fazenda. Jake, sua mãe e seu avô bastante idoso agora vivem numa choupana perto da floresta. Jake e o pobre velhinho fazem qualquer tipo de serviço para poderem sobreviver. Quanto às três meninas Tickel, elas sustentam...

— Está bem! Não sou cego. Sei que tem uma história triste para cada um desta região.

Ela sorriu.

— Apenas para os que esperaram lá fora. — Grace ficou contente por ver que não ferira os sentimentos dele ao falar de sua família e da negligência com que tinham tratado os habitantes locais. Mas, de repente, uma idéia lhe ocorreu, preocupando-a: — Não pode pagá-los? Porque se não puder...

— Minha situação financeira não lhe interessa, Greystoke.

— Claro que não, e sei que é muito vulgar de minha parte tocar nesse tema, por isso, se quiser me mandar cuidar de minha vida...

— Acabei de fazê-lo. De todo modo, mesmo não sendo problema seu, posso pagar quantos criados quiser.

— Que bom!

— Não sei como consegui descobrir tanto sobre essa gente em tão pouco tempo, mas...

— Para ser franca, nem eu mesma entendo. Mas todos agiram como se eu já os conhecesse! Pareciam... querer falar comigo.

Dominic a fitou de forma enigmática.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Creio que posso entender isso.

Um longo silêncio se seguiu. Grace adoraria saber no que Dominic pensava.

— Quer que eu os contrate a todos, Greystoke?

— Sim, por favor.

— Nesse caso, será um favor que faço a você.

— Muito bem, mas também porque são seus inquilinos e precisam muito. E também porque o castelo necessita urgente de uma boa limpeza.

— Mas continuará sendo um favor a você.

— Como queira, milorde.

— Quero, sim. Sabe, podemos até fazer uma troca: contrato todos eles em troca de um beijo. Na verdade, um beijo por pessoa contratada.

Eu sabia que era bom demais para ser verdade! Grace o encarou. Certo, Dominic queria brincar, não é? Então brincaria.

— Só um beijo?

— Sim.

O brilho nos olhos dele era intenso; tinha certeza de que ela concordaria.

— Tenho uma idéia melhor — Grace sussurrou, animando-o ainda mais.

— Estou sempre aberto a novas sugestões.

— Ótimo! Pois eu mesma pagarei os salários deles.

— Como é?! — A expressão de Dominic se transformou. — De jeito nenhum! Não pode fazer isso!

— Por que não?

— Porque você *mesma* é apenas uma dama de companhia.

— Tenho minhas economias.

— Não me importa. Não permitirei. São meus inquilinos, como você mesma disse, e serão contratados para deixar meu castelo em ordem.

Grace continuava a encará-lo, agora de braços cruzados.

— Ora, vamos, Greystoke! Por que a resistência? Um beijo apenas. Momentos de prazer e nenhum dano a suas economias.

Grace se afastou. Não havia economias apenas; era uma herdeira rica. E os beijos dele representavam um grande perigo, mas para seu coração, não para seu bolso.

— Seu preço é alto demais, milorde.

— Nesse caso, que tal um só beijo por todos eles? Claro que terá de ser um muito bom.

— Não. Continua caro demais.

— Mas beijou-me de graça na primeira noite em que nos

— Aquele foi roubado! E sob falsas alegações!

— Do que está falando?

— Eu não sabia, na ocasião, que o senhor era lorde d'Acre.

— Verdade. Achou que eu fosse um cigano, se bem me lembro. E se é assim que me prefere, serei seu amante cigano olhos brilhantes. O que me diz?

— Pare de me chamar assim! E não prefiro nada! Nada tem a ver com sua posição social, mas com o fato de ser noivo da srta. Pettifer!

— Entendo. Porém, isso não explica os outros beijos. Na tulha de lenha e na cozinha,

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

lembra?

— Todos roubados.

— Nada disso. Você sabia muito bem quem eu era e correspondeu a meus beijos.

Com muito entusiasmo, eu diria.

Grace sentiu um calor intenso subir por seu corpo ao recordar. E, pelo jeito de Dominic, constatou que ele tinha consciência disso. O que a deixou furiosa.

— Eu não sabia o que estava acontecendo direito. Ele abriu um sorriso largo.

— Nesse caso, terei de surpreendê-la mais vezes. Porque os resultados são esplêndidos.

E, antes que Grace pudesse sequer piscar, Dominic a beijou com paixão.

Depois, levantou-se e saiu da sala, muito calmo e assobiando.

Dominic parou de sorrir assim que deparou com as pessoas que aguardavam. Já notara o estado deplorável de tudo e todos em Wolfestone e cercanias. A herança de seu pai não era o que esperara encontrar. Em sua imaginação havia um belo castelo normando, luxuoso, com terras prósperas ao redor e inquilinos e criados felizes reverenciando o nome Wolfe. Porque fora isso que ouvira sobre a propriedade e que também fora confirmado nos livros-caixa.

Planejara sua vingança com tanto cuidado! Venderia tudo, inclusive as terras, que dividiria em lotes. Deixaria nome Wolfe morrer, desaparecer, ser esquecido, desprezado talvez, e poria fim à linhagem de sangue da família.

Mas seu pai cuidara disso. Roubara-o pela segunda vez. agora, levava sua vingança.

E naquele momento, diante daqueles rostos miseráveis não podia retroceder; não com o amor-próprio intacto.

Via esperança naqueles rostos magros. Todos haviam se arrumado da melhor forma possível. Podiam vestir trapos, mas eram trapos limpos e cuidados.

— Então, vocês vieram em busca de trabalho — disse, numa entonação sombria.

Um homem alto, de ombros largos, deu um passo à frente.

— Sim, milorde. A Dama de Cinza nos mandou vir.

— E você é...

— Tasker, senhor.

— Tasker. — Dominic voltou-se para o banco de pedra que ficava logo à entrada da residência, onde um velhinho se sentara. — Conversarei com você depois. Quem é o próximo?

Havia dois jovens, mas foi a voz de um idoso que se ouviu: — Por vários séculos os Tasker serviram os Wolfe. — Uma cuspidela se seguiu à afirmação.

Jake Tasker falou com ele, impaciente:

— Por favor, vovô, fique quieto e vamos voltar para casa. Não há serviço para nós aqui.

— Seiscentos anos... — murmurou o velhinho, teimoso. — E a dama nos disse para virmos.

Dominic começava a se irritar. Aquele senhor se tornava desagradável com sua insistência. Encarou-o.

— Olhem para isso! — exclamou vovô Tasker. — Olhos frios como a neve! Ah, milorde é um Wolfe de verdade. O sangue de Hugh Lupus corre em suas veias, sem sombra

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

de dúvida.

Dominic piscou várias vezes, perturbado.

Jake Tasker fuzilou o avô com o olhar e começou a caminhar em direção aos portões. Dominic franziu o cenho; tinha de falar com ele. Havia discrepâncias nas contas da propriedade, e achava que aquele homem poderia ajudá-lo a entender o que se passara. Gostara da franqueza que notara nele.

— Tasker, aonde pensa que vai?

— Embora.

— Volte aqui!

O homem hesitou, mas depois disse:

— Não adiantará. Não ficarei para ser insultado.

— Ninguém o insultou. De todo jeito, quero lhe falar em particular.

Tasker ponderou por instantes e aceitou voltar, em silêncio, sentando-se junto do avô.

Dominic mandou dois homens ao jardim, para limpá-lo, cortar lenha e fazer qualquer coisa que a sra. Stokes lhes dissesse. Os demais foram enviados para cuidar dos estábulos. Organizaria um esquema de trabalho com horários e tarefas no dia seguinte.

Depois foi a vez de três mocinhas que lhe lançavam olhares significativos e riam sem parar.

— Por favor, milorde, somos as meninas Tickel. Tessa, Tansy e Tilly, e viemos para fazer a limpeza.

— E mamãe mandou limões para que a dama usasse — acrescentou a irmã dela, mostrando a sacola que trazia no braço.

Dominic assentiu.

— Leve-os à sra. Stokes, na cozinha. Ela lhes dará serviço. Na realidade, vocês todas devem ir ter com a sra. Stokes.

As mulheres se apressaram a obedecer, e então Dominic voltou a encarar o velho Tasker. Devia ter mais de oitenta anos, avaliou. O que poderia fazer com alguém tão idoso assim?

— Sr. Tasker... Jake ficou de pé.

— Não o senhor. Eu me referia a seu avô. — Dominic prosseguiu: — Veja bem, alguém com a sua idade...

A expressão do velhinho murchou, fazendo Dominic sentir um aperto no peito.

— Toda a sua experiência será bem utilizada — acrescentou depressa. — Será preciso que... bem... supervisione todos os outros. Sabe como os jovens costumam ser.

Vovô Tasker sorriu, orgulhoso, cutucou o neto e observou:

— Está vendo? Seiscentos anos não são de se jogar fora! A dama nos disse; os Tasker seriam necessários aqui mais uma vez. É melhor eu ir ver o que aqueles rapazes estão fazendo!

Assim que vovô Tasker desapareceu pelo lado da construção, Jake se aproximou de Dominic.

— Meu avô é antiquado. E acredita em coisas antigas também, como a Dama de Cinza. Costuma dizer que ela cuida das pessoas daqui há séculos. E afirma que novos tempos virão quando ela reaparecer. Bobagens. Superstições.

Dominic concordava, sem sombra de dúvida. — Os Tasker não aceitam caridade,

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

milorde.

— Ótimo. Porque não sou nem um pouco caridoso.

Havia menção ao nome Tasker nos registros da propriedade; algo suspeito, mas Dominic não lembrava bem o que era. Por isso, indagou:

— Teve algum tipo de desentendimento com o sr. Eades, não?

— Sim.

— Vou verificar meus papéis outra vez.

— Faça isso.

Ele parecia despreocupado, e Dominic decidiu seguir seu coração.

— Sabe ler e escrever?

— Sei.

— Muito bem. Nesse caso, faça uma lista do que acha que deve ser reparado na propriedade.

Tasker o olhou, desconfiado.

— Está me contratando?

— Sim. Ficaré na posição que Eades ocupava durante um mês; vejamos se sairá bem. Um homem de minha confiança chegará de Londres em breve, e também ouvirei seus conselhos, mas, nesse meio tempo, você pode ir cuidando do que é necessário.

Os olhos de Jake estavam muito abertos.

— Milorde irá me colocar na posição de administrador?! Mas sabe o que Eades disse sobre mim! Não consigo acreditar...

— Minha palavra tem valor, Tasker. Sigo meus instintos no tocante aos seres humanos. Você está aqui, e Eades se foi. Isso já fala por si. Bem, estamos entendidos? — Estendeu a mão, que Tasker aceitou depressa.

Uma sensação de grande alegria tomou Dominic. Não compreendeu por quê. Estava apenas colocando a propriedade em ordem para poder dividi-la e vendê-la mais tarde. No entanto, sentia-se estranhamente satisfeito, como sempre acontecia quando uma nova aventura tinha início.

Tasker hesitava, como se quisesse dizer-lhe algo.

— O que foi?

— Imagino que milorde seja muito ocupado, mas se passar por nossa cabana... É que minha mãe adoraria conhecer o filho de lady Elisabeth.

Dominic sentiu um aperto no peito.

— Minha mãe foi criada pessoal da sua, sir, e a adorava. Ficou muito triste quando milady partiu e... gostaria muito de conhecê-lo.

— Não sei, Tasker.

— Mamãe não sai muito de casa. Está aleijada, sabe? Dominic meneou a cabeça.

— Veremos.

A mãe de Dominic jamais lhe falara de quem quer que fosse que vivesse em Wolfestone. Só dissera, certa vez:

Você saberá quando chegar lá. E isso fora o bastante. Não perderia tempo satisfazendo a curiosidade de uma estranha.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Capítulo IV

— Como está seu pai? — Dominic perguntou, ao ver a srta. Pettifer deixar o quarto.

— Descansando. — Ela parecia pouco à vontade na presença dele.

— Ótimo. Nesse caso, poderemos conversar.

— Bem... eu ia tomar uma xícara de chá...

— Não vai demorar, e prefiro que conversemos em particular. — Dominic tocou o braço dela e a conduziu até uma saleta, no fim do corredor. Ali, retirou os lençóis que cobriam o sofá e a poltrona e convidou-a a se sentar. Sorriu, para deixá-la mais à vontade. — Tenho conversado com sua acompanhante.

— Mesmo?

— Greystoke me disse que a senhorita gosta de potros. Melly arqueou as sobrancelhas.

— Na verdade, tenho pavor de cavalos. Por favor, não diga que terei de aprender a cavalgar.

—Não. Devo tê-la entendido mal. Talvez a srta. Greystoke tenha dito que a senhorita aprecia criaturas bem jovens. Bebês.

Melly abriu um sorriso lindo, parecendo aliviada.

— Ah, então é isso! Sim, adoro bebês! Por quê? Mudou de idéia quanto a nosso casamento ser...

— Não!

— Oh... — Melly baixou a cabeça.

Houve alguns minutos de silêncio. Dominic refletia. Precisava saber o que a srta. Pettifer tinha em mente, mas notava que ela estava tensa. Se levasse a conversa de forma errada, tudo poderia ir por água abaixo.

—Na realidade, preocupa-me saber que a senhorita ainda era muito pequena quando esse acordo foi feito entre nossos pais.

— É, eu devia ter uns nove anos.

— E sempre soube dele?

— Não. Fiquei sabendo apenas recentemente.

— E não ficou nem um pouco contente.

Melly enrubescceu e baixou os olhos. Por fim, murmurou:

— Creio que a maioria das moças preferiria escolher seus próprios maridos.

— Quer dizer que gostaria de não ter de se casar comigo? Ela engoliu em seco. Parecia desesperada, e Dominic não sabia como agir. Sua pergunta não fora tão sutil quanto pretendia.

— Pode ser honesta, senhorita. Não ficarei aborrecido. Melly o fitou, depois desviou o olhar para a porta. Então, respirou fundo e tirou um lençinho do bolso, passando a dar-lhe pequenos nós.

— O que me diz? — Dominic insistiu.

— Foi Grace... Gracestoke quem lhe falou?

— Falou-me o quê?

— Que... que... que...

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Srta. Pettifer, Greystoke disse-me apenas que a senhorita gosta de bebês e que eu deveria lhe falar a respeito. Já que não tenho intenção de engravidá-la e não mudarei de opinião quanto a isso, imagino se já conversou com seu pai a respeito.

Melly deu mais um nó em seu lenço.

— Senhorita, disse ou não a seu pai que não quer se casar comigo?

Melly, começando a chorar, explicou:

— Sim, eu conversei com papai sobre isso, mas ele foi inflexível. Afirmou que seria o melhor para mim. Somos pobres, sabe? E agora meu pai está muito doente e acha que garantiu meu futuro. Não posso aborrecê-lo mais.

Dominic se levantou.

— Não, claro que não.

Sir John, ao que tudo indicava, era a chave de tudo. Se pudesse ser convencido de que aquele enlace deixaria sua filha infeliz...

— Falarei com seu pai agora para ver se muda de opinião. Melly se ergueu de um salto, assustada.

— Agora?! Não vai afligi-lo, vai?

— De modo algum.

Sir John, na cama, rodeado de travesseiros, parecia muito frágil, mas seus olhos mantinham a vivacidade e o ar inteligente.

— Quero um pastor — pediu mais uma vez.

— Não há nenhum disponível. O antigo se aposentou, e seu substituto ainda não chegou. Sente-se pior?

— Ah, que diferença faz se estou melhor ou pior, uma vez que não posso deixar este leito?

— Gostaria de ser levado lá para baixo? O clima está bom, e poderia se sentar ao sol numa espreguiçadeira.

Ele respirou fundo.

— De que adiantaria?

Dominic ergueu as sobrancelhas e não insistiu mais, resolvendo mudar de assunto:

— Sabe que sua filha não quer se casar comigo, nem eu com ela.

Sir John o encarou e riu.

— Meu rapaz, também nunca quis me casar com a mãe de Melly, e ela, com certeza, não gostava de mim. Mas o matrimônio conserta tudo. Ela se tornou o amor de minha vida, fique sabendo.

Dominic pigarreou. Não era o que esperava ouvir.

— Pode ser, mas isso não muda o fato de que eu...

— Minha Melly é uma garota adorável. Aprenderá a amá-la, d'Acre. Melly é a moça mais doce da Inglaterra.

— Mesmo assim...

— Essa menina é o maior presente que eu poderia ter ganho nesta existência. Além de sua mãe, claro.

— Sir John...

— Eu estava perdido. Arruinado. E a mãe de Melly me salvou.

— Bem, compreendo boa parte de seus motivos para que esse casamento aconteça,

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

e sei que quer garantir a segurança financeira de sua filha. Por isso, estou disposto a pagar uma soma substancial se me desobrigar do acordo.

Sir John sorriu.

— Ela estará segura financeiramente se o desposar, e terá sua proteção. Minha Melly precisa de um homem que cuide dela. É inocente, tem coração puro. E tão desamparada!

— Pois não cuidarei dela. Pretendo abandoná-la às portas da igreja.

Sir John o analisou por um longo momento.

— Não, não fará tal coisa.

— Farei, sim.

— Vi sua cachorra, Sheba. Melly a trouxe esta manhã, porque sabe que gosto muito de cães.

Dominic franziu o cenho, com a mudança no rumo da conversa.

— O que minha cachorra tem a ver com tudo isso?

— Sheba é uma misturinha adorável. Aposto que a mãe era uma *retriever* legítima, mas o pai deve ter sido algum cão vagabundo. Devia ter sido afogada quando nasceu, porque não é um animal adequado para um cavalheiro. Também aposto que tem medo de disparos.

— Sir John viu a verdade na expressão de Dominic e tornou a sorrir-lhe. — Vê? Não irá abandonar minha menina, tampouco.

Dominic cerrou os dentes, teimando:

— Não a engravidarei. Sei que a srta. Pettifer ama crianças. Condenaria sua adorada filha a uma vida solitária em que não pudesse ter seu maior sonho realizado?

— Não. Mas minha Melly é muito feminina. Milorde se apaixonará por ela depois de algum tempo. Nenhum homem pode resistir. Chega um momento em que nos cansamos de correr atrás de saias por aí, e a mulher que ignoramos passa a ser interessante. Melly vai ter seus bebês, afinal, pode estar certo.

Aquele homem era teimoso como uma mula, avaliou Dominic, irritado. Tinha certeza de que a filha era alguma beldade. Se não estivesse tão fraco, talvez pudesse dar-lhe umas sacudidelas para colocar um pouco de bom senso em sua mente idosa. Só lhe restava, porém, ir embora. Mas, ao fazer menção de se afastar, uma idéia lhe ocorreu:

— Essa acompanhante da srta. Pettifer. O que me diz dela?

Sir John, que tinha fechado os olhos, abriu-os.

— Por que quer saber? Ela está causando problemas? Logo vi que ainda precisava de muito treinamento, apesar de ser uma boa garota. Mande-a trabalhar. Este lugar precisa mesmo de uma boa faxina.

— Isso está aquém das obrigações de uma dama de companhia.

— Verdade. Que tipo de atitude tomou para arrumar este castelo? Não pode esperar que Melly cuide disso. Wolfestone pode desabar se não houver reparos.

— Por mim, ele poderia desabar amanhã mesmo.

— Com efeito, d'Acre! Isto é Wolfestone!

— Eu sei.

— E a casa de seus ancestrais. Tem sido há mais de seiscentos anos!

— Também sei disso. Mas vou vender a propriedade.

— Não pode! A linhagem dos Wolfe inteira nasceu aqui! Todos os lordes d'Acre!

Quer dizer que a velha raposa quer que sua filha tenha um título e uma propriedade

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

destas também...

— Não nasci aqui, sir John, mas na Itália.

— Olhe, rapaz, jamais vi um desapego tão grande à família!

— Exato. Esse é outro motivo para que eu não me case com a srta. Pettifer. Agora, voltando à srta. Greystoke...

— Mas o que ela tem a ver com isso?!

— Estou curioso. E alguma parente pobre?

— Não. Creio que é órfã, ou coisa assim. Uma das órfãs Gussie, imagino.

— Gussie?

— Lady Augusta, agora casada com sir Oswald Merridew.

— Greystoke é uma parente pobre da esposa de sir Oswald Merridew?

— Não. Não é parente.

— Então, por que estamos falando da tal Gussie?

— Porque ela é patrona de um orfanato de meninas. Gussie as educa e prepara para serem criadas na capital. E algumas delas conseguiram boas colocações. Praticamente todas as famílias têm uma órfã Gussie servindo em alguma parte da casa. Nós temos Greystoke. Ainda está um pouco crua, mas vem aprendendo bem. Mas, afinal, por que o interesse nela? Proíbo-o de desonrar minha filha andando atrás de sua criada particular!

Dominic se preparava para refutar com firmeza tal idéia, mas achou melhor usar a situação a seu favor:

— Ela é muito bonitinha. Estava curioso de origem. Parece uma acompanhante bastante diferente.

— E é. — Sir John agora o encarava, contrariado. — Proíbo-o de ficar perto dela! Está noivo de minha filha!

— Nesse caso, seria melhor que sua filha se acostumasse, não acha? O senhor mesmo falou algo sobre um homem andar atrás de outras saias enquanto há uma que não lhe diz nada em casa. Se insistir nesse matrimônio, esse será o destino de sua filha. Pense bem nisso, sir John. — Dominic fez uma breve mesura e saiu, satisfeito com a iniciativa.

Dominic descia a escadaria de pedra, notando os degraus gastos a que Greystoke se referira. Uma coisa era saber que seus ancestrais tinham vivido ali; outra bem diferente era colocar os pés nos mesmos pontos em que eles colocaram. Criava uma certa conexão, que ele não queria.

Teria sido bem melhor se nunca tivesse vindo para aquele castelo.

— Ei, Henry, dê-nos uma mão, sim? — disse alguém, lá embaixo.

Um gritinho de mulher se seguiu.

Dominic se apressou em descer e parou de repente, diante do que viu. O hall estava repleto de gente. Havia um homem numa escada, usando uma vassoura para tirar teias de aranha de toda parte.

— Olhe onde deixa cair essas aranhas, Jem Davies! — protestou uma mulher. Isso explicava o grito.

Além do caça-aranhas e sua vítima, outras duas mulheres esfregavam o chão, pouco mais adiante. E vozes altas vinham da sala ao fim do hall.

Dominic se espremeu contra a parede quando dois rapazes passaram por ele com uma cômoda pesada, suja, levando-a para fora. Um menino os seguia, levando cortinas

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

imundas enroladas nos braços.

— Olhe bem por onde anda, Billy! — disse um dos homens no exato momento em que o menino, sem poder ver direito o caminho, esbarrou numa mesa, derrubando um vaso de porcelana, a água e as rosas dentro dele.

Dominic sentiu o perfume das flores. No mesmo instante, sua mente voltou ao passado. Tinha sete anos e estava em Nápoles...

— Menino desajeitado! — outra estranha reclamou, enquanto Billy saía correndo para evitar maiores problemas.

Dominic desceu o último degrau, de cenho fechado. Deixara bem claro que queria apenas que deixassem o lugar habitável. Podia até reformar o imóvel para vendê-lo depois, mas não queria nada cuidado demais.

Quando pisou no vestibulo, a azáfama diminuiu. As pessoas o olhavam, sem saber o que fazer ou dizer.

— Onde posso encontrar a srta. Greystoke? — ele perguntou, sem olhar direto para nenhum deles.

Uma das mulheres fez uma mesura e respondeu:

— Não sei ao certo, senhor, mas deve estar na cozinha.

— Ou talvez nos sótãos — acrescentou outra. — Ela disse que ia arrumar algumas coisas lá.

— Mesmo? — Dominic arqueou as sobrancelhas e seguiu em direção de onde vinha mais barulho.

Uma das garotas Tickel correu atrás dele.

— Milorde, diga a ela que mamãe mandou mais limões, só que não são para a cozinha, mas para seu uso pessoal.

Dominic a ignorou. Não levava recados para criados.

Passou a verificar cada cômodo, e quando por fim encontrou Grace, estava furioso. Por toda parte, vira que ela alterara suas ordens.

Quando a descobriu no segundo andar, Grace tinha os braços carregados de lençóis, e duas meninas Tickel a acompanhavam, além de Billy Finn e três rapazes fortes, cada um carregando uma peça de mobília. Nenhum deles tivera problemas em encontrá-la, ao que parecia; deviam estar conspirando para tirá-la da linha de sua ira.

— Srta. Greystoke! — Dominic a chamou, bem alto. Ao se voltar, ela sorriu.

— Sim, lorde d'Acre? Em que posso ajudá-lo? — Uma mancha de sujeira se destacava no nariz de Grace, e pedaços de teias se prenderam em seus cabelos desfeitos. Usava um avental enorme, antigo, e seus olhos brilhavam de alegria.

— Preciso lhe falar.

— Num momento, senhor. Tenho de organizar isto. Para maior irritação de Dominic, ela se virou para os homens, dizendo:

— Acho que poderemos usar todas essas cadeiras. Comecem pelas que necessitam de consertos menores e levem-nas para baixo. Tilly e Tessa, limpem-nas, e depois que Jake as tiver reparado façam um bom polimento com cera. Nada como cheiro de cera para tornar uma casa aconchegante e limpa!

Os criados obedeceram, saindo do cômodo, e então ela deu atenção a Dominic:

— O que queria me dizer, sir?

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Se pode se lembrar de nossa conversa desta... Mais uma vez, ela deu-lhe as costas.

— Billy, quase me esqueci de você! Pegue todas estas cortinas e leve-as para... Bem, quem posso escolher para lavá-las?

— Minha mãe, senhora.

— Excelente! Leve-as para sua mãe, e assim que estiverem prontas, pode trazê-las de volta.

O menino se foi, levando a enorme pilha de tecidos dobrados. Dominic e Grace, por fim, ficaram a sós. Ela tornou a sorrir.

— Sinto por tê-lo cortado assim, mas, se vamos discutir, é melhor que estejamos sozinhos, não?

— Discutir?

— E o que veio fazer, não? Brigar comigo.

— Nunca brigo com ninguém.

— Ótimo! Sobre o que queria falar, então? — Mais um sorriso adorável.

— Uma das garotas Tickel disse que a mãe lhe enviou limões para seu uso pessoal.

Céus, o que estou fazendo? Servindo de menino de recados entre a criadagem!

— Mas isso não...

— Não pedi limões. Por que será que ficam me mandando essas frutas? Bem, milorde, obrigada por me avisar. — Ela saiu para o corredor.

Dominic a seguiu, aborrecido.

— Não me importo com limões!

— Nem eu, milorde, embora sejam ótimos para dores de garganta se misturados com mel. E, se pretende gritar comigo, é até bom que saiba que temos mel e limões em casa, não acha?

— Greystoke, pare de andar quando estou falando com você! E não estou... — Baixou a voz. — Não estou gritando.

Ela se virou um pouco, brindando-o com outro sorriso.

— Não, lógico que não está. Milorde não conhece a potência de suas cordas vocais, é isso. Tem uma imitação de voz incrível, sir! Se quisesse ser ator, embora eu saiba que barões não o sejam nunca...

Dominic mal podia acreditar. Como a conversa escapara de seu controle e enveredara por um rumo tão ridículo?

— Não fique bravo, milorde. Sei que está havendo muito barulho, mas há tanto trabalho a ser feito! E tudo vem correndo linda...

— Como assim, tanto trabalho? Não quero que nada seja feito aqui além do mínimo necessário!

Ela estacou e o encarou, surpresa.

— Mas, lorde d'Acre, não pode estar falando a sério! — E de novo deu-lhe as costas, desaparecendo num cômodo repleto de prateleiras e tecidos.

Ele foi atrás.

— Falo a sério, sim!

— Por favor, segure esta ponta e faça como eu, enquanto conversamos. Estes lençóis são muito grandes para eu os dobrar sozinha.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Dominic a obedeceu e observou ao redor. Estavam num aposento reservado a guardar roupas de cama!

— Pode ver o quanto de limpeza e arrumação existe a ser feito, não? — Grace prosseguiu, sempre alegre. — Sei que os homens não costumam se preocupar com esse tipo de detalhe, mas garanto que isso! Dobre assim mesmo! Ficou muito bom!

Dominic tinha a impressão de estar sendo tratado como uma criança.

— Garanto-lhe que tudo acabará logo e a casa ficará adorável e aconchegante!

— Não quero nada disso, Greystoke. Limpa é mais que suficiente.

Ela tomou o lençol dobrado das mãos dele e o guardou numa prateleira. O sorriso continuava em seus lábios. Fosse qual fosse a intenção de Grace ao sorrir daquele modo, fazia Dominic se sentir muito ciente de sua proximidade, e do aconchego daquele cômodo pequeno, cheio de roupas de cama.

— Queria falar sobre a srta. Pettifer, sir? Porque, se for, deveria se dirigir a ela pessoalmente. Creia, a srta. Pettifer não está muito contente tampouco. — Grace lhe deu mais duas pontas de lençol. — E se espera que ela se sinta em casa aqui, deve preparar o castelo para que se torne um lar.

— Não me importo se a senhorita está confortável ou não. Wolfestone não é um lar. Não é o lar dela, nem meu! Nunca foi! E não quero que se pareça com um! Isto aqui nunca foi o lar de ninguém, nem há de ser!

Ele a encarava, dobrando o lençol com perfeição militar. O perfume de lavanda que exalava do tecido começou a excitá-lo. E, nos movimentos para terminar de dobrar a peça, Dominic foi se aproximando até encostá-la na parede.

Grace ergueu os olhos para ele.

— Não deveria fazer isso, Greystoke.

— Isso o quê? — Ela estava quase assustada.

— Olhar-me desse jeito...

E, antes que Grace se desse conta do que estava acontecendo, Dominic a beijou mais uma vez.

Dominic beijou-a devagar, saboreando sua boca como se fosse uma fruta deliciosa. Depois lhe beijou o pescoço, numa exploração que os levou a um enlevo distante da realidade.

No entanto, ela retornou rápido, quando, num momento involuntário, ele bateu o cotovelo numa prateleira.

Dominic notou que Greystoke ficara corada e que tinha dificuldade para respirar, assim como ele. E estava mais linda do que nunca.

Precisava tê-la. Queria-a demais. Mas não ali, não naquele momento. Quando a levasse para a cama, tudo deveria ser perfeito, não um mero encontro fortuito. Assentiu de leve, como que para si mesmo, e disse, sussurrando:

— Não tem afazeres? Gente a organizar, limões a receber? Aliás, para que são aqueles limões?

— Não lhe interessa. — Grace ergueu o rosto, tentando manter a compostura, mas ainda era difícil. — E, já que vou organizar as funções dos criados, eu o farei como julgar melhor. Porque, embora milorde não se preocupe com o conforto da srta. Pettifer, eu me preocupo.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Ela foi até a porta, de onde se voltou.

— Obrigada por me ajudar a dobrar os lençóis. Nunca foi tão interessante quando eu costumava arrumar as roupas de cama com minhas irmãs.

Dominic a viu se afastar, observando o ondular de seus quadris. O que ia mesmo fazer quando se desviou de seu caminho? Ah, sim, ia até Ludlow!

Havia gente limpando todos os cantos, e parecia haver uma certa tendência a todos se calarem quando ele passava; isso era irritante. Decidiu, então, sair pela porta lateral.

Essa parte do castelo era a menos cuidada de todas. A ala oeste. Mas logo avistou cinco homens trabalhando ali, aparando os arbustos, como se criassem um jardim. Mais dois, pouco mais adiante, cortavam o que pareciam ser roseiras; na realidade, um deles trabalhava, e o outro, vovô Tasker, os observava.

Dominic passou em silêncio, esperando não chamar a atenção de ninguém.

— Ei, senhor! Senhor!

— Sim? — Dominic parou, a contragosto.

— O que faremos com isto? — O homem apontava para um cupido quebrado. — Devemos consertá-lo? Eu mesmo poderia fazer isso, com um pouco de cimento.

— Não me importo.

— E quanto às rosas, sir? É cedo para podá-las, mas precisam ser cortadas. Gostaria que eu o fizesse?

— Não me importo. Faça o que quiser ou pergunte à srta. Greystoke.

— Prefiro não receber ordens de uma mulher. Se milorde não se importar.

Dominic o olhou com frieza.

— E melhor que aprenda a gostar disso, pois sem a srta. Greystoke você nem sequer teria emprego.

Vovô Tasker tossiu, e, quando recuperou o fôlego, comentou:

— Foi sua mãe quem plantou as roseiras, sabia? Com suas mãos de fada. E este era o lugar de que ela mais gostava no jardim. Até fez um desenho de como gostaria que as plantas ficassem.

Dominic retrocedeu dois passos.

— Como sabe disso?

— Porque fui eu quem a ajudou, claro! Cavei tudo e plantei como milady mandou. Vi seus esboços. Uma verdadeira artista!

Era verdade. Sua mãe sempre adorara desenhar e pintar.

— Fiz todo o trabalho pesado, mas, quando chegamos às rosas, ela mesma fez questão de plantar cada broto. Ah, lady Elisabeth amava este lugar! Vinha aqui todos os dias e se sentava bem ali. — Vovô Tasker apontou para um banco quebrado, de pedra. E acrescentou, com suavidade: — Uma moça tão solitária! As rosas lhe faziam companhia.

Dominic nada pôde dizer. Havia um nó em sua garganta.

— Este jardim foi tão belo! Quando sua mãe fugiu, seu pai o destruiu. Arruinou muitas outras coisas também. Tinha um temperamento terrível. Derrubou estátuas e quebrou bancos. E tentou acabar com as roseiras. Mas elas não morreram. Essas plantas, embora delicadas, são muito fortes. As roseiras de sua mãe voltaram, com certa ajuda. E floresceram todos os verões desde então.

Dominic não sabia daquilo. Quando menino, tentava colocar um sorriso no rosto da

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

mãe levando-lhe uma rosa, pois sabia que ela as amava. Às vezes lady Elisabeth lhe sorria, e ele se sentia um verdadeiro cavaleiro galanteador. Mas em outras ocasiões apenas olhava para a flor e chorava baixinho. E Dominic ficava achando que levava a flor de cor errada.

— Seria glorioso deixar o jardim de sua mãe do jeito como milady gostava, não, senhor?

— Faça como quiser, sr. Tasker. Como já disse, não me importo. — Mas sua voz estava embargada quando disse isso.

Com uma caixa de objetos de latão nos braços, Grace descia a escadaria, ainda pensando nos beijos no cômodo de roupas de cama. Sorria. Sabia que era errado estarem se beijando assim, visto que Dominic era noivo de Melly, mas não sentia mal nenhum nisso. Afinal, nem ele queria Melly, nem ela a ele. Lorde d'Acre apenas precisava se casar para poder herdar a propriedade. E assim que o nobre e Melly conseguissem dar um jeito na situação, Dominic estaria livre para escolher outra pessoa.

Grace se sentia fascinada. Adorava aqueles olhos de cor tão especial e a maneira como a fitavam. Seria delicioso poder dominá-los.

Avaliava o jeito duro e forte como Dominic reagira à idéia de transformar Wolfestone num lar, como se aquilo o alarmasse. Como alguém podia pensar assim?

Grace nunca tivera um verdadeiro lar. Dereham Court, onde passara seus primeiros anos, fora território de seu avô, e ela jamais vira aquele lugar como um verdadeiro lar. Lar significava um local onde alguém podia se sentir em segurança, e Grace nunca tivera isso em Dereham Court.

Ao deixar a propriedade, se revezara entre a residência de seu tio-avô Oswald e tia Augusta e a casa de suas irmãs casadas. Nesse meio tempo, passara muitos meses na escola. E, mesmo estando segura e feliz nesses lares, não eram seus de verdade.

Planejara ter seu próprio canto depois de visitar o Egito. E arrumaria tudo a seu gosto.

Parou, então, pensativa. Era isso que vinha fazendo em Wolfestone. Como se o castelo lhe pertencesse.

Não pertencia. No entanto, Wolfestone fora construído para se sonhar dentro dele, com todos aqueles estilos misturados, a torre de contos de fadas, as janelas góticas, o painel de madeira da entrada com a gárgula.

Olhou para cima e teve a impressão de que o ser mitológico a analisava, com sua expressão sábia e benevolente. Fora uma das primeiras coisas que Grace mandara limpar. E determinou também que passassem uma camada de óleo especial. Assim, naquele momento a gárgula brilhava, bela como sempre fora.

— Não me importo se ele não liga a mínima para este lugar — disse para si mesma. — Você quer, não quer, sra. Gárgula? E o castelo também. Desse modo, vamos cuidar de tudo para que Wolfestone venha a ser, de fato, um lugar de sonhos.

Dominic pegou o atalho para ir a Ludlow. Pelas sombras da mata, evitaria o pó da estrada. De repente, Sheba cruzou seu caminho, como um raio. Dominic estranhou, pois a deixara em Wolfestone, e encarregara Billy Finn de dar-lhe um bom banho. Ficou preocupado, pois Sheba poderia matar alguma galinha ou perseguir ovelhas da região. Um cão não devia andar livre pelo campo daquele jeito.

Seguiu seu rastro e chamou-a algumas vezes. Nada. Assobiou. Nada ainda.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Continuou seguindo, até encontrar um lago, e avistou um garoto, à margem.

— Mas o que...

Ao som de sua voz, Billy Finn se virou, pálido, e deixou cair o que segurava. Saiu correndo, com Sheba atrás, mas o chamado de Dominic a deteve.

— Pare, Billy! Espere!

Não adiantou chamar, porque o menino desapareceu na floresta. Dominic, então, voltou a atenção para o que o menino estivera segurando: um peixe. Havia uma linha e vara logo ao lado.

Por que Billy se apavorara tanto que decidiu fugir? Dominic retirou o relógio do bolso. Ainda havia tempo para desvendar aquele pequeno mistério e antes de ir para Ludlow. Desse modo, apeou, pegou a vara e o peixe, assobiou para Sheba e tornou a montar.

— Vá atrás de Billy — ordenou à cachorra, apontando para onde o garoto seguira.

A cachorra o compreendeu, e ambos tornaram a entrar na mata.

Por fim, chegaram a uma construção aos pedaços. Sheba parecia conhecer o lugar. Dominic apeou e amarrou o cavalo numa árvore. Olhando para as ruínas, viu fumaça saindo da velha chaminé e um varal logo ao lado, repleto de roupas de cama muito alvas.

Bateu na porta. Uma mulher de aspecto famélico atendeu, com uma criancinha agarrada às saias. Outras crianças o olharam com curiosidade, todas entre quatro e oito anos de idade.

— Billy Finn está aqui? — Dominic quis saber.

— Billy? Não...

Ela mentia, sem dúvida alguma.

— Mas ele correu para cá.

A mulher fez que não mais uma vez. Dominic a analisou com atenção, notando que tinha a mesma cor de olhos do garoto.

— A senhora é a mãe dele. Tensa, ela apenas assentiu.

— Ele deixou cair isto. — E entregou-lhe o peixe.

O efeito foi dramático. A mulher gemeu, ficando a ponto de desmaiar.

— Não, não! Esse peixe não pertence a meu Billy! Ele nunca o tocou, posso assegurar! Meu filho está no castelo agora. Lorde d'Acre deu trabalho a meu menino.

— *Eu sou lorde d'Acre.*

A pobrezinha soltou outro gemido e empalideceu mais.

— Por favor, senhor, não lhe faça mal. Billy é um bom garoto. Por favor! Não o leve embora! — A mulher se ajoelhou e passou a implorar: — Eu suplico, tenha piedade! Não leve meu Billy!

Dominic deu um passo atrás.

— Minha senhora, não tenho intenção de levá-lo a parte alguma.

Mas ela continuava em prantos. Dominic fitou as crianças, caladas e demonstrando medo.

— Ei, vocês, venham ajudar sua mãe!

Mas, muito amedrontadas, elas fugiram, aos gritos. Com os dedos entre os cabelos, Dominic imaginava se todos seriam loucos; se Billy seria o único normal daquela família.

— Milorde, farei qualquer coisa, mas não leve meu menino!

Deus, ela está se oferecendo!

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Já disse que não tenho a menor intenção de levar o garoto! Agora, levante-se, mulher!

Ela obedeceu, torcendo as mãos no avental.

— Acalme-se. Ninguém levará ninguém a parte alguma. Não faço idéia do que acha que farei com Billy, mas seja o que for está enganada. Agora, entre e prepare uma xícara de chá, para se acalmar um pouco. E leve este peixe também.

— Não! Não pode plantar evidências, sir!

— Evidências? Acha que estou atrás de seu filho por ele ter pescado em minhas terras?

— Ele não é ladrão, não é...

— Calma! Eu não disse que era. E, seja como for, Billy é uma criança.

— Quer dizer que não vai prendê-lo e mandá-lo embora?

— Lógico que não!

— Mesmo, senhor?

Vendo-a prestes a se lançar ao chão mais uma vez, Dominic a deteve, segurando-lhe os braços.

— Deixe minha mãe em paz! — Billy Finn apareceu, uma pequena criatura cheia de fúria, e passou a socar a barriga de Dominic. — É a mim que quer, não a ela!

Dominic segurou os punhos finos e frágeis do pequeno e o afastou com facilidade.

— Pare.

Soltou-o quando percebeu que Billy não voltaria a atacá-lo. O menino olhou angustiado para a mãe e disse, com meiguice:

— É a mim que milorde quer levar, não minha mãe. Então, leve-me, mas não a machuque, nem a meus irmãos.

— Não pretendo ferir ninguém, Billy. Só fiquei curioso, porque quando o chamei você largou o peixe e saiu correndo.

— É, eu pesquei do lago, mas mamãe não sabia.

— Não estou querendo sua confissão, seu tolo! Portanto, pare de agir como se eu fosse colocá-lo acorrentado num calabouço!

Billy o encarou, incrédulo. Sua expressão era madura demais para seus dez anos.

— O antigo lorde mandou prenderem meu pai por ele ter pescado um peixe. Eu o vi sendo acorrentado. Por que seria diferente agora, milorde?

— Não fale assim com lorde d'Acre! — a mãe sussurrou, alarmada. E, voltando-se para Dominic, acrescentou: — Ele não teve a intenção de ser insolente, sir.

— Seu pai foi preso por pescar um peixe?

— Sim. Mas não foi enforcado. Disseram que o levaram para longe, para o sul de Gales. Do outro lado do mundo.

A noção de geografia do menino era nula, mas Dominic mal podia crer no que ouvia.

— Por um peixe?! Ele costumava vender o que pescava?

— Claro que não! Papai não faria isso! A sra. Finn tornou a intervir:

— Dois anos atrás, milorde, enfrentamos uma época muito difícil. Will não tinha trabalho, e as crianças passavam necessidade. E Will nunca suportou ouvi-los chorar de fome. Por isso, ele foi pescar, e o sr. Eades o encontrou no lago. Foi a última vez que o vimos.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Eu cuido de mamãe e dos pequenos agora. — O pequeno Billy carregava nos ombros o peso de uma responsabilidade que não deveria ter.

Dominic assentiu. Por isso o menino parecia estar em toda parte, fazendo qualquer tipo de serviço em troca de algumas moedas.

— Bem, agora você tem um emprego de verdade, rapaz, portanto, não há mais perigo de que alguém se machuque.

— Um emprego, senhor?!

— É. — Dominic pensava num bom título para o cargo. — Faz-tudo do castelo. E supervisor-assistente de pesca. E essa posição lhe garante o direito de pegar, para seu próprio uso, lógico, quantos peixes forem necessários nos lagos e rios da propriedade.

A sra. Finn recomeçou a chorar, e Dominic deu um passo atrás, para evitar que ela se lançasse em suas botas.

— Agora, vá limpar o peixe para sua mãe, Billy, e depois volte ao castelo com Sheba. Quero que ela esteja limpa e cheirosa quando eu retornar de Ludlow.

Ele já montava quando Billy o alcançou, sorrindo.

— Serei faz-tudo, então? E vou ter um uniforme, milorde?

— Ah, sim, terá um uniforme. — E ele que pretendia não se envolver em nada que dissesse respeito a Wolfestone...

— Obrigada, sir. — A sra. Finn se aproximou. — Lamento se o ofendi antes. Adivinhei mesmo que a Dama de Cinza nos traria boa sorte. Eu a vi na outra manhã. Ela sorri como um anjo! E só coisas boas poderiam vir de alguém com um sorriso como aquele.

— Entendo. Bem, tenho de ir. Um compromisso importante me aguarda em Ludlow. — Dominic se afastou, apressado; não queria se atrasar.

Billy e a mãe gritaram alguma coisa, mas Dominic não lhes deu ouvidos. E estava cruzando um riacho, a poucas milhas de distância das ruínas, quando percebeu que Sheba o seguia. Certo, foi por isso que os Finn gritaram. Bem, não havia tempo para levá-la de volta.

— Terá de correr o caminho todo, sua boba, porque não vou pegar no colo uma criatura molhada e cheia de lama!

Ela lhe lançou um olhar de adoração. A língua caía-lhe pelo lado da boca. Dominic revirou os olhos e baixou o tronco, apanhando-a e colocando-a a sua frente, na sela. Com sorte, a lama secaria até chegarem, e poderia limpá-la de suas roupas.

— Quero Eades preso! — Dominic ordenou, sentando-se diante da escrivaninha.

A um canto, Sheba se aconchegara para tirar um cochilo.

— Os melhores detetives de Londres devem ir atrás dele. O amaldiçoado pagará pelo que fez!

Podmore, o advogado, assentiu com a cabeça grisalha.

— Então, foi como suspeitava que seria. É chocante! Dois livros inteiros, mal posso acreditar. E disse não haver nenhum criado quando chegou a Wolfestone, sir? No entanto, há registros de pagamentos efetuados. Eades vai pegar uns bons anos de cadeia; isso se não for enforcado! O que ele fez é roubo!

— Roubo é algo muito ruim, claro, mas esse não foi o pior crime do sujeito. Eades viveu dos lucros da propriedade e levou famílias de inquilinos à ruína! Vi sinais disso por toda parte. O miserável cobrava aluguéis abusivos e obrigou homens sadios a deixar as terras que ocupavam fazia gerações. Alegou salários que nunca pagou e consertos nas casas dos

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

inquilinos que jamais fez! O senhor devia ver o estado dos chalés...

— Visitou esses chalés pessoalmente, sir?

Fora apenas um, mas Dominic não revelaria isso.

— São meus. Por que não os visitaria?

— De fato.

— E sabe o que mais? Eades mandou um homem para a prisão porque ele pescava nas águas da propriedade!

— Bem, isso não é correto.

— O pobre sujeito era pai de cinco crianças famintas! Agora a família ainda se encontra em situação muito pior, e o coitado deve estar apodrecendo num calabouço em Gales! Uma família inteira arruinada por causa de alguns peixes! É o fim dos tempos!

— Sei que parece duro, milorde, mas essa punição é comum. Para deter o crime, sabe?

— Deixar crianças passando fome é que é um crime. Combater a criminalidade seria mais eficaz se dessem bons empregos aos homens para que pudessem alimentar e proteger suas esposas e filhos!

— Mas, sir, eu nunca soube que era um radical!

— Pois saiba que um dia fui muito parecido com aquele menino. Sei o que é passar fome.

Houve um longo silêncio. O advogado parecia perturbado.

— Foi, mesmo, tão ruim, milorde? Dominic assentiu, explicando:

— Houve momentos em que eu e minha mãe nos perguntávamos quando seria nossa próxima refeição. De onde viria? Fiz o que pude por nossa sobrevivência. Até roubei. E faria tudo de novo se minha família passasse fome. Um homem não é homem se não protege os que ama.

Tendo espantado Podmore com suas palavras, Dominic caminhou até a janela e olhou para fora. Era como se pudesse ver a si mesmo no passado, pelas ruas de Nápoles, magro, desesperado, um menino vagando por becos em busca de alimento.

— Posso ser solidário, sir — murmurou o advogado. — Conheci sua mãe, como bem sabe. Era uma dama suave, meiga. O que houve foi uma verdadeira tragédia.

— Não. Um ultraje.

Podmore não ficara a par nem da metade dos fatos. Dominic assumiu mais uma vez sua expressão fria e retornou para junto da mesa.

— Quero que se faça justiça com Eades.

— Os detetives da Bow Street cuidarão do caso, milorde, fique certo disso. Devo entender que mudou de opinião desde que chegou a Wolfestone?

— De modo algum. Desprezo aquele lugar tanto quanto antes.

— Entendo. Mas é que sou tão... mais envolvido do que antes! Muito bem, o senhor não pretende consertar nenhuma das cabanas.

— Terei de fazê-lo. Não posso deixar as pessoas vivendo naquelas condições devido a algo que, embora não tenha sido minha culpa, é minha responsabilidade.

— Concorro. Todavia, devo alertá-lo de que, se dividir a propriedade e vendê-la, o novo proprietário poderá retirar os inquilinos e demolir as casas deles. As novas técnicas de agricultura e pecuária requerem operações em grande escala.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Dominic virou o rosto de novo para a vidraça. Não queria pensar nas conseqüências. Tudo o que tinha em mente era ver-se livre daquele lugar!

— Talvez não. De qualquer forma, as cabanas devem ser reparadas. Não quero ver mais nenhuma goteira nelas quando o inverno chegar.

— Muito bem. - Podmore anotou algo num papel. — Foi por isso que veio me ver, milorde?

— Não. Quero verificar um detalhe do testamento. Se eu desfizer o noivado com a srta. Pettifer e vender o castelo, o que me impedirá de tornar a comprá-lo?

— Eu lhe expliquei em Bristol. Temi que, por estar tão irritado na época, não tivesse entendido todos os itens. Seu pai imaginou isso. Não poderá readquirir a propriedade, sir. Nem pessoalmente, nem sendo representado por outrem, ainda que parente de sangue ou esposa. Sinto muito, mas seu pai ficou furioso quando sua mãe fugiu. E determinou-se a trazê-la de volta de algum jeito.

Dominic cerrou os dentes. Não obedeceria às ordens de seu pai, nem mesmo estando ele morto!

— Sir John veio com a filha para tentar forçar uma união antecipada. Ele está doente, e imaginei que... E se sir John morrer?

— Enquanto a srta. Pettifer for solteira, o testamento será válido.

— E se ela desfizer o compromisso?

— Nesse caso, as dez mil libras que foram pagas a sir John por seu pai, no ato da assinatura do contrato, deverão ser devolvidas a Wolfestone.

— E se eu abrir mão disso?

— Não pode. O dinheiro deve ser pago pela srta. Pettifer ou sir John, e milorde sabe que eles não dispõem dessa quantia. Lamento, mas seu pai antecipou tanto os gastos enormes de sir John quanto sua relutância em se casar com uma moça que ele mesmo escolheu.

— E se eu der a Melly o dinheiro de meus próprios bolsos? O advogado deu de ombros.

— Não sei. Mas, de acordo com o testamento, ainda deve obter permissão de sir John para se casar e, pelo que percebi, ele está muito favorável a que ocorra o casamento entre a filha e o senhor.

— Está, sim, o infeliz!

— Imagino que tenha outra moça em mente, sir. Dominic o encarou.

— Não. O que lhe deu essa idéia?

— A criatividade de um velho, nada mais. Por que não se recusa ao matrimônio e deixa que a propriedade seja vendida, milorde? Já que essa é sua intenção de qualquer modo e não precisa do dinheiro...

— Não. Tudo há de ser como eu quero. É meu direito! Não abrirei mão do que é meu pela vontade de meu pai. Se a propriedade vai ser dividida, será por minha vontade, não pela dele. Que apodreça no inferno aquele desgraçado!

Podmore piscou, chocado mais uma vez.

— Minha mãe foi vendida em casamento por causa de Wolfestone! E tinha apenas dezessete anos!

— Eu lembro. Lady Elisabeth foi uma bela noiva. Dominic assentiu. Sempre se

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

esquecia de que o advogado a conhecera.

— Meu pai transformou a vida dela num verdadeiro horror e a obrigou a fugir para a Itália, porque a pobrezinha não suportou mais. E lá minha mãe viveu na miséria durante anos.

Dominic sentia a boca amarga em razão da raiva.

— Fiz uma promessa a ela em seu leito de morte: tomar posse de Wolfestone; e vou cumpri-la. E usarei quaisquer meios para isso.

— Compreendo. Gostaria que houvesse outra forma, sir, mas seu pai preparou tudo muito bem.

— E quanto à propriedade, já que precisa de reparos, imagino que, como meu executor, possa permitir que eu cuide disso.

— Claro.

— Nomeei um camponês, Jake Tasker, administrador temporário e mandei chamar Abdul para que fique no lugar de Eades.

— Acha adequado? Abdul não tem experiência na lida com uma propriedade britânica.

— Ele é um gênio.

— Sim, mas é tão... estrangeiro... Os moradores locais poderão não gostar dele. O povo do campo tende a ser um tanto paroquial, se é que me entende.

— Não me interessa o que pensarão de Abdul. Ele não estará lá para ser aceito, mas para desenvolver um trabalho: deixar a propriedade tão bem que alcance seu melhor preço de venda.

— Temo que haverá problemas, milorde. Poderia ao menos pedir a ele que se vista de forma menos excêntrica? E que se barbeie para que não pareça tão feroz?

— O modo como Abdul se apresenta é problema dele.

— Muito bem. Gostaria que eu contratasse gente para trabalhar em Wolfestone?

— Não. Já há um verdadeiro exército por lá. A dama de companhia da srta. Pettifer cuidou disso, o que, para mim, é um transtorno. Mas como não há mais o que fazer...

— Uma acompanhante cuidou disso?

— Sim. Greystoke é uma criada pessoal bem diferente. Não parece ter noção de hierarquia e cuida da srta. Pettifer como uma tigresa dos filhotes. Contratou as pessoas para fazer o serviço em minha casa, e, quando a questioneei a respeito, teve o topete de me perguntar se eu poderia pagá-los, porque, se não pudesse, ela mesma o faria. Pode imaginar alguém assim?

— Deve ser uma senhora bem autoritária e experiente.

— Qual nada!

— Sei. E... que idade tem essa dama de companhia? Dominic deu de ombros.

— Não sei. É jovem. Regula com a srta. Pettifer. Sir John disse que ela é nova na posição, que é uma das órfãs Gussie, seja lá o que isso possa significar.

— Lady Augusta Merridew. Ela tem interesse por órfãs e faz um notável trabalho filantrópico com as meninas.

— De todo modo, a forma como essa órfã fala com a srta. Pettifer... E como se a conhecesse há anos, sabe? Até chega a chamá-la de Melly. Sem respeito algum!

Podmore o encarou-o por segundos, e perguntou:

— A moça é bonita?

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Claro que sim. Mas quem se importa com isso? Esse pormenor nada tem a ver com nossa conversa.

— Não, evidente que não...

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Capítulo V

Ao anoitecer, Grace se sentia exausta de tanto responder a perguntas e resolver problemas domésticos. Quanto mais olhava ao redor, mais coisas encontrava a serem feitas. Seus braços e suas pernas doíam. Estava suja, empoeirada. Queria apenas um bom banho, mas parecia-lhe ainda cedo para pedir que lhe esquentassem a água.

Talvez um mergulho. Quando sua irmã viera da França com o marido, dissera às garotas Merridew que deviam aprender a nadar porque era ótimo e prático. E todas, inclusive Grace, aprenderam. E ela praticara bastante a cada verão, apesar de essa atividade ser considerada escandalosa para moças. Entretanto, se saísse sem ser notada...

Todos se ocupavam de seus afazeres, e lorde d'Acre tinha ido a Ludlow. Estaria em segurança, portanto.

Grace foi ao quarto de sir John e perguntou se ele estava melhor. Pessoalmente, achava-o bem pior, mais magro e abatido. E a bandeja com seu almoço mal fora tocada.

— Estou como Deus quer, filha. Veio para jogar cartas conosco?

— Não, sir. Vim recolher a bandeja e lembrar a srta. Pettifer de que tinha intenção de caminhar esta tarde.

— E ela irá. Não vejo por que ficar aqui com um velho doente quando pode aproveitar um fim de tarde como esse, não acha, Melly querida?

— Mas, papai...

— Nem precisa temer pelo sol em sua pele, pois ele já vai bem baixo no horizonte. Greystoke, poucas damas em Londres têm uma pele como a de minha Melly, não concorda? E você deveria ter mais cuidado com a sua, fique sabendo. Melly poderia lhe dar alguns conselhos quanto a isso.

Melly abafou uma risada. Ajudara Grace a retocar as sardas na noite anterior.

— Sim, sir John. Obrigada.

Melly insistiu em não deixar o pai, e Grace se foi, com a bandeja. Podia nadar na lagoa de que vovó Wigmore falara; aquela que deveria ter poderes mágicos. Ninguém imaginaria que estaria ali. Não precisava preocupar-se em perder as sardas ou aumentá-las, visto que eram falsas.

Agora via o quanto jovens sardentas sofriam, recebendo conselhos e receitas especiais de todos, para "limpar" a pele. E homens mal-intencionados ficavam especulando onde mais haveria manchinhas além do rosto...

Uma hora depois, Dominic deixou Ludlow. O dia estava quente, e a estrada, poeirenta. Dessa vez, decidiu não seguir pela floresta.

Ao adentrar as terras de Wolfestone, a sede o atormentava. Até mesmo a terrível cerveja da taverna parecer-lhe-ia adorável naquele momento. Por isso, desviou para a vila.

Pouco depois, entrou na taverna, encontrando-a estava mais cheia do que o habitual. Dirigiu-se ao balcão, sem prestar atenção a ninguém em particular.

— Wolfe! Dominic Wolfe!

O chamado foi acompanhado de um tapa tão forte no meio das costas que Dominic quase tossiu. Ao se virar, deparou com um rapaz muito bem trajado. Abriu a boca, surpreso.

— Phrey? E você? Meu Deus! — Apertou a mão do jovem, com efusividade. —

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Humphrey Netteterton! Como apareceu por aqui? Venha, vamos tomar uma cerveja lá fora.

Seu amigo franziu o nariz.

— Concorde, Dominic. Ao que tudo indica, aquela incrível invenção chamada sabão ainda não chegou por aqui.

Dominic achou graça. Certas coisas nunca mudavam, e Phrey era uma delas. Podia ser pobre como um carvoeiro, mas dava a impressão de ser um lorde.

— Mal posso acreditar que esteja aqui, Phrey! O que o trouxe? Achei que não sabia que eu tinha vindo para cá. Na realidade, bem pouca gente sabe.

— De fato, não sabia, seu ermitão. Você dá a impressão até de ter se esquecido dos velhos amigos. Mas como pode gostar deste calor infernal?! — Phrey passou a mão com cuidado pelo colarinho, para não afetar o belo laço de sua gravata.

Dominic riu e pediu que as bebidas fossem levadas para eles.

— Aqui só há cerveja, Phrey. Não há bebidas melhores ou mais caras nesta região.

Saíram do recinto, e Phrey se sentou no banco. As canecas chegaram e, depois de beber um grande gole, o amigo de Dominic comentou:

— Achei que esta região inteira fosse sua, colega. Como não há boas bebidas aqui, então?

Dominic também bebeu antes de falar:

— Não, não sou o dono de tudo que está vendo... ainda. Tenho de acertar a propriedade das terras e do castelo.

— Como assim? Seu pai morreu, não? E você é seu único herdeiro.

— É, mas o testamento que deixou é complicado.

— Quer dizer que ele ainda quer fazê-lo dançar conforme sua música? Mesmo da sepultura?

Dominic devia saber que Phrey seria uma das pouquíssimas pessoas que o compreenderiam.

— Isso mesmo. Meu pai me atrapalha até depois da morte, e tenho de seguir o que ele impôs.

Phrey tornou a beber.

— Cerveja boa, esta. Diga, como fará para adquirir a posse de tudo?

— Sendo um filho obediente. Casando-me com a garota que ele tão gentilmente escolheu para mim quando eu tinha dezesseis anos.

— Ei, você nunca me disse isso!

— Porque não sabia, tampouco. Só descobri há algumas semanas. Meu pai queria que eu tivesse filhos para herdar Wolfestone, mas não o farei.

— Vai se recusar a se casar? Muito bem. Nem precisa das terras ou do dinheiro que possa vir delas.

— Nada disso. Vou me casar, sim. Não deixarei aquele infeliz tirar o que é meu por direito. Mas não será como ele queria.

— Bem, e quem é a garota de sorte? Já está apaixonada por você?

— Não. É simples, um tanto tola e se casará por dinheiro. Phrey arqueou as sobrancelhas.

— Meu Deus! Por que se ligar a uma mulher assim? Se eu fosse me casar, seria com uma beldade. Não que eu vá fazê-lo, claro. Não até que meu tio passe desta para melhor.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Ele continua avarento como sempre?

— Mais a cada dia. Mantém a mim e minhas irmãs quase na penúria. Não sei como pode imaginar que a miséria que nos oferece possa ser suficiente para vivermos com decência e ainda prepararmos o *debut* das meninas. Isso sai caro, você sabe. Festas, vestidos...

Dominic assentiu. O tio de Phrey controlava a fortuna enorme da família, dizendo sempre que a pobreza era uma virtude.

— Não vamos falar disso aqui, Phrey. Podem nos ouvir. Por que não vem comigo a Wolfestone? Aliás, você ainda não me disse: se não sabia que eu estava aqui, por que veio?

— Bem, o pastor de St. Stephen ficou velho e adoeceu, e decidiu se aposentar e ir morar com a filha em Leeds. E... bem, não ria, mas sou o novo reverendo. Lady Elisabeth deve ter ensinado você a respeitar os sacerdotes, portanto... Não ria, Dominic!

— Você, pastor?! Impossível!

— Mostre respeito por um homem santo, pecador! Saiba que fui ordenado pelo bispo de Canterbury em pessoa!

— E o coitado sabia que você não passa de um sedutor sem muitos escrúpulos? Lobo em pele de cordeiro, eu diria.

— Olhe quem me chama de sedutor! Você sempre despertou o interesse de todas as garotas!

Dominic meneou a cabeça.

— Você, um pároco. Quem diria... Mas por quê?

— Tenho de ganhar dinheiro de alguma forma. Nunca tive tino para os negócios, não posso ir para o Exército ou Marinha, porque não possuo recursos para comprar uma patente de oficial, e, além disso, se morresse em combate, minha mãe e minhas irmãs ficariam desamparadas. Não tenho perspicácia e lábia suficiente para ser diplomata. Assim, só me restou o sacerdócio.

— Então, será o novo reverendo de... onde, mesmo?

— St. Stephen. Só por alguns meses, até que encontrem outro. Dizem que é um dos lugares mais pobres de Shropshire.

— E onde fica isso?

— Aqui, em suas terras, seu distraído!

— Aqui?!

— Sim. Bem, obrigado pela cerveja, Dom. Agora, preciso seguir para o vicariato. Meu primeiro serviço religioso será no domingo. Você estará presente, claro.

Dominic revirou os olhos.

— Excelente! — Phrey bateu-lhe no ombro. — Sabia que não desapontaria um velho amigo. Olhe, foi mesmo muito bom revê-lo. Senti saudade.

Dominic aceitou a mão de Phrey, do qual também sentira muita falta, e avistou a bagagem colocada numa carreta, a pouca distância.

— Não veio conduzindo sua charrete? Phrey se empertigou.

— Um pároco não pode ficar andando por aí num veículo mais adequado a esportes do que a transportes. — E, voltando ao tom normal, acrescentou: — Vim de carruagem. Tive de vender a charrete e os cavalos. Tão belos animais! Foi uma pena. Porém, precisava do dinheiro, e o bispo me emprestou sua carroça velha. — Franziu o nariz. — Deverá estar aqui

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

dentro de um ou dois dias.

— E enquanto isso?

— Vou caminhar e pagar gente local para carregar tudo que eu não conseguir. Um menininho até quis levar minhas malas assim que desci do veículo. Desejava ganhar umas moedas. Como em Londres! Mas mandei-o embora logo.

— Phrey, não acredito que esteja usando transporte público.

— Ordens do bispo. As privações devem tornar meu caráter ainda melhor. — Sorriu, com malícia. — Contudo, não vejo como alguém pode se tornar melhor sofrendo. Parece-me que as pessoas só ficam mais desesperadas. De todo modo, quem consegue convencer o bispo disso?

Dominic gargalhou e foi até seu cavalo, que deixara amarrado numa árvore.

— Fique com meu animal hoje.

— Não irá precisar dele?

— Não. Posso pegar um atalho pela floresta. Levarei apenas quinze minutos para chegar ao castelo. Use Hex até sua... carroça chegar.

— Muito obrigado, então. E para o diabo com as ordens do bispo! Hex é bem manso, não?

— Um tanto teimoso. Bonito, mas não muito inteligente. Seu nome completo é Hexton.

— Interessante! Da próxima vez em que vir Hexton, direi a ele que seu cavalo recebeu seu nome. Ele está subindo no governo, sabia?

— Viu? Eu bem que disse àquele sujeito que acabaria mal e acertei. Venha jantar comigo em Wolfestone esta noite. Veja o que meu querido papai me deixou. Tudo lá é bem espartano, o que alegrará seu bispo. Imagino que o bispo em questão, aliás, seja seu tio.

Phrey assentiu, com uma careta de frustração.

— Sim, meu querido tio Ceddie, amaldiçoadas sejam suas meias roxas! Aposto que sempre quis que eu fosse pároco, pelo menos desde quando coloquei cola em sua mitra. Não tem nenhum senso de humor, o velho! E ficou ainda pior com a idade. Devia ter colocado uma vespa na mitra, isso sim!

Grace achou o caminho para o lago sem maiores problemas. Era um lugar calmo, quase em absoluto silêncio. Suas águas eram alimentadas por um riacho que vinha das montanhas distantes, descendo por rochas arredondadas e escuras. No entanto era limpo, transparente.

De acordo com vovó Wigmore, Grace deveria banhar o rosto nelas ao nascer da lua nova, e as sardas desapareceriam.

Não estavam na lua nova, mas para Grace tudo bem. Ia lavar bem mais do que o rosto, e esperava que suas sardas falsas sobrevivessem. Se não, teria de renová-las.

Sentou-se na margem, sobre a grama macia, e tirou os sapatos e as meias. Em seguida, o vestido e o saiote, ficando com a camisa e a calçola. Foi para a água e se arrepiou quando entrou, afundando devagar.

O fundo era macio, arenoso, e por isso Grace teve de se esforçar um pouco para manter o equilíbrio. Acostumando-se ao terreno, submergiu por completo. Ao retornar à superfície, soltou um gritinho, pois a água estava fria; no entanto, deliciosa. Decidiu nadar até as rochas do outro lado, onde ainda havia restos de sol.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Ali, apanhou a água que descia das pedras e bebeu, com prazer. Era pura, cristalina. Sentou-se numa pedra, deixando os pés submersos. Mas não queria ficar ao sol por muito tempo, para não desenvolver pintas reais, portanto, voltou a mergulhar.

No meio do lago, deixou-se boiar de costas, imaginando que Melly devia passar muito calor em suas muitas roupas.

Devia ensiná-la a nadar. Sir John não permitiria que a filha nadasse no mar, mas ali, num recanto tão particular...

Qual seria a profundidade do lago? Grace mergulhou, decidida a descobrir, mas não conseguiu chegar ao fundo. Talvez fosse mágico, de fato.

E se soltou, mais uma vez, boiando, feliz.

Estava quente, e aquelas botas de montaria não tinham sido feitas para longas caminhadas. Dominic tirou o paletó e o jogou sobre o ombro. Andava pela sombra, mas não havia brisa, o que tornava o fim de tarde abafado. A seu lado, Sheba seguia, leal. Adiantou-se, porém, quando avistou o lago, e abanou a cauda.

— Ah, esses são seus planos, hein, marota? E, está bem quente, concordo. Certo, então, já que insiste, vamos lá!

Grace ouviu um barulho diferente. Ergueu as pálpebras e olhou ao redor, mas nada viu. Assim, voltou a boiar, de olhos fechados, muito tranqüila.

O ruído veio de novo, e ela tornou a inspecionar. Dessa vez, pôde ver um cachorro espalhando respingos para todo lado, na parte mais rasa do lago. Ao prestar atenção, reconheceu o animal: era Sheba, a cadela de lorde d'Acre, que nunca ficava longe do dono...

Grace se ergueu e, protegendo os olhos com a mão, mirou a margem. Foi quando o avistou, junto a uma árvore, apoiado ao tronco e de braços cruzados, como se estivesse apreciando a cena. Pouco distante, as roupas que ela deixara arrumadas numa pequena pilha.

— Há quanto tempo está aí? — ela gritou, para que ele a ouvisse.

— Boa tarde, Greystoke! Belo dia para um mergulho! — Dominic afrouxou o nó da gravata.

— Está aí há muito tempo? — Grace refez a frase.

— O suficiente. — Ele tirou o paletó e o pôs em cima das roupas dela.

Grace sentiu um arrepio. Usava apenas a camisa e a calçola, que ficavam transparentes quando molhadas. E se Dominic decidisse entrar ali com ela?!

Naquele instante, sentado na grama, ele descalçava as botas.

— O que está fazendo?!

— Tirando minhas botas.

— Sei disso, mas... para quê?

Dominic a fitou como quem acabara de ouvir a mais idiota das perguntas.

— Para não estragá-las, ora!

Grace engoliu em seco. Ele tirou também as meias e depois a camisa.

— Pare com isso agora mesmo!

— Parar com o quê? — E foi a vez da calça.

— Nem ouse fazer isso!

— Fazer o que, Greystoke? Nadar? Posso garantir-lhe que sou excelente nadador.

Grace cobriu o rosto com as mãos.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— E você? Nada bem ou apenas consegue boiar?

— Se deseja nadar, vire-se de costas e espere que eu saia! — Espiando por entre os dedos, ela constatou que lorde d'Acre ainda mantinha a ceroula.

— Mas há espaço suficiente para nós dois aí?

— Não se trata disso!

— Bobagem, Greystoke. Ninguém pode nos ver.

— Não ouse, já avisei!

Nadar com um homem seria o maior dos escândalos. Grace não podia permitir que ele se desse tal desvario.

— Ah, menina levada! Estava espiando, então!

Um calor intenso subiu até as faces de Grace, que teve de se enfiar na água de novo para tentar se acalmar. Quando emergiu, lorde d'Acre ainda estava na margem, a observá-la. Grace deu-lhe as costas de imediato.

— Não precisa se virar! Não me importo que olhe, Greystoke. Fico até lisonjeado, sabia?

— Não olhei! Só espiei um pouquinho porque não confio no senhor!

— Não?

— Não! Agora, por favor, vire-se e deixe-me sair!

— Greystoke, se quer sair, faça-o. Não se importe comigo. Se quiser, posso ajudá-la, por causa da lama. O que acha?

— Sabe muito bem que não sairei enquanto estiver aí, seminu! Vá nadar ali embaixo, e, enquanto o faz, poderei deixar o lago.

— Mas por que quer sair? Este lago me pertence, e não me importo em partilhá-lo.

— Não discutirei mais, sir. Desejo sair, portanto, vá para lá!

— Que pena... Está com frio?

— Sim. Agora, por favor!

— Claro. Se sente frio, terá de ser aquecida sem demora. — Assim dizendo, Dominic pulou na água e se pôs a dar vigorosas braçadas em direção a Grace.

Ela aproveitou o momento e nadou na direção oposta, mesmo que desse modo impusesse mais e mais distância de suas roupas.

Quase alcançava a margem quando olhou para trás. Assustou-se. Lorde d'Acre ainda não retornara à superfície. Teria batido a cabeça e desmaiado? Estaria preso em algum galho submerso?

Grace parou de nadar e ficou em pé, com água pela cintura. Nada de Dominic. Ninguém conseguia prender o fôlego por tanto tempo. Aflita, começou a nadar de volta ao ponto onde ele afundara. Tinha de fazer algo para ajudá-lo.

De repente, espalhando água por todos os lados, ele apareceu a sua frente.

— Sentiu minha falta?

— Oh, mas... Os braços fortes a envolveram sem lhe dar chance de dizer coisa alguma. Quando se deu conta do que acontecia, Grace tentou afastá-lo, mas em vão.

— Não, não! Você disse que estava com frio, por isso irei aquecê-la.

— Não está me aquecendo, sir! O que faz é vergonhoso, ouviu bem?!

Ele sorria.

— Greystoke... Por que treme?

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Porque achei que estava se afogando e fiquei nervosa!

— Eu lhe disse que sou excelente nadador.

— Meu cunhado Nicholas também é, mas não consegue ficar embaixo d'água por tanto tempo!

— Nicholas talvez não tenha passado a infância mergulhando em busca de moedas que os ricos deixam cair de seus barcos.

— Você fazia isso?

— Sim. E às vezes conseguia o suficiente para comprar uma refeição.

— O quê? Necessitava do dinheiro para comer?!

— Todo o mundo precisa de dinheiro. — Dominic prendeu uma mecha de cabelos molhados atrás da orelha dela.

— Mas... onde foi isso?

— Em Nápoles. Algumas vezes em Alexandria, mas por diversão, lá. Ora, não fique tão horrorizada, Greystoke! Bem que gostei, na época. Era muito competitivo e mergulhava bem melhor do que os outros meninos. Meus esforços eram bem recompensados.

— Pobrezinho... — Grace suspirou, mesmo tendo consciência de que não se achava mais diante da criança que ele fora.

— Bobagem. Eu era bem durão. — Dominic tomou-lhe a mão e beijou-lhe a palma. — Comandava meu grupo na rua.

— Na Itália? E em Alexandria? Como pode ser, se é herdeiro de Wolfestone? Os lordes d'Acre nunca foram pobres. Seu pai não...

— Nasci na Itália e cresci no exterior.

Grace já notara antes que Dominic não gostava de falar sobre o pai. Percebeu que as mãos dele de alguma forma tinham se enfiado por baixo de sua camisa e a acariciavam com suavidade.

— Por isso não sabia onde estavam as coisas no castelo, naquela primeira tarde...

— De fato. Por isso também sou tão bom na água. Dominic roçou os seios dela, e Grace se sentiu fraca. Seus joelhos esqueceram-se da função de sustentar-lhe o peso e mantê-la em pé.

— Passe as pernas por minha cintura para se equilibrar — Dominic sugeriu, rouco.

Sem saber por que, Grace o obedeceu. Mas, ao contato com o corpo dele, tentou se soltar.

— Fique assim. Aqui, comigo, está em total segurança.

Não era bem assim, Grace sabia. Achava-se exposta, vulnerável. Mas não quis pensar em mais nada, porque os lábios dele se apossaram dos seus, naquela exploração deliciosa que já conhecia tão bem.

Grace aceitou o beijo, enfiando os dedos pelos cabelos de Dominic. E, nesse momento, ouviu-o gemer de leve e sentiu-o aprofundar a carícia, com uma paixão lenta e avassaladora.

Quando se deu conta do que acontecia, Grace viu que sua camisa fora aberta, e assim seus seios fluviavam na água.

— Você é tão linda, meu amor — murmurou ele, envolvendo os seios dela nas mãos e roçando os polegares nos mamilos intumescidos.

Grace estremeceu e arqueou o corpo para trás, com os olhos fechados. De repente, o

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

mundo inteiro se resumia àquele momento, àquelas sensações e àquele homem.

Dominic a acariciava ininterruptamente, e ao perceber que ela não conseguiria mais suportar, inclinou a cabeça e tomou gentilmente um mamilo nos lábios. Grace gemeu baixinho e se contorceu, apertando a cintura de Dominic com as pernas, como se quisesse fundir-se a ele, alheia a tudo à sua volta.

A excitação tomou conta de Dominic, e por um momento ele esqueceu sua resolução de fazer amor com Grace pela primeira vez numa cama, esqueceu que se encontravam a céu aberto, de pé num lago.

As pernas de Grace estavam entrelaçadas ao redor de seu corpo, e ele sentia a nudez feminina de encontro ao abdome. Deslizando uma das mãos pelas costas macias, Dominic alcançou-lhe a virilha e acariciou a região entre as pernas, fazendo-a sacudir o corpo contra o seu, enquanto emitia gemidos roucos, encorajando-o a prosseguir. Encontrando o centro da feminilidade de Grace, ele o estimulou e observou, extasiado, enquanto uma avalanche de sensações a dominava, fazendo-a arquear-se mais para trás, atingindo o auge do prazer em seus braços.

Dominic sentia o próprio corpo latejar de desejo, e estava a ponto de penetrá-la quando um súbito movimento na água distraiu Grace, ao mesmo tempo que o som de latidos frenéticos rompia o silêncio.

Essa não, era só o que faltava! Sheba não poderia ter escolhido uma ocasião mais propícia para dar o ar da graça? Grace abriu os olhos e agarrou-se aos ombros dele, virando a cabeça para os lados, aturdida, repentinamente consciente da posição em que se encontravam, até que seu olhar se deteve em Sheba, que havia surpreendido algum animal silvestre e latia furiosamente na direção de um tufo de moitas na margem do lago.

Dominic cerrou as pálpebras por instantes e, quando tornou a erguê-las, Grace o encarava, confusa; assustada até.

Se quisesse, poderia possuí-la ali, naquele momento. E Dominic teve de se controlar muito para não fazê-lo.

Com movimentos rápidos, mas um tanto desajeitados, ela se colocou em pé. Ele a amparou.

— Calma, Greystoke. Não fizemos nada de errado. Somos livres, esqueceu?

Mas Grace deu-lhe as costas, respondendo:

— Não. Você é um homem comprometido. — E se pôs a nadar de volta à margem.

Grace chegara bem perto de se entregar, e estava muito envergonhada. Queria ficar o mais distante dele possível.

O que deu em mim, afinal?!

As mãos dele exploraram seu corpo! E a esse pensamento, mais uma onda de desejo surgiu para espicaçá-la. Bem que vovó Wigmore a avisara. Uma moça podia perder a virtude num mergulho na lagoa Gwydion...

Phrey seguia em direção à residência de Dominic. Olhando ao redor, notava o estado lastimável em que a propriedade se encontrava. Seu amigo teria de fazer muito por aquele lugar, embora Phrey não conseguisse vê-lo como um homem caseiro.

Parou diante da entrada principal e, como ninguém veio recebê-lo e cuidar de seu cavalo, assobiou para os dois homens que viu consertando uma janela. Assim que um deles se aproximou, entregou-lhe as rédeas.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Leve este animal aos estábulos e cuide bem dele. — Enfiou uma moeda de cobre na mão do criado, que se afastou, satisfeito.

Tocou a sineta e foi atendido pelo mesmo menino que quisera transportar sua bagagem ao chegar. Agora, o pequeno estava sujo e tinha teias de aranha nos cabelos encaracolados.

— Vim para ver lorde d'Acre — Phrey afirmou.

— Desculpe-me, senhor, mas milorde não está. — O menino começou a fechar a porta.

Phrey enfiou a bota entre ela e o batente, reclamando:

— Olhe, aqui, garoto dos in... — Lembrou-se de repente de que, como reverendo, não devia usar aquela linguagem chula, muito menos com uma criança. — Filho, vim visitar seu patrão. Ele está a minha espera.

— Moço, não sou seu filho, e já lhe disse que lorde d'Acre não se encontra.

Phrey respirou fundo.

— Sou o novo reverendo, e vou entrar e esperar. Já falei com lorde d'Acre há pouco, e ele me convidou. Aliás, disse que estava a caminho de casa. — Empurrou a porta e entrou, vendo que o castelo era, como Dominic dissera, simples, com decoração espartana, mas espartana demais, pelo visto. Tornou a fitar o garoto e perguntou:

— E você, quem é?

— Billy Finn. Sou o faz-tudo pessoal de lorde d'Acre!

— Mesmo?

— Não falaria assim comigo se eu estivesse de uniforme, reverendo!

— Nenhum uniforme melhoraria o aspecto de um menino cujos cabelos estão cheios de teias de aranha. Agora, leve-me a uma sala e traga-me um refresco.

Billy passou as mãos na cabeleira, limpou-as na calça e foi até uma porta lateral, que se abriu.

— Aqui, então.

— Quanta graça e estilo! — Phrey ia entrar quando uma doce voz soou logo atrás dele.

— Procura por lorde d'Acre? Lamento, mas no momento milorde não está em casa.

Phrey se voltou e viu uma moça que, de imediato, pareceu-lhe pura doçura e curvas. Tinha a expressão séria, mas encantadora. O rosto era redondo, e seus cabelos foram presos em cachos graciosos. E notou que ela corava por causa da insistência de seu olhar.

— Perdão, mas as coisas andam um tanto conturbadas por aqui, e meus cabelos decerto ficaram um tanto desajeitados.

— A senhorita me parece adorável.

Ela sorriu de leve e se dirigiu ao menino:

— Billy querido, por favor, peça à sra. Stokes para nos mandar um bule de chá e alguns de seus deliciosos biscoitos de limão. — E indagou para Phrey: — Ou prefere café? Quem sabe algo mais forte?

— Chá e biscoitos será ótimo. Phrey não se reconhecia. Detestava chá. Mas achava que teria de se acostumar a ele, visto que era a bebida sempre oferecida a párocos.

— Queira se sentar, por favor. — Ela indicava uma poltrona. — Desculpe-me, mas como disse que é seu nome?

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

—Humphrey Netteterton, a seu dispor. Sou um velho amigo de Dominic, lorde d'Acre.

— E eu sou a srta. Pettifer.

Phrey aceitou a mão que ela lhe estendia, e que era como o resto dela: suave e macia. Seus olhos eram castanhos, lindos, e seus cabelos contrastavam com a pele perfeita. Ficaram assim, mirando-se, até que ele se lembrou de dizer alguma coisa:

— Também sou o novo reverendo de St. Stephen.

— Oh... Muito prazer em conhecê-lo.

De repente, Melly começou a chorar, o que o deixou perplexo. Tudo o que um cavalheiro poderia fazer era consolá-la ao peito, e foi o que ele fez, permitindo que molhasse de lágrimas o nó perfeito de sua gravata. Ficou assim, batendo de leve nós ombros dela, ouvindo seus soluços e sentindo o delicado aroma que vinha de sua cabeleira.

— Sinto muito. — Por fim, Melly se esforçou por se recompor. — Não sei o que me deu.

— Bem, disse que as coisas estavam um tanto conturbadas, não é mesmo?

— Meu pai ficou muito doente. O médico está com ele.

— Tenha calma. — Os braços dele a estreitaram mais. — Tudo ficará bem.

— Acho que ele vai... vai... — Um biquinho, e ela recomeçou a chorar.

Sem pensar, Phrey segurou-lhe o queixo e ergueu-o de leve, beijando-a com suavidade.

— Tudo dará certo.

— O senhor é muito gentil, mas temo pelo pior. Papai vem pedindo a presença de um reverendo há dias! Creio que quer receber a extremunção. E agora que está aqui e ele pode fazê-lo... Ah, Deus!

Phrey se comoveu. Mas era o religioso que deveria estar com o pai da srta. Pettifer quando ele entregasse a alma a Deus! Engoliu em seco. Que maneira de começar a trabalhar.

— O senhor faria algo por mim, por favor?

— Sim, claro.

— Não quero que vá falar com papai ainda. Receio que ao vê-lo... Entende?

— Se acha melhor assim, senhorita, ficarei longe dele. Mas se seu paizinho piorar muito, sabe que terei de...

— Claro, claro. Obrigada. Como está acamado, papai não saberá que o senhor está aqui, a menos que alguém lhe conte.

Phrey a fitava. Deveria sentir apenas pena, mas lembrava-se do sabor daqueles lábios, e isso o enchia de desejo. Não pretendia beijá-la, mas mal reconhecia sua reação. Ainda bem que a srta. Pettifer não reagira mal. Na realidade, ela mal reagira. Devia estar perdendo o jeito com as mulheres...

Ora, pelo amor de Deus, o pai da garota está morrendo! Como a boa jovem poderia reagir?!

Phrey sabia muito bem o que era perder o pai. Assim, abraçou-a mais, sentindo como suas curvas eram delicadas...

Grace, uma vez na margem, se apressava para se vestir o quanto antes.

— Maravilhosa! — ouviu, logo atrás de si, e se virou, furiosa.

— Pare com isso!

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Parece um pêssego embrulhado em papel suave.

— Já lhe disse para parar!

— Mas você é pura poesia, Greystoke!

— Pare de falar e vista-se também!

— Não posso. — Dominic saía da água, sorridente. — Se me vestir agora, minha calça ficará molhada em certas partes, e as pessoas poderão se perguntar o que andei fazendo. Ah, e também verão manchas em seu vestido, e se souberem contar dois mais dois...

Grace mordeu o lábio. Ele tinha razão.

— Creio que tem duas opções — Dominic prosseguiu, muito alegre. — Primeira: você tira o que está molhado e veste o que está seco; mas aí terá de esconder as peças molhadas de alguma forma ao entrar em Wolfestone. Embora eu possa levar tudo em meu bolso, se quiser. Segunda: sente-se ao sol e espere que suas roupas de baixo sequem para colocar o resto. É isso o que pretendo fazer.

Dominic se estendeu na grama, sem se importar com o desconforto dela diante de sua seminudez.

Mesmo contrariada, Grace caminhou alguns passos e sentou-se numa pedra, um tanto longe dele.

— Olhe para nós, Greystoke! Você sentada aí, e eu deitado aqui... Isso me fez lembrar de *Romeu e Julieta*.

— Imagine! Não somos amantes cujo amor estava escrito nas estrelas.

Sentando-se, Dominic a encarou.

— Mas nós somos amantes.

— Não.

— Sei que ainda não está pronta para mim, mas eu posso esperar.

— Não adianta, milorde. Não mudarei de idéia. Dominic assentiu, o que a deixou ainda menos à vontade.

Grace evitava olhá-lo, mas tinha as emoções turbulentas. Não, eles não eram predestinados, com o noivado dele ainda valendo. Além do mais, o que Dominic poderia querer, além de alguns minutos de prazer e nada mais?

Lembrou-se de que, no meio do rio, ele a chamara de "meu amor". Mas certamente nada havia de amor naquilo, e sim paixão apenas.

Mas seus seios pareciam ainda muito sensíveis devido ao toque dele. Grace dobrou as pernas e os apertou contra si, tentando deter a sensação.

Dominic a considerava uma acompanhante, uma mera criada, e os homens costumavam olhar de modo diferente para as damas de verdade e as empregadas. Lorde d'Acre podia estar querendo apenas uma aventura sem conseqüências com uma serviçal, nada mais.

Claro que podia revelar-lhe quem era, de fato; não havia por que manter o disfarce, agora que sir John se achava tão doente. Mas Grace não queria fazer a revelação; pelo menos, ainda não.

Na verdade, Dominic não estava reagindo a quem ela era na sociedade, mas a quem era como mulher, e isso a agradava. E tinha receio de que seus sonhos viessem a feri-la mais tarde. Fora assim com suas irmãs Prudence e Faith; ambas erraram ao se apaixonar por

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

canalhas. Colocaram a felicidade nas mãos de homens que nada valiam. E suas vidas quase foram arruinadas para sempre. Por sorte, não aconteceu, mas Grace ficou com muito receio de repetir o erro.

Minutos depois, achou que suas roupas de baixo estavam razoavelmente secas, e enfiou-se atrás de um arbusto, onde passou a se vestir.

Lorde d'Acre esperava, calado demais. Também ele já se compusera. Entretanto, quando Grace tornou a aparecer de trás das folhas, a pergunta dele a tomou de surpresa:

— E então? Por que acha que não devemos ser um do outro?

— Porque tenho outros planos. Quero viajar. Navegar em Veneza ao amanhecer, ver a lua sobre as pirâmides, ficar diante da Esfinge e saber o quanto sou pequena e insignificante. Pretendo descer o Nilo num barco antigo e andar de camelo.

Dominic arregalou os olhos.

— Um camelo?! Ambos retomavam o caminho para casa.

— Por que não? Seria emocionante!

— Camelos cheiram mal, babam e fazem barulhos estranhos. E, à noite, roncam!

— Roncam? — Grace sorriu.

— Nenhum homem ronca como um camelo. E eles são teimosos também. Andar neles causa náuseas, sabia?

— Já passeou de camelo, sir?

— Muitas vezes. E prefiro cavalos.

— Mas camelos são tão exóticos!

— Não no Egito.

Chegaram à entrada do castelo, e ali Dominic pegou a mão de Grace, colocando-a na dobra de seu braço. Ela continuava falando, animada:

— Se eu não tivesse vindo com Mel... com a srta. Pettifer, estaria agora fazendo as malas para seguir para o Egito com a prima do cônsul-geral.

— Mesmo?

— Sim, estava tudo arranjado. Seguiríamos de navio até Alexandria. — As pupilas dela cintilavam. — Poderia me falar sobre lá?

Dominic parou de andar, muito sério.

— Se as recordações forem dolorosas, esqueça, milorde — ela se apressou em dizer.

— Não é nada doloroso. Mas me lembrei de algo mais importante. — E fitando-a de forma solene, disse: — Sabe, suas sardas param bem abaixo da linha de seu pescoço. Não há nenhuma mais para baixo. Eu estava um pouco distraído, naquele momento, mas acabo de me recordar. Não é fascinante?

— Não. — Grace soltou-lhe o braço. — Já disse que tenho outros planos. E fique sabendo que não costumo ter nenhum relacionamento com noivos de outras moças. Muito menos com maridos. Para ser franca, não tenho relacionamento nenhum. Portanto, pode passar a me ignorar, pois eu agradecerei.

— Não quero ignorá-la, Greystoke.

— Que seja. Mas se é passar o tempo o que procura, sugiro que fale com uma das garotas Tickel, porque elas gostam desse tipo de diversão.

— Não quero nenhuma delas.

— Jura? Elas são todas muito bonitas. Tansy é a mais bela, em minha opinião, mas

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Tilly tem o sorriso mais lindo, e sua pele é maravilhosa.

— Prefiro sardas. Sobretudo onde elas param de aparecer. Grace respirou fundo e prosseguiu:

—E Tessa é a mais curvilínea das três. Os homens gostam de curvas quando se trata de um relacionamento sem futuro, não?

— Gostam, é?

— Acredito que sim.

— Pois eu não tenho o menor interesse em nenhuma das curvas Tickel. Nem em seus sorrisos, nem em sua pele, ou o que for. Aprecio garotas miúdas, espirituosas e com sardas.

— Pois esqueça! — Grace lhe deu as costas e se dirigiu à entrada principal.

— Greystoke, sou um Wolfe, e nós, os Wolfe, não esperamos convites! Escolhemos a presa e saímos à caça. Considere-se avisada!

Ao entrar na sala, Dominic encontrou seu amigo tomando chá em companhia da srta. Pettifer. Fez uma careta, pois tinha conhecimento do quanto Phrey era avesso àquela bebida.

— Sinto ter vindo tão cedo, Dom, mas o vicariato está uma bagunça! Na realidade, foi um temporal de alguns dias atrás que deixou tudo num estado lamentável. Telhas voaram, tudo está encharcado e cheirando mal. Inconveniente, mas, claro, um ato de Deus. E pensei em pedir-lhe hospedagem aqui.

— Claro, Phrey! Você é mais do que bem-vindo! Apesar de as condições do castelo serem bem mais simples do que aquilo a que está acostumado.

— Nem tanto. A muito gentil srta. Pettifer já fez com que me sentisse muito bem recebido.

Dominic notou que o sorriso do amigo para Melly era mais resplandecente do que o normal. Ela enrubesceu e murmurou algo incompreensível.

— Vejo que já conheceu minha noiva, então...

Phrey abriu a boca, surpreso, e acabou derrubando parte de seu chá na gravata que tanto prezava.

O jantar preparado pela sra. Stokes estava excelente. Grace a cumprimentou pela qualidade da comida, e ela, modesta, se inclinou, explicando:

— Tenho tentado dar o melhor de mim para ver se sir John se alimenta um pouco, senhora. O pobrezinho come como um passarinho.

Grace arqueou as sobrancelhas.

— Acho que uma canja teria sido o mais indicado para ele.

— Mas mandei um bom prato de sopa de galinha para milorde, que nem a tocou! — Ela baixou a entonação, para segredar: — E esse reverendo, então? Magrinho! Precisa experimentar a boa comida de Shropshire!

Na verdade, todos comeram muito bem, exceto Melly, que mal tocou na excelente refeição. Chegou, mesmo, a recusar os bolinhos de limão servidos na sobremesa, e Grace sabia o quanto a amiga os adorava.

— Você está bem, Melly? — decidiu indagar, quando retiravam os pratos.

— Estou, Grace. Pareço mal?

— Não comeu quase nada.

— Mera falta de apetite.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Já era muito ter sir John mantendo o que parecia ser uma greve de fome. Grace esperava que sua amiga não estivesse se deixando abater pela depressão. Mas, fora a falta de apetite, Melly lhe parecia saudável. Talvez estivesse apenas preocupada com o pai.

— Grace? Está acordada? — Melly sussurrou, no quarto escuro.

— Sim. O que foi?

— Nada... — Após um longo silêncio, ela quis saber: — Você gosta de lorde d'Acre, não?

Grace engoliu em seco. "Gostar" não era a palavra certa. Algumas vezes queria estrangulá-lo; em outras, queria-o tanto que seu corpo todo doía.

— Eu a vi chegando hoje, e a achei radiante — Melly insistiu. — Milorde entrou pouco depois. Estiveram juntos?

— Eu o encontrei no lago.

— Notei vocês dois se olhando durante o jantar. Creio que está apaixonada por ele, Grace.

Ela suspirou. Não adiantaria mentir para a amiga de tantos anos.

— Não sei, Melly. Só o que posso dizer é que nunca me senti assim antes. Jamais imaginei...

— Não se preocupe. Vou falar com papai, e tudo ficará bem para você. Prometo.

— Ah, está aqui! Achei que tivesse ido fazer seus estudos na biblioteca. — Dominic saiu para o terraço, onde Grace, sentada numa espreguiçadeira, lia um livro.

Ela o presenteou com um sorriso, o que mexeu com seu coração supostamente insensível.

— A manhã estava tão linda que preferi vir para cá. Mas não consigo me concentrar. O sol está me dando sono. Acho que vou deixar a leitura para mais tarde.

Dominic se aproximou mais.

— Ainda determinada a viajar para o Egito?

— Sim! — Grace procurava pelos sapatos, que colocara embaixo da cadeira.

Dominic se ajoelhou para ajudá-la a encontrá-los.

— Parece-me demais aprender árabe só para empreender uma viagem. A propósito, encontrei isto na biblioteca, outro dia. — Depositou um livrinho com capa de couro no aparador, logo ao lado. — Deve ser mais interessante do que essa gramática.

Grace pegou o volume, abrindo-o.

— Parece poesia... E está em árabe! — Como já conseguia ler um pouco, alegrou-se. — E é linda! Leu isto?!

— Essa bobagem não é de meu interesse — mentiu. — Pode ficar com ele agora.

— Obrigada! Vou guardá-lo com carinho. Veja, há uma inscrição na primeira página. A última, para nós. A tinta está sumindo, mas ainda é legível: *Para minha pomba, meu coração, minha amada. Sempre seu, Faisal*. Que romântico! Quem terá sido Faisal? E quem seria sua amada? E como isto chegou a Wolfestone?

Dominic deu de ombros.

— Não faço idéia. Bem, tenho de ir. Vou conversar com Jake Tasker. — Inclinando-se, deu-lhe um beijo suave e inesperado. — Aproveite a leitura.

— O senhor ficou surpreso ontem quando soube que sou a noiva de lorde d'Acre. — Melly falava com Phrey, na sala de estar. Como seu pai estivesse dormindo, pediu que o chá

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

lhes fosse servido ali.

— Eu? Creio que sim. Não esperava um casam... Bem, fiquei surpreso, de fato.

— Ia dizer algo, reverendo. Que não esperava que esse casamento de conveniência tivesse uma noiva como eu, não é? Deve achar que sou esquisita.

— De modo algum! Fiquei imaginando por que meu amigo Dominic, que sempre considerei inteligente, pode ser tão tolo...

Melly mordeu o lábio inferior. Tinha de aprender a ouvir palavras não muito agradáveis.

— ...em desperdiçar alguém como a senhorita numa união de fachada.

Ela não sabia o que dizer. Ficou embaraçada, pois ele conhecia as condições do matrimônio. Sua maior humilhação era que lorde d'Acre não a queria nem para ser mãe de seus filhos. Mas, de repente, as palavras de Humphrey Netterton fizeram sentido. Olhou-o, atônita.

— Acredita que seria um desperdício? — sussurrou.

— Sim. Qualquer homem com sangue nas veias concordaria comigo. Dominic é um tolo.

— Andar pela propriedade? Pelo amor de Deus, não! — Dominic protestava, diante de Jake Tasker. — Isso pode esperar até que Abdul chegue.

— Não, senhor. Deve conhecer o lugar e as pessoas. E elas devem conhecê-lo também.

— Abdul é quem irá lidar com isso. Os inquilinos podem conhecê-lo. Quero apenas ser informado.

— Do mesmo modo como seu pai era informado pelo sr. Eades? — Tasker era determinado.

Dominic cerrou os lábios.

— Os livros-caixa me dirão tudo o que terei de saber. Foi depois que os examinei que descobrimos o que Eades fez.

— Nós daqui sabíamos o que ele pretendia desde o começo. Quando descobrimos que Eades vinha roubando, muito mal já tinha sido feito, com muitos homens arruinados.

Dominic começava a ficar irritado com a conversa, e não apenas porque reconhecia que Tasker tinha razão. Mesmo assim, insistiu ainda:

— Conheço Abdul há dez anos, e ele é de total confiança.

— Pode ser que os camponeses não gostem de um estrangeiro; mas talvez o aceitem se tiverem falado com seu senhor primeiro. É uma questão de respeito. Milorde os respeita e eles respeitam o homem que age em seu nome. No entanto, nem olharão para Abdul se o senhor não falar com eles antes.

— Você não conhece Abdul, homem. Nunca o vi falhar.

— E ele nunca trabalhou com gente de Shropshire. Somos teimosos feito mulas. Há seiscentos anos estamos aqui, obedecendo às ordens dos Wolfe. Sempre foi assim, e nenhum estrangeiro, por mais inteligente que seja, vai mudar nada. Se quer a propriedade renovada, sir, terá de se fazer obedecer, e isso significa encontrar o povo, falar-lhe e ouvir o que tem a lhe dizer.

Dominic respirou fundo e mandou parar os cavalos. Nunca quisera estar ali, quanto mais verificar cada pedaço da propriedade. Seria uma visita superficial, decidiu. Encontraria

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

os moradores mais importantes e deixaria que lhe dissessem o que queriam dizer. Em seguida, diria que dali em diante se reportassem a Abdul, e tudo estaria resolvido. Para seu espanto, porém, o primeiro lugar em que ele e Tasker pararam foi uma choupana em ruínas, à beira da floresta. Dominic apeou, relutante. Ao que parecia, Tasker sabia muito bem o que queria que seu lorde visse. Mesmo irritado com seu comportamento, porém, Dominic se sentia satisfeito por ver que o homem fazia o que julgava correto. Tasker bateu, e uma mulher de cinquenta e poucos anos veio atender. Vestia-se de forma simples, mas estava muito limpa e arrumada. Apoiava-se numa bengala, e olhou para Dominic com intensos olhos azuis. Seu semblante deixava claro que era a mãe de Tasker.

— O filho de lady Elisabeth... — E então ela esboçou um lindo sorriso. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Oh, Deus, estou tão feliz por conhecê-lo, enfim! Fui criada particular de sua mãe e muito mais. Fomos amigas!

Para surpresa de Dominic, a sra. Tasker foi até ele e tocou-lhe o rosto, como para ter certeza de que era real. Dominic cerrou os dentes. Sua mãe costumava tocá-lo daquele modo.

A sra. Tasker o convidou a entrar. Pelo visto, a família toda partilhava um mesmo cômodo. Uma lareira de pedra fornecia calor e era usada para cozinhar. Havia um banco sobre o qual um cobertor se achava dobrado, duas cadeiras muito bonitas e uma mesa. Dois cantos estavam separados por cortinas; deviam ser reservados para as camas. Tudo ali era velho e gasto, mas limpíssimo. Jake se afastou, para ir fazer chá.

Dominic se sentou ao lado da sra. Tasker, no banco.

— Ela deve ter tido tanto orgulho de você! Queria muito um filho. E chorava todos os dias quando ficava sabendo mais uma vez que não haveria nenhum bebê.

— Meu pai queria um herdeiro para Wolfestone.

— Sim, ele queria, mas esse não era o único motivo pelo qual lady Elisabeth chorava. Milady desejava um filho para si mesma. Era uma moça tão bondosa e delicada! E queria tanto um bebê... Visitava todas as mães da propriedade e ficava brincando com suas crianças durante horas.

Mais uma vez, a mulher acariciou-lhe a face.

— Que bom saber que minha amiga teve um garoto tão bonito! E você cuidou dela, não?

Dominic, com uma forte emoção tomando seu peito, assentiu.

— Claro, posso ver que o fez. Você tem os olhos de seu pai, mas há uma doçura neles que só podia ter vindo de lady Elisabeth. Ela teve uma vida feliz, no fim, milorde?

Mais uma vez ele fez que sim, e acrescentou:

— Sobre tudo nos últimos dez anos.

Não havia por que dizer àquela mulher como tinham sido terríveis os primeiros oito.

— Que bom! Milady mandou uma carta para mim depois da fuga. — A sra. Tasker sorriu ao ver o espanto de Dominic. — Fui amiga dela, e sabia como era tudo entre minha lady e seu pai. Sabe, milorde, quase fui com ela. Esse foi o plano original, mas não era para ser assim... — Passou a mão pela perna, como se tivesse começado a doer.

Tasker trouxe o chá, e a mãe lhe lançou um olhar amoroso.

— E se tivesse ido com milady, não teria me casado com o pai de Jake e tido também meu garoto bonito. As coisas caminharam para melhor, como pode ver.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

O chá estava fraco e sem gosto; as folhas eram velhas, usadas várias vezes. Chá de gente muito pobre. Mas Dominic bebeu-o em silêncio. O gosto trazia sua infância de volta.

Ao terminar de beber, Jake se levantou e tirou um embrulho de um baú, que estendeu a Dominic. Era uma pasta, que o lorde abriu com certo cuidado.

Ali dentro encontrou desenhos e aquarelas de Wolfestone, de cada ângulo. Um lugar que ele não teria reconhecido, repleto de flores e cores. Pinturas do jardim de rosas e de várias pessoas, adultos e crianças, um cachorro deitado na grama, dormindo tudo feito com muita delicadeza e amor.

— Eram de sua mãe — explicou a sra. Tasker. — Veja, esta sou eu.

A moça que ela apontava era bonita, muito vivaz. O oposto do farrapo em que aquela senhora se transformara por consequência do sofrimento.

— Pode ficar com a pasta, milorde. Eu a guardei para o senhor desde que soube de seu nascimento. Sabia que, após a morte de lorde d'Acre, iria voltar para nós. Pena não poder ter trazido lady Elisabeth junto. — E, esquecendo-se de que ele era um lorde, e ela, uma simples camponesa, inclinou-se e o abraçou.

Dominic se manteve rígido. Depois, agradeceu o chá e as gravuras. No momento em que ia se levantar para sair, a sra. Tasker segurou-lhe o braço.

— Espero que não me leve a mal, mas preciso fazer isto por sua mãe. — E puxou-o para dar-lhe um beijo.

Sem demora, Dominic caminhou de volta a seu cavalo. Colocou a pasta no alforje e montou.

— Não se importou por mamãe ter tomado liberdades, não é, senhor? — Jake, que o seguira, subiu para a sela de seu animal.

Dominic fez que não, simplesmente, pois não confiava na própria voz, tão emocionado estava.

— Minha mãe adorava lady Elisabeth. Chorou durante dias quando o sr. Podmore lhe contou que ela havia morrido.

Dominic o encarou.

— Podmore contou à sra. Tasker?

— Sim. Ele sempre vem visitá-la. Mamãe sempre achou que o sr. Podmore gostava de lady Elisabeth, e sempre procurou conversar com outras pessoas que também a admiraram. Parece tirar conforto disso.

Era verdade. Dominic não falara de sua mãe desde o dia de seu enterro. E no entanto, chegando a Wolfestone, encontrara duas pessoas que a conheceram e amaram muito. E na dor de falarem sobre ela, houvera certo conforto, sim. Que ironia achar isso em Wolfestone, o lugar que jurara destruir!

Cavalgaram calados por algum tempo, até que Dominic quis saber:

— Como sua mãe feriu a perna? Jake olhou para ele.

— Então não sabe?

Uma sensação estranha e incômoda tomou Dominic.

— Não.

— Foi um golpe violento, na noite em que lady Elisabeth fugiu. Ao saber que a esposa o tinha abandonado, seu pai se enfureceu. Mamãe não quis dizer a ele para onde lady Elisabeth tinha ido, e por isso ele a jogou escadaria abaixo.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Grace lia o volume de poesias que Dominic lhe dera, na biblioteca. Verificara nas prateleiras, procurando por outras publicações em árabe, mas não encontrara nenhuma. Era estranho que houvesse apenas uma.

Mas era um livro maravilhoso. Quanto mais lia, mais via o quanto Faisal amara sua adorada.

Um dos poemas se tornou seu favorito. Mesmo escrito havia tanto tempo, parecia atual e capaz de fazê-la chorar:

E ela veio com a madrugada abrindo um caminho pela noite e, como o vento, acariciando a superfície das águas

O horizonte a meu redor Exalava seu perfume Anunciando sua chegada Como a fragrância precede a flor...

A porta se abriu, e o sr. Netterton entrou.

—Ah, sinto muitíssimo! Não queria perturbá-la, Greystoke. A srta. Pettifer acaba de subir para cuidar do pai, e pensei em escrever algumas cartas. Na verdade, um sermão. O fato é que nunca antes conduzi um serviço religioso sozinho. Conheço o ritual, mas estou preocupado com a homília. Imaginei que houvesse livros que me podem ser úteis naquela prateleira.

— Sem dúvida deseja causar uma boa impressão a seu rebanho.

— Rebanho... — Phrey fez uma careta. — Olhe, não me sinto pastor de ninguém. E, se quer saber, acho que dormi durante todos os sermões que deveria ter ouvido na vida. É algo tão maçante!

Grace sorriu.

— Então, deve saber muito bem o que fazer.

— Como assim?

— Ora, o senhor sabe como *não* escrever um sermão. Pense no que gostaria de ter ouvido antes de seguir sua vocação.

— Teria de ser bem curto, com algumas anedotas e nenhuma lição de moral.

— Muito bem, então essa será sua homília inaugural!

— E, pode ser... Se não se importa, vou fazer algumas anotações antes que me esqueça.

E assim os dois se dedicaram ambos a seus interesses.

Mais tarde, por fim, quando o reverendo parou de escrever, Grace, ao vê-lo olhando para uma parede repleta de prateleiras cheias de livros, indagou:

— Terminou?

Ele teve um sobressalto.

— Sim, sim! Mas é muito curto.

—Não se preocupe. Tenho certeza de que todos irão gostar e ficar agradecidos. Qual o tema?

— E como uma fábula... Um cão numa manjedoura. Não a de Jesus, lógico. Num outro país, numa outra época.

— Parece-me bom. É uma boa forma de se comunicar com uma comunidade rural. Mas o senhor irá escrever sermões pelo resto da vida, portanto, não há pressa. Acabará pegando o jeito.

— E como quando estava na escola, sabe? Eu detestava escrever redações. Por

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

que, em nome de Deus, escolhi uma carreira que envolve a escrita?

Era a oportunidade que Grace queria.

— Conheceu lorde d'Acre em seus tempos de estudante, não? Como ele era, na ocasião?

Phrey sorriu. Gostava de falar daquilo.

— Meio selvagem, no começo. Falava inglês com sotaque estrangeiro e brigava com todos que o olhassem torto. Na realidade, foi assim que nós travamos amizade. Antes, brigamos, embora eu tenha esquecido o motivo, e nos socamos até não conseguirmos mais parar em pé; e acabamos amigos.

A expressão horrorizada no rosto dela o fez rir.

— Aposto que nunca teve irmãos, Greystoke. Meninos são assim, brutos, grosseirões. É normal baterem uns nos outros e ficarem amigos depois. Acontece sempre. De todo jeito, após a briga, tornamo-nos inseparáveis. Fazíamos tudo juntos: jogos, lições, traquinagens... E passaríamos as férias lado a lado também, se nos permitissem. — O sorriso dele diminuiu. — Pena...

— O que é uma pena?

— Não sei se Dom gostaria que eu lhe contasse isso.

— Mas se é parte do passado, que mal poderia fazer? Além disso, não contarei a ninguém.

Phrey ponderou e acabou por se decidir:

— Lorde d'Acre só soube que tinha um filho quando alguém disse ter visto lady Elisabeth num país estrangeiro com um menino; quando fugiu do marido ela estava grávida, mas ele não teve conhecimento disso. Dominic é a imagem viva do pai. Portanto, não houve como negar sua origem. E assim que lorde d'Acre soube que era pai, mandou buscar Dominic e quis que ele fosse treinado para ocupar a posição que um dia seria sua: herdeiro de Wolfestone e do título d'Acre. Lady Elisabeth estava longe demais para que Dominic pudesse ir passar as férias em sua companhia; e, mesmo que estivesse mais perto, o pai não o permitiria. Assim que pôs as mãos nele, o lorde nunca mais o deixou sair da Inglaterra. E o mantinha sem um tostão no bolso. Era o garoto mais pobre de Eton. Mas o fato é que Dom sempre teve jeito para ganhar dinheiro. É incrível! — Phrey meneou a cabeça. — Onde eu estava?

— Nas férias.

— Ah, sim! Meus pais gostariam que Dom ficasse conosco nesse período. Meu pai até escreveu a lorde d'Acre pedindo sua permissão, mas ele não a deu. Dominic também lhe fez o pedido, mas o pai tornou a negar.

— O lorde queria, então, que o filho ficasse com ele nas férias?

Phrey deu risada e negou com a cabeça.

— Não. Dom só viu o pai duas vezes na vida. E nunca ficou mais de uma hora em sua companhia.

— Como?!

— Era exigência do lorde que Dominic nunca se afastasse da escola. Acho que temia que ele poderia tentar escapar, e nem estava muito enganado quanto a isso, devo dizer.

— Dominic não era feliz na instituição de ensino?

— Não é isso. Ele se preocupava muito com a mãe, pois não tivera mais notícias dela

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

desde que fora trazido à força para a Inglaterra. E sabe por quê? O pai interceptava as cartas que lady Elisabeth lhe mandava. Dom ficou sabendo disso pelo advogado do pai, o sr. Podmore, que parece ter sido apaixonado por lady Elisabeth. E como achava que a atitude do velho lorde era errada, trouxe tudo à tona.

— E fez muito bem! — Grace exclamou, indignada.

— Na verdade, a diretoria da escola tinha instrução para enviar as mensagens da mãe de Dom para o sr. Podmore, que deveria destruí-las, o que sempre fez.

— Mas como alguém pode ser tão cruel?!

— Podmore podia ser um rato que temia o gato, mas era esperto. Copiou todas as cartas antes de destruí-las. Queimava os originais, como lhe fora ordenado, e mandava as cópias para Dom como se fossem suas. E, como a escola não estava instruída a reter as missivas do advogado do lorde...

Grace bateu palmas, feliz com a atitude do advogado.

— Mas que bom homem!

— É, Podmore salvou a sanidade de meu querido amigo. Afinal, um garoto que passou os primeiros doze anos de vida cuidando da mãe não poderia abandoná-la por causa de um pai que nunca viu.

— Essa criatura deve ter sido o diabo em pessoa!

— Era um ogro sem-vergonha! — Phrey, àquela altura, se esquecera por completo de usar a linguagem moderada que bem cabia a um religioso. — Não deixava Dom passar nem o Natal, nem a Páscoa com nenhum de seus amigos! Dom jamais teve um Natal normal. Nos primeiros anos, ficava me perguntando como fora em minha casa, ansioso por poder ter a mesma experiência. Sabe, no Egito e na Itália, não se comemora o Natal como fazemos aqui. E ele costumava se apegar a cada história que contávamos, mas...

— Mas?

— Todos os anos, o pai o fazia crer que podia haver uma possibilidade de ser chamado a Wolfestone para as festividades natalinas. Dominic ficava ansioso. Queria saber se havia parentes, queria conhecer a casa que ia herdar um dia... Tinha sonhos.

— E?

— Todos os anos tudo era cancelado no último instante. Todos os anos! Certa vez, uma carruagem com o brasão dos Wolfe chegou ao colégio. Pode imaginar a animação em que Dominic mergulhou. Aqueles olhos estranhos dele brilhavam de felicidade. Mas era apenas uma remessa de roupas novas, porque ele tinha crescido muito nos últimos meses. Também trouxeram um livro com a história da família Wolfe, para que Dom a estudasse durante as férias. O miserável ainda preparou uma prova para que Dom a fizesse, depois!

— Jesus! Será que esse homem não percebia o que estava fazendo ao filho?!

— Acho que ele nem se importava. Nunca deve ter pensado em Dom como um ser humano, com sentimentos. Via nele apenas o herdeiro que iria levar seu nome adiante.

— E que herança o pobrezinho recebeu! — Grace enfim descobriu de onde vinha tanta amargura em relação a Wolfestone.

— A partir desse dia, Dom passou a fazer careta quando se falava em Natal e férias — Phrey continuou, movido pela paixão das recordações. — Dizia que nada significavam, que não se importava, que o Natal era um costume idiota dos ingleses e que tinha coisas melhores a fazer.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

—E, as pessoas tendem a disfarçar a mágoa. O pobrezinho deixou de lado toda a alegria...

— E o amaldiçoado lorde d'Acre o manteve longe da mãe e o trancou na escola.

— Criminoso!

— Sim. Mas burro, também. Olhe, Greystoke, aprendi muito com a história de vida de meu amigo. Aprendi sobre lealdade, sobre cumplicidade. E que não se pode forçar ninguém a fazer nada.

— Nem a amar.

— Isso mesmo. O efeito é exatamente o contrário. No dia em que terminou os estudos, Dom deveria seguir para Wolfestone. Seu pai avisara ao diretor que o filho não deveria ir para Oxford; embora, diferente de mim, ele tivesse sido um aluno brilhante. Dominic teria de viajar para Wolfestone para aprender a administrar a propriedade e o título. Mas um dos professores cometeu o erro de avisar Dom antes da hora...

— E o que houve?

— Quando a carruagem dos Wolfe chegou para buscá-lo, Dominic já tinha partido, de madrugada. Ele conseguiu guardar dinheiro suficiente para comprar uma passagem e voltar para casa.

— Para o Egito? Sozinho?!

— Exato. Atravessou o continente inteiro desacompanhado. E isso na época em que a guerra estava mais feroz. Foi uma jornada incrível!

— Lady Elisabeth deve ter ficado exultante por revê-lo depois de tantos anos!

Phrey meneou a cabeça.

— Essa foi a maior tragédia de todas. Dom a encontrou muito doente. Fez tudo o que pôde, mas milady faleceu em seus braços um dia após sua chegada. — Ele se calou por longos minutos. — Meu amigo nunca mais pisou na Inglaterra até que seu pai morreu.

Ao ver que Grace chorava, Phrey tirou um lenço do bolso e ofereceu-o.

Uma estranha sensação surgiu no coração dela. Sentia-se indignada e triste pela criança que Dominic fora. Não era de admirar que agora parecesse tão frio e cínico às vezes, e tentasse tanto não aparentar sentimentos, fosse por quem fosse. Seu pai lhe deixara uma herança amarga demais.

Capítulo VI

Minhas botas estão estragadas! — Dominic reclamou.

A visita pela propriedade estava se revelando mais longa do que esperara, e teve de inspecionar cada metro de terra que possuía. Tasker baixou o olhar para os calçados do patrão.

— Parecem boas, para mim. Sujas de lama, claro, mas podem ser limpas. Agora, Seth, diga a lorde d'Acre o que estava me dizendo na semana passada.

E Dominic ouviu seu inquilino de nome Seth discorrer sobre suas idéias para melhorar Wolfestone. Sim, todos os problemas eram fascinantes, em especial porque os camponeses pareciam ter boas sugestões para resolvê-los. Começava a haver um certo padrão na forma como tudo poderia ser arranjado em Wolfestone para que as terras se tornassem mais prósperas. Mas Dominic sabia que poderia ter chegado às mesmas conclusões se verificasse com, cuidado os livros de contas, e teria perdido menos tempo.

Por isso queria Abdul ali. Ele ficaria muito interessado; era um excelente homem de negócios. E não se comoveria ao ver crianças magrinhas e mulheres de olhos úmidos.

E Abdul, se fosse apresentado a alguma mocinha chamada Beth, em homenagem a sua mãe, apenas faria algum comentário frívolo sobre sua beleza e seguiria adiante. Não ficaria com aquele incômodo nó na garganta...

Não haveria conexão alguma entre Abdul e aquela gente. Dominic agora desejava jamais ter vindo com Tasker. Era como se velhas cicatrizes estivessem sendo reabertas. E da maneira mais gentil possível!

A uma hora, deu a desculpa de ir comer alguma coisa na taverna da vila, recusando a oferta de almoço de mais uma senhora muito doce. Na verdade, não tinha apetite algum, mas queria beber algo. E despachar sua correspondência.

O intervalo para o almoço, porém, foi breve, pois Tasker continuava a seu lado, disposto a prosseguir com a visita pelas terras. Assim, já era final de tarde quando Dominic retornou ao castelo, deprimido. Não haviam percorrido todos os recantos de Wolfestone, e ainda assim sentia-se exausto; física e moralmente.

Dominic tinha se preparado para ser visto como o povo senhor das terras, apenas. Mas fora recebido com carinho, com lembranças de sua mãe por toda aquela gente. Nunca partilhara a dor de sua perda com ninguém, e agora, num lugar distante de onde ela falecera, e mais de dez anos depois, num local onde sempre imaginara que Elisabeth fora infeliz — e que ele aprendera a odiar por isso —, a vida dela era comemorada porque todos ali a amaram um dia.

Dominic não se preparara para receber todo aquele apreço." E agora estava

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

arrasado.

Deixou Hex aos cuidados de um cavaleiro, foi dar uma olhada no potrinho recém-nascido e em seguida entrou em casa, por uma porta lateral. Não queria ver ninguém.

la subir a escada quando Greystoke apareceu, com muitos tecidos nos braços. Dominic parou e a olhou, tentando ocultar o que lhe ia no íntimo.

Ela, porém, logo adivinhou seu estado de espírito. la dar meia-volta quando lhe notou os olhos tristes, angustiados.

Sem pensar em mais nada, Grace largou o que carregava e o abraçou. E ficaram assim por minutos, em absoluto silêncio. Dominic aceitava o conforto daqueles braços, e ela confortava o menino que aprendera a conhecer havia pouco.

— Sinto muito, mas...

— Não diga nada. — Grace ergueu a cabeça para beijar-lhe o rosto e a boca.

Dominic aproveitou aquele beijo como um sedento no deserto, estreitando-a com força e conduzindo-a para uma sala ao lado, cuja porta fechou com o calcanhar.

Caíram sobre um sofá, e ali Dominic escondeu o rosto na pele macia do pescoço de Grace, querendo apenas sua companhia, seu calor, seu conforto.

Ficaram lá, sem se aperceberem do passar do tempo. Grace acariciava-lhe os cabelos, lembrando-se de detalhes da conversa que tivera com Phrey. O homem que abraçava naquele instante vivera sozinho boa parte de sua infância. Cuidara da mãe frágil desde pequeno. E, quando tudo parecera bem, fora arrancado de junto dela de forma cruel, para ser jogado numa escola onde continuaria solitário, em especial, em momentos em que poderia estar com amigos, brincando, aproveitando o descanso dos estudos.

Dominic era forte. Sem ajuda alguma, forjara seu lugar no mundo, criara sua frota de navios mercantes — Phrey lhe dissera —, tornara-se independente. E sua busca por vingança era por sua mãe falecida. A culpa era um fardo terrível. Estaria Dominic se culpando pela morte dela?

Grace ouviu de sua irmã mais velha, Prudence, que quando uma criança é obrigada a arcar com responsabilidades muito cedo elas queimam sua pequena alma. Passaram-se anos até que Prudence deixasse de se sentir responsável pelas irmãs.

Pelo menos, todas nós estamos vivas...

Dominic a encarou, embaraçado.

— Desculpe-me. Foi um dia muito difícil.

— Não quer me contar?

— Eu... estava tão certo...

— De quê?

— De que sabia o que ela queria que eu fizesse com este lugar.

— Sua mãe?

Ele assentiu, pensativo e amargurado.

— Foi como se a tivessem exumado hoje.

Grace, sem soltá-lo, procurava, em balde, por palavras que pudessem confortá-lo.

— Achei que mamãe odiasse Wolfestone, mas agora não estou mais tão certo disso.

Grace respirou fundo, decidida. Bastava de tanta dor pelo passado! Não podia fazer bem a ele. Assim, sentou-se e o olhou nos olhos.

— Não pode ficar imaginando os motivos e as intenções de sua mãe, milorde. Se

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

continuar assim, acabará enlouquecendo!

Ele ia dizer algo, mas Grace tocou-lhe os lábios e prosseguiu:

— Deixe-me terminar. Você só fala de seus pais, mas ambos estão mortos! E, fossem quais fossem os planos e sonhos que tivessem para você, ou para este lugar, tudo se foi com eles. Não pode saber o que pretendiam, sir. E também, não importa mais. Tem de se desligar dos mortos. Você está aqui, agora, e eles não. Está vivo, milorde! Só o que importa agora é seu futuro, suas esperanças, seus planos, seus sonhos!

Dominic continuava a olhá-la, calado.

— Então, Dominic Wolfe, quais são seus sonhos? Dominic se afastou um pouco, e a pequena distância entre seus corpos era dolorosa para os dois.

— Quer mesmo saber? Grace fez que sim.

— Você. Você é tudo com que sonho. Tudo o que quero. Grace engoliu sem eco. Viu-o aproximar-se e sentiu-lhe a boca ardente mais uma vez sobre a sua, poderosa, dominadora.

Num segundo, já não havia mais dúvidas ou receios. Precisava dele, e o sentimento era recíproco.

Estavam ambos desesperados de paixão, dispostos a realizar seu amor ali mesmo, naquele sofá, sem pensar em mais nada, apenas entregando-se ao desejo que os enlouquecia.

Mas, de repente, ruídos do lado de fora alertaram Dominic. Ele se levantou e caminhou até a janela, onde, com uma careta de frustração, disse:

— Temos visitas.

— Agora?!

A frustração dela foi tão evidente que quase o fez rir. Aproximando-se, Dominic deu-lhe um beijinho na ponta do nariz.

— Sim, agora. Ajeite os cabelos e venha, meu amor. Temos de recebê-los.

Arrumaram-se às pressas, e pouco depois achavam-se no vestíbulo, onde encontraram Phrey e Melly. A maior parte dos criados também viera, estranhando o inusitado da presença que se anunciava no pátio de entrada.

— É Abdul — Dominic explicou.

Como sempre, Abdul fazia uma chegada digna de um príncipe oriental. Muita bagagem, muitos cavalos, muitos criados, uma verdadeira procissão acompanhada por cavaleiros armados.

Abdul saiu do primeiro veículo do cortejo e entrou em Wolfestone com a arrogância de um guerreiro valoroso de volta ao lar. E era magnífico. Mais alto do que Dominic, com ombros largos e andar elegante, quase felino. Parecia a encarnação de um sultão otomano.

Usava um turbante multicolorido com uma pedra fulgurante na frente. O nariz aquilino pronunciava-se acima do bigode farto e bem aparado. E os olhos grandes, expressivos, eram muito negros. Seus trajes, bordados em delicadas filigranas douradas; a calça larga e escura e a camisa amarela e bufante eram de seda pura; e as botas de pontas reviradas para cima, no mínimo, excêntricas. E, para terminar, à cintura trazia uma faixa em preto e prata onde se encaixava a bainha de uma cimitarra.

Grace estava admirada. Seus olhos não deixavam o estranho nem por um segundo. E, atrás dela, Dominic comentou, baixinho:

— Vendo-o assim, jamais se poderia imaginar que nasceu escravo, não?

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Ela se voltou, chocada.

— Ele? Escravo?!

— No passado. Na realidade, eu o comprei para salvar-lhe a virili a vida. Libertei-o, claro, mas Abdul preferiu ficar e trabalhar comigo, por um bom salário.

— Por que mesmo o comprou? Dominic fingiu não ter ouvido a pergunta.

— E esses trajes... você não verá nada parecido em nenhum lugar do mundo. Abdul vestiu-se para impressionar a todos.

Se era essa a intenção, estava funcionando, Grace concluiu. As pessoas apareciam de toda parte, amontoando-se no hall, esticando o pescoço para ver o impressionante estrangeiro e fazendo perguntas sobre ele sem a menor cerimônia. As três irmãs Tickel eram as mais interessadas, passando as mãos pelos cabelos e pelas saias, querendo causar a melhor impressão possível ao estranho.

Abdul, porém, nem sequer olhou em sua direção. Parecia, na verdade, indiferente ao furor circundante.

— É parte de sua tática — Dominic explicava ao ouvido de Grace. — Abdul deixa claro desde o primeiro momento que não se encaixa em padrões e que não se importa com a opinião alheia. Se estivéssemos na Turquia, ele, com certeza, estaria vestido como um inglês, mas com algum detalhe que deixasse claro que não é inglês de forma alguma. Na Arábia, certa ocasião, vestiu-se de russo. Os trajes variam, mas o bigode é constante.

— E por que ele não quer se adaptar ao meio?

— Para estabelecer sua autoridade. E meu... como posso definir... mordomo e auxiliar, digamos. Irá tomar conta da casa e talvez de toda a propriedade, dependendo de sua avaliação das habilidades de Jake Tasker.

— É Abdul quem decide? Você não interfere?

— Evidente que sim. Mas aprendi a confiar em seu discernimento. Os métodos de Abdul são heterodoxos, mas muito eficientes. E ele cuida de meus interesses com uma fidelidade canina. É uma gema preciosa, muito rara. Um homem incorruptível.

E ali estava Abdul, diante deles, inclinando-se perante seu patrão. Falou-lhe em árabe, o que deixou Grace encantada. Estudara o idioma, mas nunca escutara um nativo falando. Entretanto, como Abdul falasse depressa demais, ela não conseguia entender.

Lorde d'Acre inclinou a cabeça, cumprimentando-o.

— Seja bem-vindo à casa de meu pai, Abdul. Como vê, ela está precisando de seus talentos.

Abdul franziu o cenho e passou os olhos por todos. E parou em Grace.

— Esta é a srta. Greystoke — Dominic apresentou. Grace ofereceu a mão e, para seu espanto, Abdul tomou-a e levou os dedos dela a sua testa, numa saudação muito diferente. Então, tomando cuidado para pronunciar as palavras direito, Grace o cumprimentou em árabe:

— Saudações, Abdul. A paz esteja com você. Um leve sorriso apareceu nos lábios grossos dele. E Abdul respondeu, devagar o suficiente para que ela compreendesse:

— Obrigado, *sitt*, a paz esteja convosco também. Grace sabia que *sitt* significava "senhora" na língua dele.

Suspirou, feliz. Aquele era seu primeiro contato com um árabe, e se expressara bem, a ponto de ser entendida. Talvez pudesse praticar mais com Abdul antes de viajar para o

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Egito.

Ao olhar para Dominic, porém, corrigiu-se: se fosse para o Egito; pois ele mudara seus planos por completo.

Lorde d'Acre apresentou Abdul a Phrey e Melly. Depois, tornando a olhar a seu redor, ele pediu a seu patrão:

— Permite?

Dominic fez que sim. Abdul foi para perto dos demais e, sem uma única palavra ou gesto, fez com que voltassem a seus afazeres.

— O que ele fará, milorde?

— Tomará posse, Greystoke. Amanhã de noite, Abdul terá inspecionado a casa de cima a baixo e conhecerá a todos. E então dará início às melhorias; aqui e em todo canto. Esse homem é um gênio.

— Interessante. E o senhor, o que fará?

— Nada, graças a Deus. Mandeí buscá-lo para que torne minha propriedade digna de uma boa venda.

— Ainda planeja vender tudo?

— E por que não?

Dominic deixou o hall, com o olhar admirado e confuso de Grace a acompanhá-lo.

Após uma noite um tanto conturbada em que não dormiu muito bem, Grace vestiu-se e desceu, saindo em direção aos estábulos.

O castelo mostrava uma aparência mil vezes melhor do que quando ali chegou. Como Dominic podia ainda estar pensando em vendê-la?

Selou sua égua preferida e saiu para o nevoeiro que cobria os campos. Dirigiu-se às colinas, onde o sol incidia primeiro. Seria outro belo dia, aquele.

Na opinião de Grace, aquelas terras, com um pouco mais de chuva, seriam muitíssimo férteis. Pensava nisso, quando ouviu cascos de cavalo a pouca distância. Ao olhar na direção de onde vinha o som, avistou Dominic aproximando-se em seu cavalo branco. Grace sorriu para ele e instigou seu animal a um galope, sabendo que Dominic a seguiria. E assim foi.

Galoparam por um bom pedaço do terreno, até que ela saltou, no topo de uma colina. Dominic a imitou e tomou-a pela cintura, beijando-a com paixão.

— Não dormi bem esta noite — Grace disse, ainda próxima de seus lábios.

— Nem eu... — Dominic deu-lhe outro beijo, deixando-se levar mais uma vez pelo desejo intenso que o acometia cada vez que a tinha nos braços.

Afastou-se um pouco e estendeu a mão para Hex, de cuja sela soltou a capa que sempre trazia enrolada. Estendeu-a no chão e deitou-se nela com Grace, beijando-a de novo, com muito mais volúpia.

Ambos sabiam o que ia acontecer, porque era o que queriam, e fazia tempo. Grace não pensava em mais nada a não ser em se entregar e sentir todas as delícias que os lábios e os olhos de Dominic prometiam. E assim foi, naquele momento glorioso, ali, em campo aberto, mas sozinhos em meio ao nevoeiro que se dissipava aos poucos, que consumaram seu amor numa entrega total.

Dominic e Grace permaneceram deitados enquanto o astro-rei se erguia no Armamento, clareando e aquecendo a terra uma vez mais. Tornaram a beijar-se, como se

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

tivessem vivenciado a situação mais natural do mundo, e voltaram para casa conversando sobre assuntos triviais. Porque existia entre ambos um entendimento e uma alegria inexplicáveis. Era como se estivessem predestinados um ao outro, com seus nomes, entrelaçados, escritos nas estrelas.

Em minutos, pararam numa colina de onde se tinha uma vista total do castelo e suas cercanias.

— E tão lindo aqui... — Grace murmurou. Não houve resposta, por isso ela encarou Dominic.

— Não pretende, de fato, vender tudo, não é?

— Por que não?

— Achei que tinha mudado de idéia, uma vez que descobriu como as pessoas gostavam de sua mãe.

— Você tinha razão. Tudo isso faz parte do passado, e, assim que conseguir tomar posse, venderei tudo a quantos compradores precisar. Em seguida, poderemos viajar, juntos, a todos os países com que sonhou.

— Irá dividir a propriedade para vendê-la? Mas se o fizer destruirá Wolfestone! Será o fim de seiscentos anos de tradição!

— Exato. — Havia um sorriso de satisfação no rosto dele.

— Por que, Dominic? Por que destruir algo que pode ser transformado numa maravilha? Se repartir as terras e vendê-las, os camponeses serão lançados numa situação ainda pior do que a que seu pai os obrigou a enfrentar. Não conseguirei me sentir bem e aproveitar nossas viagens sabendo que a gente daqui está sofrendo!

— Mas isso é ridículo! Não pode estar falando a sério!

— Claro que estou! Wolfestone não é apenas um punhado de terra! É uma comunidade viva! Todos aqui dependem uns dos outros, e sobretudo de você!

— Muito bem, então. Já está na hora de aprenderem a se manter de pé, sozinhos. Esse povo é ignorante e supersticioso, além de antiquado e...

— E de quem é a culpa? Dominic não entendeu.

— De seus ancestrais! Não pode negar a responsabilidade que...

— Nego, sim. Não tive nada a ver com...

— Não pode assumir o erro deles, mas pode e deve pensar no seu futuro! Sim, Wolfestone e a vida de toda essa gente estão sobre seus ombros, ainda mais se pretende vender suas casas e terras!

Dominic a olhava, calado e sério. Por fim, indagou:

— Gostaria mesmo de viver aqui?

— Sim! E lindo! Além do mais, nunca tive um lar. Ele assentiu.

— Viveria aqui comigo e me ajudaria a reconstruir tudo?

— Sem sombra de dúvida! Podemos transformar isto tudo em algo muito, muito especial, Dominic!

— Tem certeza?

— Absoluta!

— Muito bem, então, pois é o que vamos fazer.

— E quanto a sir John?

— Posso falar com ele. Se você ficar comigo, poderei fazer qualquer coisa. E você

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

está comigo, não está, amor?

Ela sorriu, feliz.

— Sim. E você, comigo. Cavalgaram de volta, de mãos dadas. Grace jamais se sentira tão exultante em toda a sua vida. Estava apaixonada, afinal.

— Greystoke?

— Hum?

— Seu primeiro nome é Grace, não é? Ouvi a srta. Pettifer chamá-la assim.

— Sim.

— É lindo. Como você.

Quando entraram pela porta principal do castelo, Melly desceu correndo as escadas, desesperada.

— Ele está matando papai! Sangrou-o de novo, e papai perdeu os sentidos! Socorro!

— E se virou, tornando a subir, apressada.

Grace e Dominic seguiram-na sem vacilar. No quarto, encontraram o dr. Ferguson afastando Melly, que parecia histérica. Ao lado, uma bacia com sangue fresco.

Sir John estava de olhos fechados, imóvel, seu rosto tão pálido quando a fronha em que descansava a cabeça.

Grace notou que ele respirava com dificuldade.

— Está vivo — murmurou. — Melly, acalme-se! Seu pai vive, e nós o manteremos assim.

Melly caiu em lágrimas. Dominic dirigiu-se ao médico:

— Eu lhe disse para desistir dessa prática!

O doutor deu dois passos atrás, amedrontado pela fúria contida que sentia na voz de lorde d'Acre.

— Foi necessário. Ele tem um inchaço. Vê? — Ferguson ergueu as cobertas, revelando um calombo na parte superior do abdome de sir John.

— Mas papai já perdeu sangue demais! E não tem se alimentado! — Melly interferiu. — Está fraco demais para sofrer novas sangrias! Acho que o senhor adora sangrar seus pacientes, isso sim! Não passa de um açougueiro! Grace tentou acalmá-la.

— Não há outra forma de tratamento?

Mas o médico, ofendido com as palavras de Melly, não respondeu à questão de Grace, e começou a jogar seus apetrechos dentro da valise.

— Vou embora! Não ficarei aqui para ser insultado dessa maneira!

— E quanto a meu pai?! Não pode abandoná-lo assim!

— Não há nada que eu possa fazer por ele. Sir John está morrendo.

Um Silêncio aterrador se abateu sobre todos.

— Morrendo? — Melly se deixou abarcar por Grace, aturdida.

O doutor olhou para sir John, muito sério.

— O fígado inchou. Meu diagnóstico é tumor de fígado. Isso, ou tuberculose. Se ele tossir sangue, saberão qual dos dois. De qualquer maneira, não há mais nada a ser feito.

— Mas não podemos ficar parados, sem agir... — Grace argumentou.

— Podem ministrar-lhe láudano para combater as dores. Se piorarem, aumentem as doses.

— Se não há absolutamente nada a ser feito, por que o estava sangrando? —

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Dominic quis saber.

O médico ficou embaraçado.

— Gostou de fazê-lo, não? — Grace o acusou.

— Eu vou embora!

— Vai, sim. Mas deixará Wolfestone. Para sempre — Dominic ordenou. — Não acho que seja médico coisa nenhuma! E não quero uma pessoa que adora ver sangue tratando de minha gente!

— Não pode fazer isso! — Os olhos do médico se arregalaram.

— Posso! Não terei um sanguessuga do inferno em minhas terras maltratando os moradores daqui. Tem duas semanas para desaparecer!

— Como ousa...

— Uma semana, então. E se insistir em ficar, mandarei meus homens desocuparem sua casa e colocarem para fora você e sua "adorável" esposa! Agora, contarei até três. Saia, ou cederei a minha enorme vontade de atirá-lo escadaria abaixo! Um... dois...

Abdul apareceu por trás do médico, e sua voz soou sombria: — Entregue-me o sanguessuga, milorde, eu lhe peço. Em minha terra, sabemos o que fazer com tipos assim. — Deu um sorriso terrível para Ferguson. — Será um enorme prazer. O doutor deixou escapar um gritinho e se lançou para fora do quarto. Abdul piscou para Grace, e voltou-se para Melly, solícito.

— Agora, quem poderemos trazer para cuidar de seu pai, srta. Pettifer? Tem alguma preferência?

Ela ficou muda, em choque. Então, uma das garotas Tickel entrou, sugerindo:

— Vovó Wigmore é a melhor curandeira desta região. Abdul assentiu, sem se voltar.

— Obrigado, Tansy. O que acha, srta. Pettifer? Mando chamar essa senhora?

Melly fitou Grace, sem saber o que dizer.

— Ela não pode ser pior do que o médico, minha querida. E é muito asseada, além de conhecer muito bem as ervas. Gosto dela, Melly. Creio que será muito bom tê-la por perto.

Abdul se inclinou, e se dirigiu à garota que aguardava:

— Bem, Tansy, você correrá como o vento para buscar essa vovó para milady.

E Tansy assim o fez.

Vovó Wigmore deu uma olhada no doente e sussurrou: — O médico disse que se tratava de tumor ou tísica? E, pode ser... pode ser... — Levantou as pálpebras de sir John e examinou-o. — Parece-me algum mal do fígado, mesmo.

Verificou o inchaço e arqueou as sobrancelhas.

— Vou abrir esse calombo e ver o que sai dele.

— Então, faça-o logo, mulher! — Era a voz fraca de sir John que decidia, para alívio de todos.

Afinal, ele ainda fazia parte do mundo dos vivos.

Nessa noite e na seguinte, o jantar da sra. Stokes foi ainda melhor, sob o olhar de águia de Abdul. Melly, porém, quase não tocou na comida.

Grace estava preocupada com a amiga. Não era de seu feitio se alimentar tão pouco. Sir John não estava pior sob as mãos de vovó Wigmore e, pelo menos, ingeria líquidos.

Ao fim da refeição, a sobrinha da sra. Stokes, Enid, bateu na porta da sala de jantar e entrou, parecendo tensa.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Com licença, senhor, reverendo, senhoras, mas acabo de vir do quarto de sir John, onde fui buscar a bandeja e...

Melly se levantou, de um salto.

— Ele piorou?

— Não, senhorita, seu pai está como sempre. Não comeu nada, mas vovó fez com que bebesse seus chás durante todo o dia, e sir John parou de vomitar, o que é bom sinal. Mas o fato é que... — Enid torcia o avental, nervosa. — Estávamos conversando, pois ele gosta de falar, sabe?

A criada lançou um olhar para Abdul e depois para Phrey.

— E eu comentava sobre o sr. Abdul e deixei escapar que temos um reverendo no castelo. Agora sir John quer vê-lo a sós e imediatamente.

Melly prendeu a respiração. Dominic e Grace se entreolhavam.

— Sinto muito, senhorita. Eu sei que não devia dizer nada. Abdul fez-lhe um sinal para que Enid saísse.

— Melly, não há motivo para pensar o pior. — Grace tomou-lhe a mão.

Mas a jovem começou a chorar. Phrey deixou o guardanapo sobre a mesa e levantou-se, dizendo, com toda a calma: — Bem, srta. Pettifer, não adianta adiarmos quando nem sabemos o que ele, de fato, quer. Portanto, subirei e falarei com sir John. Devia ter me apresentado assim que cheguei. Espere aqui e tome uma xícara de chá. Conversaremos quando seu pai e eu terminarmos nossa entrevista.

Para surpresa de Grace, sua amiga assentiu, secando as lágrimas.

Phrey achou sir John bastante consumido pela doença, mas admirou-se pela expressão vivaz de seus olhos.

— Em que posso ser útil, senhor?

— Pegue uma cadeira, meu jovem. Só vou tomar essa droga horrorosa mais tarde. — Fez um vago movimento em direção ao frasco de láudano sobre a mesa-de-cabeceira. — Isso turva meu raciocínio, por isso prefiro que conversemos primeiro.

Phrey pegou a cadeira, colocou-a ao lado da cama e se acomodou, cruzando os braços. Sir John o fitou com atenção.

— Nettetton, não é? Conheci um Humphrey Nettetton quando moço. Seria seu pai?

Phrey assentiu.

— Sim, senhor. Recebi o mesmo nome dele.

— Bom sujeito, seu pai. Também conheci seu tio Cedric naquela época. E nunca pude me convencer de que tivesse, mesmo, se tornado religioso. Não Cedric Nettetton.

— Ele é bispo agora, sir John.

— Deus Todo-Poderoso! Mas em que mundo estamos?! — Sorriu para Phrey. — Ele é assustadoramente pomposo?

— Assustadoramente. — Phrey também sorriu.

— E ainda é um sovina de marca maior?

— Sem dúvida, milorde. — Phrey começava a gostar muito daquele velhote.

— Ah, vejo que não mudou com o passar dos anos... Nem eu tampouco, o que é uma pena. Não consigo ter um bom relacionamento com o dinheiro, sabe? E seu tio não é capaz de gastá-lo. Bem, agora, quanto a essa história com minha filha...

— Como, senhor?

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Ela e d'Acre. Está tudo arranjado.

— Sir John, desculpe-me se pareço impertinente, mas... Sir John ergueu a mão, num movimento vago.

— Vai me dizer que Melly não o ama e que ele não a ama? Já sei disso.

Phrey abriu a boca, mas o lorde continuou, sem deixar que falasse:

— Sei também que me dirá que não é justo com a menina, porque o casamento foi acertado quando ela ainda era uma criança e porque não conhece d'Acre. Deve achar que a própria Melly deveria escolher um marido.

— De fato, senhor. Penso assim.

— Pois não pense. Sei de tudo isso, mas tenho meus motivos. Estou falido, meu jovem. Completamente. Não tenho um centavo em meu nome, e devo a Deus e ao mundo. Se para salvar Melly das conseqüências de minhas atitudes terei de casá-la, é o que farei. Gostaria de não forçar a situação, mas é necessário.

— Compreendo.

Phrey tinha consciência de que a pobreza era uma armadilha mortal, e não podia culpar sir John por querer que a filha não a enfrentasse. Mesmo assim, achava que era seu dever insistir; afinal, era um ministro de Deus.

— O senhor percebe que lorde d'Acre não tem intenções de transformar essa união em algo normal? Será apenas um matrimônio de conveniência, ele me disse. Sem consumação.

— Ah, ele me falou isso, também. Mas voltará atrás. E se não o fizer... Rapaz, consegue ver minha Melly trabalhando como governanta ou algo parecido? Cuidando dos filhos dos outros?

— Não, milorde.

— Portanto, mesmo sendo um casamento de conveniência poderia ser pior, não? d'Acre é jovem, bem-apanhado e tem bom coração. Mesmo que não venha a amá-la, não maltratará minha menina.

— E, eu sei.

Sir John o olhou de soslaio.

— Como sabe?

— Estudei com ele. Somos amigos.

— Quer dizer que também acha que ela ficará bem com d'Acre.

— Sim — Phrey admitiu, embora relutante. — Mas não feliz.

— De onde venho, meu rapaz, felicidade é apenas um luxo.

— Sim, senhor. — Também para Phrey a felicidade era um luxo.

— Sendo assim, no domingo quero que trate do casamento. Que faça correr os proclamas.

— Se lorde d'Acre concordar...

— Ele concordará.

— Certo, milorde.

Phrey retornou à sala de jantar; lançou um olhar para Dominic e Melly e enfiou o dedo entre o colarinho e o pescoço, como se sufocasse.

— Ele quer que eu case lorde d'Acre e a srta. Pettifer o quanto antes, e que domingo faça correr os proclamas.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— O quê?! — perguntaram em uníssono Dominic, Melly e Grace.

— Já escreveu ao pároco regional, srta. Pettifer, instruindo-o a começar os proclamas em sua paróquia também.

Melly se pôs a chorar de novo, e deixou a sala. Grace a seguiu, enquanto Dominic praguejava baixinho, indo até a janela.

— Ele me parece muito mal, Dom. Creio que está morrendo, e sabe disso. E fará o que puder para garantir o futuro de sua única filha. Não pode culpá-lo, meu amigo. As circunstâncias são...

— Conheço bem as circunstâncias!

Phrey caminhou até Dominic, pondo-se a seu lado. Ficaram ambos em silêncio, olhando para a escuridão da noite.

— Droga, eu montaria uma casa para ela e lhe daria uma pensão mensal! — Dominic disse, irritado. — Mas o velho é teimoso, e a srta. Pettifer não quer enfrentá-lo. Sir John acha que a filha não poderá cuidar de si mesma se ficar só!

— Bem, ela é muito jovem e ingênua...

— Ah, pare com isso! Minha mãe era jovem e ingênua e teve de cuidar de si mesma e de um bebê num país estrangeiro!

— E veja no que deu. Melly também sabe que o pai está morrendo, Dom. Podemos ver isso em seus olhos. E está concordando com o casamento só para que o pai morra em paz!

Dominic o encarou, muito sério.

— Mas que droga, essa moça não pode estar pensando em se sacrificar, bem como a seu futuro e ao meu, só para que o pai morra em paz!

— Trata-se de uma criatura nobre.

— Ora...

— A pergunta é: o que vamos fazer?

— Pelo amor de Deus, eu disse a sir John que a garota não ficaria desamparada! Do que está reclamando?

— É muito bom fazer arranjos, Dom, mas a srta. Pettifer ainda assim seria motivo de chacota e de comentários desagradáveis.

— O quê?!

— Todos dirão que você deu uma olhada nela e pagou para evitar o enlace.

— Bobagem! A moça até pode ser simples, sem grandes atrativos, mas não há nada de desagradável nela.

— Simples? Sem atrativos?! Você é cego?! Como pode achar simples aquela pele suave, aqueles olhos meigos? E a doçura, a suavidade... — Phrey parou, vendo que o amigo o encarava de sobrancelhas arqueadas.

— Entendo. Você tem razão, ela não é sem atrativos.

— Não, não é. E tudo o que sir John vem tentando fazer é cuidar da filha.

— Sim. Condenando-a um matrimônio sem amor e sem filhos.

Phrey se voltou mais uma vez para a escuridão lá fora. Pelo jeito, não havia respostas para certos problemas. Ou melhor, o dinheiro era sempre a resposta!

— Compreendo que esteja infeliz com essa união, Dom, mas o que se pode fazer? O pai dela está irredutível. Quer porque quer que eu inicie os proclamas no domingo.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Então, tenho até domingo para tentar encontrar uma solução. E, se não conseguir fazer nada para o inferno com todos nós.

— Achei que ia falar com seu pai — Grace comentou, na escuridão do quarto que as duas partilhavam.

— Conversei com ele. Tentei, na verdade. E tentei de novo agora há pouco, mas papai não quer me dar ouvidos. Sinto muito, Grace. Juro.

Grace se abraçou ao travesseiro. Os proclamas seriam iniciados no domingo. Dominic Wolfe e Melly Pettifer declarariam ao mundo sua intenção de se casar. E apenas Melly tinha o poder de mudar a decisão do pai. No entanto, temia fazê-lo. E se, ao se opor ao desejo dele, sir John morresse mais depressa? Também tinha medo de que, com a morte dele, ficasse sozinha e desamparada.

Grace se virou na cama, pensando, pensando... As palavras medonhas de seu avô voltavam-lhe à memória: *Você não será feliz nunca! Vai morrer sozinha e sem amor...*

Cobriu a cabeça com o travesseiro, numa tentativa de bloquear aquela voz, que vinha assombrá-la do passado. Fora amada, sim, mesmo que por pouco tempo. Dominic não se declarara abertamente, mas houve muita paixão e êxtase nos braços dele.

A maioria das pessoas passava pela vida sem experimentar aquilo. E se não pudesse mais viver seu grande amor... Bem, podia fazer planos diferentes. Como por exemplo ver a lua sobre as pirâmides do Egito.

Sentiu o pranto descendo pelos cantos dos olhos e molhando a franha. De que adiantava enganar a si mesma? Não haveria felicidade futura, em nenhuma parte do mundo, sem Dominic.

Mas não, não iria chorar! Planejaria, tentaria, sonharia.

No quarto, ao fim do corredor, um frágil senhor se revirava no colchão, cheio de dores e ansiedade, temeroso de dormir e morrer antes de ver o futuro de sua filha assegurado.

— Como pôde concordar que Phrey desse início aos proclamas depois de tudo o que me disse ontem?! — Grace perguntou a Dominic, enquanto descansavam à sombra de uma árvore, após cavalgarem juntos pela colina.

Ele franziu o cenho.

— Eu bem que queria escapar desse transtorno. Mas nada afetará o que existe entre nós.

— Não vai afetar? Como pode ser?!

— Olhe, se isso a incomoda tanto, podemos partir logo depois da cerimônia.

Grace o encarou, confusa.

— A quem está se referindo?

— Você e eu, lógico. Falou-me de seus sonhos, querida, e eu a levarei em belas viagens. Navegaremos em Veneza ao amanhecer, no mais lindo barco que já viu. E iremos ao Egito também, onde veremos a lua brilhando sobre as pirâmides. E...

— Depois que tiver desposado Melly Pettifer? Dominic assentiu.

— Por pura conveniência e sem consumação do matrimônio, claro.

Grace ficou pasma diante de tanta audácia.

— Espera que eu me torne sua amante?! Ele sorriu.

— Que se torne, não, meu amor. Você já é minha amante Ou se esqueceu do que vivenciamos ontem, aqui mesmo?

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Ela sentia uma vontade enorme de gritar, de chorar, de arrancar os olhos dele!

— Ah, então é assim...

— E não foi maravilhoso? — Dominic se aproximou, com a nítida intenção de beijá-la e, talvez, repetir os deliciosos momentos do dia anterior.

Grace, porém, o empurrou com toda a força.

— Ei, por que fez isso?! Ela o encarava, incrédula.

— Imagino que não pretenda me insultar...

— Insultá-la? Mas é óbvio que não! Juro por tudo o que há de mais sagrado! — Dominic a abraçou, apesar de ela relutar. — Não a soltarei enquanto não entender o que eu quis dizer.

— Nunca poderei entender algo tão... tão indecente!

— Grace, pare de reagir assim e me ouça.

— Ouvir o quê? Acha, por acaso, que alguma mulher poderia gostar de ser uma amante?

— Minha mãe foi muito mais feliz enquanto era amante do que quando se tornou esposa.

— Sua mãe?!

— Sim. E uma longa história, mas vou resumir. Minha mãe, aos olhos da sociedade, fez um excelente casamento; mas na verdade foi a mais infeliz das mulheres. Meu pai era grosseiro, um sujeito bruto, e ela se viu presa numa armadilha. Por fim, criando coragem, fugiu e, bem mais tarde, se apaixonou por alguém que também vivia um casamento sem amor. Ele era muito rico e implorou que mamãe se tornasse sua amante. Ela usou todos os argumentos em contrário, como você agora, mas o homem conseguiu vencer sua resistência, pois lady Elisabeth o amava e estava muito sozinha. Os dois se adoravam. E era um amor puro, sem interesse. Um amor para sempre. Como os poetas e menestrelis costumam celebrar em belos poemas e canções.

Grace engoliu em seco.

— Quando ele morreu, minha mãe ficou arrasada, e dentro de poucos meses também se foi. Não podia mais viver sem seu amor. E... é isso o que estou lhe oferecendo, Grace. Meu coração. Nada de conveniências e troca de favores ou de dinheiro, mas um sentimento sem limites, onde nos escolhemos por vontade própria, sem pensar em famílias, nomes, títulos, heranças. Vou lhe oferecer uma quantia para que possa viver em liberdade. Comigo, se quiser; sem mim, se assim decidir. Quero que, independentemente de ficar ou não a meu lado, você esteja bem sempre, a vida toda. Mas o que irá nos ligar, acima de tudo, será o amor.

Grace soltou as mãos que mantinha crispadas nas mangas do paletó dele. Estavam frias.

— Lamento, mas não posso ser sua amante — afirmou com suavidade, dando um passo atrás.

— Por favor, pense bem! Não rejeite a idéia assim, no calor da emoção. Podemos ter uma vida maravilhosa juntos, mesmo não sendo casados!

Ela ponderou por meio segundo, e negou com a cabeça, acrescentando:

— Impossível. Ainda mais se Melly for sua esposa.

— Não se importe com ela. Estamos falando de nós dois!

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Não se trata apenas dela. Não quero ser apenas sua amante, Dominic. Quero... quero mais da vida. E de você.

— Mas você é tudo em minha vida... Ela ergueu a mão, colocando um dedo sobre os lábios dele.

— Eu te amo, mas quero tudo. Casar-me com você, construir uma vida aqui, em Wolfestone, dar-lhe filhos e envelhecer ao seu lado.

— Você não entende. Amantes sempre têm uma vida muito melhor do que esposas!

— Engano seu. Não sabe quem sou de verdade. Não sou uma acompanhante contratada. Sou amiga de Melly; fomos à escola juntas.

— Eu já suspeitava, mas...

— Também não sou pobre, muito menos uma órfã da casa de lady Augusta. E meu sobrenome não é Greystoke. E Merridew. Grace Merridew.

Como ele ficasse em absoluto silêncio, ela completou:

— Dos Merridew de Norfolk. Meu avô foi lorde Dereham, de Dereham Court, em Norfolk, e meu tio-avô é sir Oswald Merridew. Lady Augusta Merridew é minha tia-avó por casamento, não minha protetora. Uma de minhas irmãs é casada com um duque, outra com um barão, e a terceira com um marquês. Sou uma herdeira rica e, portanto, não há como viver com você como sua amante.

— Entendo. Mas por que o disfarce?

— Fiz isso para vir aqui e dar coragem e apoio moral a Melly para que ela pudesse desfazer o noivado com você. Sir John não permitiria que eu viesse junto, se soubesse quem sou. De qualquer modo, nenhuma de nós entendia muito bem a situação, e Melly é fraca demais para ao menos tentar escapar de um matrimônio de conveniência.

Dominic assentiu, em silêncio.

— Sinto muito. Sei que não foi certo, nem foi justo. Melly tem tentado desfazer o compromisso, mas sir John é teimoso demais. No entanto, seja qual for o motivo, não posso ser sua amante. Isso até pode servir muito bem para muitas mulheres, mas não para mim. Você diz que o casamento pode ser uma armadilha, mas sob meu ponto de vista está me oferecendo meia vida, Dominic. Por isso, eu agradeço, mas não aceitarei.

Ele guardou silêncio por alguns segundos. Então, voltando o olhar para longe e respirando fundo, disse:

— Por que não me contou isso tudo antes? Sobre quem você é de fato. Percebi que era uma criada bastante incomum, mas todos os tipos de mulheres se transformam em damas de companhia pelos mais diferentes motivos.

— Quis lhe contar muitas vezes. Eu queria, mas... — Ela hesitava, imaginando como explicar. — Todos os rapazes que já demonstraram interesse por mim sabiam quem eu era e o montante de minha fortuna antes de me conhecer.

— Pois eu não me importo nem um pouco se você é rica ou não. Poderia ser a mulher mais rica do mundo, ou a mais pobre. Não faria a menor diferença.

— Sei disso, e é por esse motivo que não quis lhe revelar a verdade desde o começo. Você foi o único homem que me olhou e viu quem eu era de fato. Grace Merridew, simples e verdadeira. E foi irresistível para mim.

— Está um tanto enganada quanto a isso.

— Como assim?

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Vi muito além dessa simplicidade de que fala. Vi beleza. E não há nada de simples em você. Nada.

— Meus cabelos estão tingidos, sabia? E minhas sardas são falsas. Você mesmo disse que elas eram esquisitas.

— Sim. Esquisitas, mas adoráveis. Como as fez? — Ele se aproximou para vê-la mais de perto. Faria qualquer coisa para poder ficar assim sem que Grace se afastasse se novo.

— Henna. Basta fazer as pintas, deixar secar na pele e ela fica manchada. Vê? Começam a desaparecer.

Dominic ficou ainda mais próximo, e, fingindo interesse em sua pele, segurou-lhe a cabeça entre as mãos.

— Tão suave e macia — sussurrou, acariciando-a com os polegares. — E as manchinhas parecem, sim, ter sumido um pouco. Não foram os limões da sra. Tickel que operaram a mágica, hein? Nem o leite amanteigado da sra. Parry.

— Sabia disso?

— Sim. — Ele a olhava, encantado, e a viu sorrir de leve.

— Metade das mulheres de Wolfestone ofereceu algum tipo de tratamento para minhas sardas. Eu nem sabia que havia tantos métodos assim. Uma senhora até me ensinou a lavar o rosto com o orvalho que fica sobre as lápides!

— Devo depreender que essas sardas vão, de fato, desaparecer? — Dominic as tocava, uma a uma. — Esta, esta e esta também?

— Sim.

— Que pena! Gosto muito delas. — Inclinou-se para beijá-las.

Grace enrijeceu, e, por um momento, Dominic achou que ela se afastaria outra vez. Mas então ela suspirou e relaxou contra o corpo dele. E Dominic a beijou com toda a paixão que ela já conhecia.

Grace se esqueceu de tudo o mais e se abandonou nos braços dele. E era isso o que Dominic mais queria. Não importava quem Grace era ou deixava de ser. Por que ela não podia ver as coisas com a mesma simplicidade que ele próprio?

Dominic avançou nos carinhos, tentando deitá-la consigo na grama. Mas Grace se desvencilhou.

— Não! Não serei sua amante, já disse! Você concordou em se casar com Melly, portanto está tudo acabado entre nós.

Ela arrumava os cabelos desalinhados, e Dominic apenas a observava, achando-a ainda mais linda quando ficava zangada.

— Engano seu. Costumo manter o que é meu, e você, meu amor, é minha!

Grace foi até seu cavalo, disposta a ir embora dali o quanto antes. Estava muito irritada.

E Dominic ficou olhando, vendo que ela precisava de sua ajuda para montar.

Sem encará-lo, Grace dobrou a perna, esperando pelo impulso. Dominic acariciou-lhe a canela e depois empurrou-a para a sela. Ainda sem fitá-lo, Grace saiu cavalgando pela colina.

Nada mais havia a ser dito. Na verdade, tinham conversado tudo que era preciso no dia anterior. Pertenciam um ao outro. Grace até podia ter desistido dele, mas Dominic jamais

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

desistiria dela.

Melly continuava se alimentando mal. Grace receava que a amiga estivesse agindo assim num ato de autopunição. Mas ela tentara falar com o pai, que se mantivera firme em sua decisão. Contudo, sempre que Grace tentava tocar no assunto, Melly desviava a conversa, mostrando-se até irritada.

— Já lhe disse que estou bem. Até parece que vou emagrecer tanto a ponto de isso ser preocupante.

— Não, Melly, mas...

Melly deu-lhe as costas e a deixou sozinha, sem dar a Grace a oportunidade de terminar o que dizia. Aquela não era a amiga de quem gostava tanto. A situação começava a criar um abismo entre ambas, o que era terrível. Se não conseguia conversar com ela, alguém teria de fazê-lo. Se era a preocupação que afastava Melly da comida, isso seria compreensível. Entretanto, se fosse remorso ou algum tipo de doença...

Grace decidiu pedir a Phrey que entendesse. Era, afinal, parte do trabalho de um reverendo ouvir os problemas das pessoas.

— Bem, não se pode dizer que a srta. Pettifer não tenha com o que se preocupar. Além da doença do pai, a atmosfera aqui em Wolfestone anda bem pesada.

— Mas Melly nunca recusa comida. Desde pequena. — Grace também revelara a Frey sobre sua real identidade, visto que de nada adiantava continuar mantendo segredo.

— Acha que ela pode estar adoecendo? De fato, não seria de admirar se a depressão a debilitasse numa situação como a que está vivendo, pobrezinha... Tentei de tudo para tirá-la do quarto do pai, mas a senhorita não quer sair! Aquele não é um bom lugar para uma moça saudável permanecer o dia inteiro!

— Notei que a tem levado para caminhar toda tarde, Phrey. É muito gentil de sua parte.

— Ora, era o mínimo que poderia fazer. Estou à espera de que o vicariato seja colocado em ordem. Tenho sermões a escrever e paroquianos a visitar. Na realidade, aguardo as caminhadas com a srta. Pettifer com ansiedade. Elas melhoram muito meu dia. Sabe, estou com receio de que Dominic queira que seja eu a oficializar esse casamento. Somos tão amigos, há tantos anos, afinal... Nesse caso, não sei se poderei recusar. Mas preferiria não ter de ministrar o sacramento.

Grace não sabia o que dizer.

— Vejo que também não se sente feliz com a situação, Phrey.

— Dominic é um teimoso, isso é o que ele é! Não admite que lhe tirem o que acredita ser dele por direito. Imagino que seja devido à pobreza que enfrentou na infância.

Grace entendia que Frey se referia a Wolfestone. Mas podia ser sobre ela própria. Dominic teria contado ao amigo sobre o envolvimento de ambos?

— E sir John também é tão teimoso quanto Dominic. É ele a causa de toda a nossa ansiedade.

— Bem, não se preocupe, Phrey. Vou falar com Melly e tentar descobrir por que ela se recusa a comer direito.

O momento oportuno surgiu depois da caminhada costumeira. Tornara-se um hábito Melly pedir chá e bolinhos, e Phrey já estava quase aprendendo a gostar da bebida, desde que houvesse muitos bolinhos recheados de creme para serem empurrados para baixo junto

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

com ela. E a sra. Stokes fazia bolinhos excelentes! No começo, Phrey e Melly acabavam com todos os deliciosos quitutes, mas nos últimos dias a jovem, de fato, quase não os tocava.

— Por que recusa essas delícias, srta. Pettifer?

— Ah... não estou com fome.

— Notei que mal tocou em seu jantar de ontem, e o mesmo se deu na noite anterior.

E agora não quer essas maravilhas, e sei que gosta tanto! —Phrey se inclinou e tomou-lhe as mãos. — O que há, Melly?

Era a primeira vez que ele se dirigia a ela com tal intimidade.

Melly baixou a cabeça.

— Estou tentando emagrecer.

— Por que faria isso?

— Porque estou gorda, ora!

— Gorda?! — Ele a encarou, atônito. — Seja quem for que lhe disse isso, é um cego! Olhe para mim! Sou um monte de ossos que mal se seguram em pé! Você, ao contrário, é uma pintura! Cheia de curvas femininas, suave, macia como todo homem sonha que seja a mulher de sua vida; para poder encontrar o paraíso em seus braços!

Ela o fitou, quase assustada. Um silêncio constrangedor se abateu sobre os dois. Phrey pigarreou, notando que Melly ficava mais e mais corada com o passar dos segundos.

— Meu Deus, o que eu disse?! — Ele ficou de pé e passou a andar de lá para cá. — Sou um clérigo! Não devo pensar essas coisas!

Sentou-se de novo.

—Você é uma paroquiana, um membro de meu rebanho. — Tocou-lhe o rosto com doçura. — Minha ovelhinha...

E, sem sentir, Phrey se curvou e a beijou. E, para seu mais absoluto espanto, sentiu os braços dela envolvendo seu pescoço e seus dedos se enfiando em seus cabelos. Os lábios carnudos abriram-se para aceitá-lo e, assim, o beijo ficou muito, muito mais ardente.

Phrey a soltou, respirava com dificuldade. Mirou o colo convidativo e encantador diante de si e passou o indicador pelo colarinho.

— Se tio Ceddie soubesse o que estou pensando agora, pediria ao papa para me excomungar!

— Por quê?

Mais uma vez Phrey se levantou, colocando-se junto à lareira.

— O fato é que... Melly, eu queria fazer alguma coisa nesta amaldiçoada situação, mas sou muito pobre!

— Eu também. E não me importo. Nunca fui rica, mesmo.

— Não é bem assim. Sou o arrimo de minha mãe, que é viúva, e de minhas duas irmãs mais novas. Não tenho condições de me casar. E creio que nunca terei.

— Nunca? Porque eu não me importaria em esperar, Phrey. Se alguém quisesse que eu esperasse, claro...

Ele a olhava, fascinado.

— Não é impossível — disse, por fim, enfrentando a realidade. — Um dia, quando eu tiver cento e oito anos, com certeza serei rico. Mais rico do que jamais sonhei.

— Cento e oito?!

— Sim. Deve ser tempo suficiente para meu tio Cedric resolver ir entoar cânticos com

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

os anjos no Paraíso. Sou seu único herdeiro, e sua fortuna é suficiente para sustentar a família inteira sem preocupação alguma com gastos, mas tio Cedric não se separa nem de um centavo do que lhe pertence. Mantém a todos quase em estado de pobreza; minha mãe mal consegue chegar ao fim do mês com a pensão que ele nos dá. Praticamente tudo o que ganho vai para ela e minhas irmãs. Só Deus sabe como faremos quando as meninas chegarem à idade de se casar. Portanto, como pode ver, não há chance de eu vir a desposar alguém. Mesmo querendo muito.

— Entendo. — Melly suspirou, aceitando o fato. Ali, sentada, com as mãos unidas sobre o colo, era a pura imagem da desesperança. — Vai, pelo menos, estar presente quando eu me casar com lorde d'Acre?

Phrey fez que não, murmurando:

— Eu não conseguiria sequer olhar.

— O reverendo Netterton afirmou que não poderá oficializar o casamento, papai.

— Por que não? — Mesmo fraco, sir John se endireitou na cama.

— Não tenho bem certeza, mas foi o que ele disse.

— Teremos que arranjar outro pároco, então. Mas que transtorno!

— Sim, papai. — Melly arrumava as cobertas, com carinho.

— Você entende por que estou fazendo isso, não, querida?

— Sim, papai.

— Dará tudo certo no fim, você verá. Confie em mim, menina.

— Sim, papai. Não se preocupe.

Dominic e Phrey jogavam bilhar, naquela noite.

— Você tem feito grandes progressos na melhoria da propriedade, Dom.

— É. — Lorde d'Acre mirava a bola e deu a tacada com precisão.

— Esse Abdul parece bem competente na administração do castelo.

— É.

— Imagino que você e a srta. Pettifer fiquem ainda um bom tempo em Wolfestone depois de se casarem.

— Não. — Dominic fez a jogada e encaçapou mais uma bola.

— Bela tacada! O que quer dizer com "não"?

— Vou viajar para o exterior. A srta. Pettifer, que então já será lady d'Acre, poderá viver onde bem entender. Imagino que na Inglaterra. Sua vez, Phrey.

Ele passou o giz pela ponta do taco, pensativo.

— Quer dizer que não pretende viver com ela.

— Pelo amor de Deus, não! Nunca mais hei de saber dela depois da cerimônia.

— Como assim? Nunca?!

— Nunca. A srta. Pettifer será livre para fazer o que bem entender. O casamento será apenas um meio de receber minha herança. Acha que já passou giz suficiente ou quer que eu mande trazer outra caixa?

Phrey olhou para a ponta do taco e o sacudiu, para eliminar o excesso de giz.

— Então, decidiu abandoná-la?

— Abandonar? Bem, eu não chamaria de abandono a gorda pensão que ela receberá, meu amigo. E, acima de tudo, será uma mulher livre!

— Mas solitária.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Bobagem. Melly terá muito dinheiro, poderá contratar quantos criados quiser, além de uma acompanhante.

— Dom, senhoras de idade contratam acompanhantes. Não jovens de vinte e um anos! Quem cuidará dela?

Dominic arqueou as sobrancelhas.

— Refere-se a esses amantes? — Deu de ombros. — Imagino que isso também seja fácil para ela arranjar, porque...

— Dom, que absurdo! Melly é uma moça respeitável e gentil! Jamais se rebaixaria a...

— Phrey, já estou negociando a compra de uma casa para ela perto das docas. E quando tiver o imóvel em seu nome, Melly poderá fazer como quiser!

— As docas? Mas o lugar é horrível! Não pode deixar uma criaturinha tímida como a srta. Pettifer viver num bairro como aquele! Ela ficará com medo de sair de casa!

Dominic deu de ombros de novo.

— É melhor do que não ter casa alguma, concorda? E vou mantê-la afastada de problemas.

— Mesmo? Em que tipo de problema acha que ela poderia se meter? Conhece-a tão pouco! Melly é uma mulher cheia de virtudes!

— Ótimo. Isso a manterá longe das conseqüências de qualquer ato impensado.

— Como assim? O que quer dizer?!

— Phrey, não me importa que ela tenha amantes. Pode ter dezenas deles, se quiser. O que não quero é que engravide.

— Deus do céu, a srta. Pettifer não é desse tipo, Dom! E, mesmo se fosse, por que não teria filhos? Se não a quer, deixe-a em paz para viver sua vida.

Dominic meneou a cabeça.

— Bem que eu gostaria, mas não posso. E depois que a deixar, mandarei observá-la. Ao primeiro sinal de gravidez, Melly estará na rua! Sem teto, sem renda. Não sou como os cavalheiros ingleses que se encolhem de medo de um escândalo ou de um divórcio. Lembre-se de que fui criado numa parte do mundo muito menos rígida quanto a esse tipo de coisa.

— Droga, Dom, isso não é tratamento digno de um ser humano!

— Acha mesmo? — Dominic se curvou para mais uma tacada, indiferente.

— Acho, sim! Que vida é essa que quer impor a uma moça tão jovem?!

— Muito boa, em minha opinião.

— A srta. Pettifer estará sempre sozinha e assustada! Não pode fazer isso!

— Não sou eu, Phrey. É ela quem está fazendo isso a si mesma. Quero apenas minha herança. Como sabe, eu preferiria não me casar de forma alguma.

— Seu miserável! Nunca imaginei que viesse a se tornar uma pessoa assim, sem escrúpulos! Bem se diz que a maçã jamais cai longe da macieira! Você é tão ruim quanto seu pai!

Phrey atirou o taco sobre a mesa e saiu da sala, pisando firme.

Dominic, assim que o amigo bateu a porta, sorriu.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Capítulo VII

Venho, por meio desta, publicar os proclamas de casamento entre Dominic Edward Wolfe, lorde d'Acre, da paróquia de Wolfestone, e a srta. Melanie Louise Pettifer, da paróquia de Theale, em Reading. Se, porventura, alguém souber de algum motivo pelo qual as duas pessoas mencionadas não possam vir a contrair núpcias sagradas, que se manifeste. Esta é a primeira chamada.

Ao terminar o anúncio, Phrey ouviu o murmúrio que circulou pela igreja. Os paroquianos que ali se reuniam para conhecer o novo pároco estavam tendo sua recompensa pela curiosidade.

— Mas esse não é o nome dela. — Grace ouviu alguém segredar a um vizinho de banco.

— Não. Ele deve ter lido errado, o tolo. Uma coisa é ficar nervoso, outra é dizer errado o nome da moça!

— E quem seria essa Melanie Pettifer?

— A outra, a amiga dela.

Grace se sentiu enrubescer. Se podia ouvir as especulações, Melly e Dominic também podiam, visto que se achavam cada um a seu lado. Deviam ter se sentados juntos, claro, como um casal, mas, quando estavam entrando para o serviço religioso, Dominic foi parado aqui e ali para conversar com alguém, e as duas acabaram juntas, no banco destinado aos Wolfe. E Dominic se sentou por último, junto de Grace.

Ela o olhou. Sua expressão era séria e indecifrável. Grace se voltou, então, para Melly. A amiga lhe pareceu infeliz ao extremo. Apertou-lhe a mão, solidária. Pobre Melly, presa entre dois homens muito teimosos. E pobre dela própria, presa na mesma armadilha...

Muitos dos camponeses sorriam-lhe, mas Grace tentava evitar fitá-los. Todos pareciam achar que era ela quem deveria se casar com Dominic. E isso não era apenas incômodo, mas doloroso. Ainda mais porque concordava com eles.

E, mesmo com o coração partido, teve de sorrir e comportar-se bem. Não suportava que se apiedassem dela. Fora uma grande tola por ter acreditado que o amor verdadeiro aparecera em seu caminho, enfim. E era como se pudesse ouvir seu avô rindo do além...

Após o serviço religioso, Phrey ficou conversando com alguns de seus novos paroquianos. Ao passarem por ele, Dominic, Melly e Grace puderam ouvi-lo recusando, muito educado, um convite para comparecer ao almoço de domingo. Algumas senhoras eram bastante insistentes e estavam lhe dando certo trabalho, ainda mais porque tinham filhas em idade de se casar, e desejavam que o novo, e jovem, reverendo as conhecesse.

Phrey também tentava lidar com outros aldeões, que insistiam em que ele errara o nome da futura noiva. E estava perdendo uma luta inglória, pois ninguém acreditava em sua explicação de que não, não dissera errado o nome dela.

Dominic, que acompanhava as duas damas à carruagem, começou a se irritar com tudo aquilo.

— E o sr. Netteterton? — Melly indagou, parando no meio do caminho e se voltando para trás.

— O que tem ele? Poderá vir depois.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Melly, preocupada com Phrey, fez um leve sinal a Grace.

— Seria cruel demais deixar o pobre reverendo aqui! —ela exclamou de imediato. — Podemos dar-lhe quinze minutos para falar com o povo e fazer a política mais correta em seu primeiro dia, e então lordes d'Acre iria até lá para chamá-lo, com toda a sua autoridade.

Dominic a encarou. Grace demonstrava tanta coragem, tanta força sorrindo e falando com alegria! Muito embora em seu semblante trouxesse a expressão de sua tristeza. E, se ela podia ser assim, também ele poderia.

— Chamá-lo com autoridade?

— Sim. Com esse jeito frio, distante, quase cruel que milorde sabe ter quando quer, sem deixar escolha ao sr. Nettetton a não ser vir com o senhor ou sofrer as consequências.

— Entendo.

Grace sorria ainda, mais linda que nunca. A vontade dele era de tomá-la nos braços ali mesmo e beijá-la como louco diante de todos, para acabar com aquele estresse todo e definir seu futuro de uma vez. Mas isso não podia ser feito.

— Precisamos de um espetáculo, e milorde o protagonizaria, sendo autoritário — Grace prosseguiu. — Afinal, Abdul fracassou em nos mostrar um.

— Abdul o quê? Como assim?!

— Ora, ele não veio! O sr. Nettetton acha que todos estiveram presentes aos serviços religiosos para vê-lo, e isso deve ser verdade, porque os aldeões andaram dizendo que queriam, e muito, ver um verdadeiro turco de perto.

— É? Pois verdadeiros turcos não freqüentam serviços religiosos anglicanos.

Ela deu de ombros.

— Bobagem. Estamos na Inglaterra; metade das pessoas aqui é católica, não anglicana, e isso não os impediu de vir porque queriam conhecer Abdul. Além do mais, antes dos otomanos, Constantinopla era o centro da doutrina cristã. Não seria de estranhar que alguns deles tivessem permanecido cristãos.

— Abdul, não. Para ser franco, acho que ele não segue nenhuma fé em especial. E, seja como for, ele não é turco, mas uma bela mistura de raças. Sua mãe era filha de uma escrava do Cáucaso, seu pai era egípcio de origem grega, e, quanto mais para trás formos em sua ascendência, mais complicada ela ficará. Abdul, porém, se diz um otomano puro, digno representante de todo o império.

Ao se virar, Dominic viu Melly conversando com vovó Wigmore. Esperou um pouco, mas, como as duas pareciam muito envolvidas no diálogo, ele tomou o braço de Grace, e seguiram avante. Andaram alguns passos e, aos poucos, Dominic foi se sentindo menos tenso.

— Foi terrível a maneira como quiseram corrigir o pobre Phrey, não?

Grace não respondeu. Estavam bem afastados, próximos da carruagem, e ele passou um braço por sobre os ombros dela, para consolá-la.

— Não se preocupe tanto, Grace. Tudo ficará bem, prometo. — E teria de ser assim. Já arriscara muito em outros tipos de aposta, antes.

Como Grace permanecesse em silêncio, Dominic resolveu mudar de assunto:

— Como fica sabendo de tudo isso? Quero dizer sobre os aldeões quererem ver Abdul de perto. Está aqui há tanto tempo quanto eu, e nunca sei o que essa gente pensa.

— Digamos que seja algum mistério. Um dom.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Mesmo? Ela sorriu.

— Nos últimos dias, perdi a conta de quantos camponeses me perguntaram se era verdade que milorde tinha um turco de verdade em sua residência. O povo daqui tem memória muito boa, ao que tudo indica.

— É. Mas o que essa memória tem a ver com Abdul? Ele acabou de chegar.

— Primeiro houve alguns comentários sobre o quanto você se parece com seus ancestrais. E pelo jeito todos recordam muito bem de um tal sir Simon Wolfe, que lutou ao lado de Ricardo Coração de Leão nas Cruzadas e se tornou o segundo lorde d'Acre.

Dominic assentiu, pensativo, lembrando-se do que tinha aprendido sobre a linhagem de sua família.

— E?

— Bem, sir Simon também trouxe consigo um turco de verdade, como prisioneiro. E os aldeões estão muito animados por você ter dado continuidade à tradição:

— Ora, pelo amor de Deus!

Grace deu risada, e isso encheu o coração de Dominic de uma alegria melancólica, pois ela estava infeliz, mas disfarçava. Teria de encontrar um meio de evitar que aquele sofrimento se prolongasse. Tinha de haver uma saída para a situação!

— Olhe!

Estavam ao lado do cemitério da igreja, e Grace apontava para uma placa de bronze presa a um pequeno edifício muito antigo, no topo do qual via-se um anjo de pedra. Grace leu os dizeres, com interesse:

Martha Jane Wolfe, lady d'Acre, esposa de Gerard Wolfe, lorde d'acre de Wolfestone.

Abaixo da inscrição principal, havia seis, menores, cada uma com um nome e uma data.

— Pobre senhora! Perdeu tantos bebezinhos! E morreu tão jovem...

Dominic lamentou que outra inocente tivesse sido sacrificada pelos Wolfe. Ah, mas isso não se repetiria.

— Vamos. — Puxou Grace, de leve consigo, para afastarem-se dali.

A carruagem se achava logo ao lado.

— Então vai mesmo seguir com sua idéia.

O sentido das palavras de Grace ficou bastante claro para Dominic.

— Não quero falar sobre isso. — Ele sabia o que queria, mas as pessoas nem sempre conseguem o que querem.

— Mas deve tomar uma decisão!

— Devo? — Dominic se voltou para ver Phrey e seus paroquianos. — Tudo está se arranjando.

E não tornou a encarar Grace, porque não seria capaz. Já estava na hora de agarrar o braço de Phrey e arrastá-lo para longe daquela gente.

Assim, deixou Grace junto do coche e retornou para junto do amigo. Melly aguardava, muito paciente, no mesmo lugar em que ficara, com uma expressão que Grace podia ver e que partia seu coração. Pobre Melly, presa num dilema terrível e incapaz de tomar uma atitude.

Grace não podia imaginar como seria viver com a culpa de ter desapontado o pai. Que horrível imaginar que tal decepção poderia levar sir John à morte. Mas uma voz medonha

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

de seu passado continuava a ecoar em sua mente, assustando-a:

Você matou sua mãe, Grace...

Bem, talvez ela soubesse o que era carregar tal culpa, afinal. E não a queria sobre os ombros de sua amiga.

Mas o que fazer?! Tudo o que sabia era que não suportava mais aquela situação.

Pouco depois de terem chegado a Wolfestone, Grace bateu na porta do quarto de sir John. Melly caminhava pelo jardim com Phrey; podia vê-los da janela do corredor. Os dois conversavam.

Os proclamas obrigaram Grace a tomar uma decisão. Não queria mais sofrer. Partiria antes que os proclamas fossem repetidos, na segunda chamada de praxe. Deixaria para trás Dominic, Wolfestone e tudo o que a estava torturando. Voltaria a Londres e faria as malas para seguir para o Egito com a sra. Cheever. Mas, antes disso, conversaria com sir John.

Quando ouviu a permissão dele, entrou.

— Sim, Greystoke, o que há?

— Meu nome não é Greystoke, sir.

Ela caminhou até o leito. Naquele cômodo, tinha-se a impressão de que a doença e a morte pairavam por toda a parte. Grace se esforçou para não franzir o nariz.

— Chamo-me Grace Merridew e estive na escola com Melly. Lembra?

O lorde juntou as sobrancelhas, pensativo.

— Como pode ser Grace Merridew? Você é Greystoke!

— Olhe bem para mim, sir John. Tingi os cabelos e fiz sardas no rosto e no pescoço.

Ao analisá-la melhor, aos poucos o nobre parecia recordar.

— Agora a reconheço! Você nos enganou? Por quê?

— Melly sabia. Na verdade, foi ela quem me pediu para vir.

— Melly?! Por quê?

— Porque está desesperadamente infeliz, senhor. Não quer se casar com lorde d'Acre, e nem ele com ela. E o senhor sabe muito bem disso.

— Aqueles dois ignoram o que é bom para...

— Ambos sabem o que querem. E melhor ainda o que não querem! Para começar, Melly até poderia negar, mas, em minha opinião, apaixonou-se por Phrey Netterton.

— Até que aprecio o rapaz, mas ele é tão pobre quanto um rato de igreja! E é arrimo de família! Não vou condenar minha Melly a uma vida de pobreza deixando-a casar-se com Phrey Netterton.

— Mas ele um dia será rico. E herdeiro do tio, que está... Sir John a interrompeu com um gesto.

— Os Netterton costumam viver muito, minha filha. Ceddie viverá mais de cem anos, pode apostar! Não bebe, não fuma, não joga. Tem uma vida reservada, trata-se bem, alimenta-se melhor ainda. Se soubesse como aquele homem era ativo e saudável quando jovem, quando o conheci! Mas claro que agora se transformou num velho aborrecido e mesquinho. Mas, voltando ao assunto, não permitirei que minha filha passe a vida limpando e esfregando o chão de um vicariato quando pode ser a senhora de uma propriedade como esta. E vivendo uma vida fausta.

— Nem se ela for feliz limpando e esfregando esse chão que mencionou?

— Ora! O casamento não é uma garantia de felicidade! Mas o dinheiro garante

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

conforto e segurança.

— E o senhor prefere que Melly seja infeliz, casando-a com um homem que não a quer.

— D'Acre pode não querê-la agora, mas...

— Ele me ama! A mim, sir John! E eu o amo também! O lorde lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Mas ele concordou em se casar com Melly.

— Sim.

— Pelo dinheiro.

— Não. Pelo castelo, pelo lugar que foi de sua família e no qual todos os Wolfe têm vivido há seis séculos.

— Tolice. Wolfe não se importa com esse tipo de...

— Importa-se, sim. Creia no que digo. No entanto, Dominic costuma disfarçar seus sentimentos mais do que o normal. O lugar dele é aqui, sir John. Dominic acabou de descobrir isso. Precisa ser parte de Wolfestone tanto quanto o povo local necessita de sua presença. Por isso, estou de partida.

— Ótimo.

Grace ficou muda por segundos, sem acreditar que ele pudesse ser tão frio.

— Achei que amasse sua filha.

— E amo. Muito. Por isso estou fazendo o que é melhor para Melly, mesmo que ela ignore isso. Ainda. — Ele se recostou nos travesseiros e fechou os olhos.

Pronto. Fim de discussão.

Grace assentiu, mas disse, amarga, antes de sair:

— Então, adeus, sir John. Não posso desejar-lhe felicidades, mas vou rezar para que se recupere. E quero que saiba que está muito enganado ao forçar essa união; muito mais até do que poderá imaginar um dia.

Parte da noite passei

Abraçando-a...

Parte passei

Beijando-a...

Até que a bandeira do alvorecer

Caiu, forçando-nos a partir

E o círculo formado

Por meus abraços nos seus

Teve de se romper.

Oh, noite fatal!

Atrase o momento do adeus!

Com mãos trêmulas, Grace fechou o pequeno livro com capa de couro. Aquele poema em especial, intitulado *Noite de Amor*, do poeta andaluz Ibn Safr al-Marini, era seu favorito. Tão lindo e triste!

Estava sentada na grande poltrona da biblioteca, com as pernas dobradas embaixo do corpo. O jantar terminara havia horas. Era sua última noite em Wolfestone. Preparara tudo para partir de madrugada, mas nada dissera a Dominic. Sabia que ele ficaria furioso e não queria presenciar isso. Mas todos além dele sabiam. Despedira-se de todos.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Melly, ainda sentindo-se infeliz e culpada, subira para ficar com o pai. E Grace se retirara para o aconchego da biblioteca e de seu querido livro de poemas árabes.

Atrasar o momento do adeus... pois sim! Era tarde demais. O círculo formado por seus abraços se desfizera. Dominic ia se casar com Melly e, dentro de poucos dias, os proclamas seriam lidos pela segunda vez.

Não, não suportaria ficar para ouvir. Não era tão nobre assim.

Passou os olhos pela sala, que agora estava limpa e arrumada, graças a muito trabalho dos criados. Cerrou as pálpebras e respirou fundo, sentindo o perfume de cera, de que tanto gostava. Cheiro de limpeza...

Amava Wolfestone. Amava Dominic. Como conseguiria viver longe dali?! Mas como ficar?

Seu corpo todo estava tenso. Olhando, de repente, para cima, encontrou Dominic a seu lado. Ele entrara sem fazer ruído, e agora a observava com uma expressão intensa, séria.

— Não sei ao certo se, em seus olhos, há mais beleza quando estão felizes ou quando me parecem banhados de orvalho... O orvalho de sua alma.

— Há quanto tempo está aí?

Como resposta, ele se inclinou e deu-lhe um beijo ardente. Havia paixão, ternura e desespero misturados nele. Grace correspondeu, com todo o seu coração. Era seu último beijo.

E quando ele se afastou um pouco, murmurou:

— Nunca mais.

— Por que não?

— Porque não suporto mais isso. Não quero falar a respeito. Mas diga-me por que veio até aqui.

Dominic meneou a cabeça e estendeu a mão.

— Suba comigo. Vamos nos deitar e conversar.

— Não. Não posso. Há muita gente no castelo. Seríamos descobertos, e eu estaria perdida.

Dominic deu-lhe as costas e se afastou.

Grace não queria se despedir dele assim. Mas logo constatou que ele fora apenas trancar a porta, e já voltava. Quando tornou a se aproximar, ergueu-a nos braços com facilidade.

Sentou-se com Grace no sofá, onde tinham mais espaço. Ficaram ali, colados um junto no outro, numa mistura de inferno e paraíso que deixava a pulsação de Grace frenética.

— Não suporto vê-la triste assim.

— E eu não suporto mais esta situação.

— Sei disso, mas... a única solução me parece que seria dar um tiro em sir John e outro em Melly; o que eu até faria. Entretanto, nesse caso teria de atirar em Phrey, o que seria mais difícil, porque é meu amigo querido. E, além do mais, ele sabe usar armas muito bem também... Não bastasse, haveria inúmeras testemunhas, as quais eu também poderia eliminar com vários disparos. Mas aí haveria tantos cadáveres para esconder... E eu detesto cavar! Mesmo sem querer, Grace deu risada.

— Pode rir, mas odeio mesmo cavar! Entretanto, deve estar pensando que sou o senhor destas terras e deste castelo e que assim poderia simplesmente mandar alguns de

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

meus subordinados fazerem o serviço. Porém, o que não considerou foi que, para encobrir meus terríveis crimes, eu teria de matar esses homens também. Mas, se o fizesse, não sobraria ninguém para abrir as covas e esconder os corpos, além de mim mesmo. — Fez uma careta. — E isso seria horrível. Amo você, srta. Merridew, mas, embora fosse capaz de matar por sua causa, cavar?! Ah, isso é outro assunto!

Agora ela gargalhava. E chorava ao mesmo tempo.

— Você é ridículo! Não sei como pode ser tão engraçado num momento como este!

Dominic tornou a beijá-la. Perderam-se os dois nesse beijo, mas Grace acabou por se desvencilhar dele e se levantou, indo destrancar a porta.

— Boa noite, milorde.

E, antes que Dominic pudesse reagir, ela se foi. Pelo corredor, nos passos apressados que dava para seu quarto, disse ainda:

— Adeus, meu amor. Adeus.

Tinha de fugir dele. Não agüentaria mais estar nos braços de Dominic e beijá-lo sem que aquela fraqueza absurda tomasse conta de seu corpo. Se acontecesse de novo, estaria perdida.

Entendia agora o que ele quisera dizer quando lhe pedira que fosse sua amante. Não se tratava de um insulto, de maneira alguma, mas sim de uma entrega. Dominic, naquele momento, entregava a Grace seu coração.

Pena isso não ser suficiente para Grace. Filhos e uma vida cercada de amigos e de sua família, suas irmãs e cunhados, era algo muito importante para ela.

O casamento com Melly ainda poderia não acontecer. Mas o problema ia um pouco além. Dominic não acreditava que amor e casamento podiam coexistir. Portanto, Grace tinha de partir. O Egito e as pirâmides a aguardavam. Poderia, ao menos, realizar o sonho de estar lá.

Grace despertou com o cantar dos primeiros pássaros da aurora. Levantou-se e se vestiu depressa. Melly dormia profundamente na outra cama. Ou talvez não... Quem sabe estivesse apenas em silêncio porque sabia que a amiga iria embora com o coração despedaçado. Fosse como fosse, nenhuma das duas disse sequer uma palavra.

Grace sentia o peito transbordante de tristeza. Era como se houvesse um abismo entre ambas, naquele momento. Despedira-se de Melly na véspera, antes de se deitarem, e choraram muito, tanto pela amizade quanto por tudo o mais.

Grace pretendia seguir para Londres, onde encontraria sua irmã Prudence. Amava todas as irmãs, mas, de imediato, era de Prudence que necessitava. Ela fora como uma mãe durante toda a sua infância, e agora passara a partilhar esse papel cuidando das órfãs, ao lado de tia Augusta. E era para Prudence que Grace se voltava quando estava triste ou com problemas; como sempre...

Suas malas estavam no hall, prontas. Colocou a camisola e outros poucos pertences numa valise de mão. Arranjara com Abdul que ele lhe emprestasse uma de suas carruagens e também um criado e um cocheiro. E agora queria apenas sair dali sem despedir-se de mais ninguém, indo embora o mais depressa possível.

Sentia uma raiva enorme por estarem todos envolvidos numa armadilha que não podia ser desfeita. Detestava a situação que a transtornava daquela maneira. Ressentia-se até mesmo de sir John, e isso não era justo, pois o pobre homem, às portas da morte, estava

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

querendo apenas garantir o futuro da filha.

Mais uma vez, desejou nunca ter vindo a Wolfestone. Era bem mais fácil sonhar com o amor do que ser pega em suas malhas. Amar era uma tortura. Por que ninguém a avisara disso?

Desceu a escadaria sem fazer ruído algum. E, para sua surpresa, encontrou a sra. Stokes lá embaixo. Ela preparara o desjejum preferido de Grace: uma fatia de *bacon*, um ovo cozido, uma torrada com mel e café.

— Não achou que eu e Enid iríamos deixá-la seguir numa viagem tão longa sem uma refeição decente, achou? Agora, coma, senhorita, enquanto está tudo quentinho.

Grace olhou para o pote de mel e sentiu as lembranças aflorarem. Sim, amar era uma tortura.

— Não há outra coisa além de mel? Não estou com vontade de passar mel na torrada hoje.

— Temos geléia de morangos, se preferir. Uma especialidade da região, não sei se você sabe. — A sra. Stokes se movia com agilidade pela cozinha, providenciando o pedido de Grace. — Os morangos foram colhidos por Billy Finn ainda ontem, e fiz a geléia de tarde. Morangos são muito bons para acalmar as pessoas. E a geléia é melhor ainda.

— Obrigada, sra. Stokes. — Mas ela sabia que geléia nenhuma no mundo seria capaz de aplacar sua dor.

Após o desjejum, Grace apanhou algumas maçãs e cenouras e seguiu para os estábulos, para despedir-se dos cavalos, que aprendera a amar tanto. No pátio, os criados aprontavam a carruagem que a levaria.

As éguas a esperavam, como em toda manhã, mantendo as cabeças para fora das baias e movendo-as para cima e para baixo, como numa saudação.

Grace foi primeiro à baia da égua que tivera o potrinho. O bebê mamava vorazmente, e ela entregou uma maçã à mãe, vendo-a comê-la com satisfação. A seguir, deu uma cenoura a Hex, murmurando:

— Cuide bem dele, meu amigo.

O animal aceitou o mimo, mas, quando Grace foi acariciar sua cabeça, afastou-a, parecendo assustado.

— É, vocês dois são bem parecidos. Grandes, bonitos, nobres e arredios...

A última a ser alimentada foi a égua cinzenta de que tanto gostava e que já via como sua. Acariciou-lhe as orelhas e teve vontade de chorar. Sentiria falta das cavalgadas matinais com ela.

Voltou para a residência, para apanhar a bagagem. Abdul a aguardava no hall.

— Você me honra com sua atenção, Abdul — disse-lhe, em árabe.

— Talvez, *sitt*. Vim para discutir com a senhora também.

— Discutir?

— Está fugindo, embora devesse ficar e lutar.

— Não há nada que eu possa fazer.

— Sabe, não entendo como os ingleses conseguiram governar a maior parte do mundo. A senhora, ele e a outra moça estão sempre dizendo que nada podem fazer, e aí estão, muito infelizes. Para mim seria simples: matar o velho e tudo estaria resolvido.

Ele não podia estar falando a sério... Grace sorriu, meneou a cabeça e fez menção de

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

se despedir, mas Abdul continuou:

— Senhora, conheço Dominic Wolfe há dez anos. Posso garantir que ele nunca olhou para outra mulher como olha para a senhora. Ele sempre perseguiu saias que não podia ter; as mulheres com maridos velhos ou ausentes, as que jamais poderiam querer dele o que não estava disposto a dar. Mas Wolfe jamais quis tanto uma moça virgem!

Grace corou. Não era mais virgem.

— Está falando com a pessoa errada, Abdul.

— Dominic é como uma mula, mas por baixo de tanta teimosia, está sofrendo. Não é justo. Milorde jamais se envolveu na vida dos outros, sempre cuidou da dele. A não ser, claro, quando me comprou, para salvar minha virilidade. Rendo graças a Alá e a Dominic Wolfe por isso. Eu ia ser transformado em eunuco. Entende o que é isso?

Abdul fez rápidos movimentos com as mãos para deixar bem claro o que significava, e Grace enrubesceu ainda mais.

— E agora, todas as vezes que me deito com uma mulher, agradeço a generosidade de Dominic Wolfe; e como sou um homem de grande apetite, agradeço muito freqüentemente. Mas ele há sombras em sua vida.

Abdul ponderou um instante.

— E interessante. Neste lugar em que meu senhor jurou não querer ficar, de repente, a vida de um menino pobre passa a ser importante para ele. Dominic quer ajudar a família de um velho e da moça que trabalham em sua casa, de um fazendeiro que está com dificuldades para tocar suas terras... Mantém-me ocupado reconstruindo esta propriedade: o lugar que há muito decidiu destruir!

Grace tornou a sorrir.

— Fico feliz por isso. Mas agora tenho de ir.

— Senhora, pergunte a si mesma o que provocou tal mudança nele!

— Por favor, Abdul.

— A senhora, ninguém mais! Consegue tocar alguma coisa dentro dele, despertar sentimentos que estavam adormecidos. Por isso tem de ficar e lutar! Por estas terras, por sua felicidade e pelo coração de Dominic Wolfe!

Ela o encarou.

— Já entreguei meu coração a Dominic, Abdul. E isso de nada adiantou. Agora, se me der licença...

Abdul assentiu, entristecido, e pegou as malas. Grace ergueu o rosto.

— Adeus, sra. Gárgula. Cuide dele e de todos nesta propriedade. Faça Dominic ver que este é seu lar e torne-o feliz.

Apressada, ela saiu, e parou à soleira ao deparar com todos os criados perfilados para a despedida. E o dia nem amanhecera ainda!

A sra. Stokes e Enid deram um passo à frente, entregando-lhe uma cesta. As duas choravam.

— São apenas algumas coisinhas, para o caso de sentir fome no trajeto — murmurou a jovem.

As três irmãs Tickel deram-lhe um saquinho com maçãs e limões, que sua mãe mandara. Tansy explicou:

— É que os limões fizeram tão bem a sua pele...

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Billy Finn, vestido num uniforme de claro estilo oriental, trazia um ramalhete pequeno de flores do campo, que estendeu a Grace.

— São cheirosas, senhorita. E não se esqueça de voltar para nós.

Ela agradeceu e o abraçou.

— Vou sentir saudade, Billy.

Todos vieram dizer seu adeus de mais perto, entregando-lhe uma lembrancinha ou apenas um abraço sentido. Até mesmo vovô Tasker se adiantou, colocando uma rosa entre suas mãos.

— Esta é da espécie que a mãe de lorde d'Acre plantou. Lady Elisabeth adorava rosas, e acho que a senhorita gosta delas também.

Grace aceitou a flor sentindo a garganta se fechar, tamanha era sua emoção. Por fim, havia vovó Wigmore, que a encarava com seu constante ar de riso. De todas as pessoas presentes ela era a única que não se mostrava triste. Ao abraçar Grace, afirmou, com total segura:

— A senhora voltará para nós, de Wolfestone, não tema. Tenho certeza disso em meu coração. — E deu-lhe um saquinho de seda. — Durma sobre isto, e seus sonhos serão suavizados.

O saquinho exalava o perfume de rosas e ervas. Grace beijou o rosto enrugado de vovó e pediu-lhe:

— Tome conta dele, vovó.

— Tomarei, filha. Tomarei.

Abdul a conduziu até o veículo. Grace mal conseguia enxergar o chão, devido às lágrimas.

— Poderia, por favor, despedir-se de lorde d'Acre por mim? Não pude dizer a ele que ia partir.

— Claro, senhora. — Muito sério, ele acrescentou em árabe: — Que Alá lhe propicie uma viagem tranqüila e segura. Pela janelinha, ela via as pessoas ainda ali, acenando-lhe. Voltou a atenção para a janela do quarto que ocupara com Melly e viu a amiga, ainda de camisola, com uma expressão de enorme sofrimento. Acenou para ela, e Melly tocou o vidro com a mão espalmada.

A poucas janelas de distância estava Phrey, de roupão acetinado. Devia ter acordado com os ruídos da carruagem sendo trazida à entrada. Ele também fez um aceno, numa despedida solene, é depois, no ar, o sinal-da-cruz, abençoando-lhe a jornada. Então a carruagem se pôs em movimento. Grace ainda olhou para a única vidraça fechada. Por trás dela estava o amor de sua vida. Mas não teve oportunidade de vê-lo uma última vez.

Billy Finn correu ao lado do veículo até que ganhasse velocidade. Grace voltou-se mais uma vez, quando fizeram a curva da estrada, mas Wolfestone e sua gente não eram mais do que um borrão em meio a seu pranto.

Grace chorava mais e mais, conforme a carruagem cruzava as terras cercadas de colinas.

— Tome. Use isto.

Assustada, reconheceu a voz e viu o lenço branco que Dominic lhe oferecia, sentado no assento a sua frente, imerso na escuridão que ainda reinava.

— Oh! De onde você saiu?!

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Ele se inclinou para a frente e secou-lhe o rosto com o lenço.

— Estava aqui o tempo todo. Mas você, ocupada demais em olhar para fora, não conseguiu me ver. Seus olhos parecem duas violetas, sabia?

— E a última vez que ficarão assim. O que faz aqui?

— Irei com você.

— Mas eu o estou deixando!

— E, sei disso. Mas não achou mesmo que eu permitiria que fosse embora sem que eu fosse junto, achou? Porque, se está fugindo, fugiremos juntos.

— Não estou fugindo!

— Não? Ora, tive essa impressão... Agora, deixe-me secar direito esses seus olhos, sim?

Ela permitiu, mas teimou:

— Não pode vir comigo quando o estou deixando.

— Mas você é meu sonho, lembra? Não tenho opção. Mais lágrimas assomaram.

— E quanto a Wolfestone? E Melly? E sir John?

— O que tem tudo isso? Se quiserem vir também, terão de pegar outra carruagem.

Não há espaço para mais de duas pessoas aqui.

— Pare de falar como se não me entendesse! Hoje Phrey vai fazer a segunda chamada dos proclamas!

— Pois que faça.

— E Melly?

— Acredito que ela não se importará se eu for para Londres.

— Olhe, Dominic, não vou ser sua amante!

— Nem sequer pensei nisso! Não a insultaria com tal proposta, embora pessoalmente ache que seria uma situação deliciosa. E compreendo que apenas certas mulheres gostem dela, não você.

Ela o encarou, desconfiada.

— O que pretende, então?

— Irei a Londres visitar a rainha.

— Pelo amor de Deus, fale a sério! Dominic sorriu e disse, com suavidade:

— Eu a acompanharei até a casa de sua família.

— Mesmo?

— Sim. A viagem é muito longa.

— Promete que não tentará nada?

— Desmancha-prazeres! Sim, prometo. Grace pareceu aquietar-se.

— Se viajarmos juntos e, em especial, se ficarmos na mesma hospedaria, minha reputação estará arruinada.

— Mas eu não tocaria num fio de seus cabelos, quanto mais arruinar sua reputação! Já cuidei de tudo. Pararemos em Cheltenham, onde vive um casal de amigos meus. Pernoitaremos lá.

— Dominic, desse modo ficarei numa carruagem com você por quase dois dias!

— Nada disso. Eu trouxe outra moça para acompanhá-la, além do cocheiro e dos dois criados que estão viajando na parte de cima.

Grace passou o olhar ao redor.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Não vejo minha acompanhante.

— Porque ela está lá em cima, com o cocheiro. Só virá para dentro se chover. A jovem prefere apreciar a paisagem e latir para outros cachorros que possam aparecer na estrada.

— Outros cachorros... Refere-se a Sheba?!

— Sim.

— Sua cachorra é minha dama de companhia?!

— Ela é excelente nesse ofício, fique sabendo. Nunca deixou que um rato se aproximasse de mim.

Grace podia estar chocada, mas a situação era engraçada e teve de rir. Dominic a enlaçou, sem perda de tempo.

— Não se preocupe, meu amor. Eu jamais permitiria que fizesse esta viagem sozinha. Portanto, vamos nos divertir.

Grace se deixou convencer e relaxou o corpo contra o dele. Podia não saber o que Dominic tinha em mente, mas não era determinada o suficiente para mandá-lo embora. Ainda não...

Mais uma vez, os proclamas foram lidos por Phrey, na igreja. Ninguém se manifestou. Todos sabiam que lorde d'Acre e a srta. Merridew tinham partido para Londres. Mesmo assim, a situação continuava estranha, pois o turco acompanhara a srta. Pettifer até o templo; mais precisamente, até o banco reservado à família Wolfe. Depois, afastou-se, indo se acomodar no último banco, entre duas das garotas Tickel.

Fora até engraçado ver as três irmãs brigando para saber quem ficaria junto de Abdul. Tansy perdera a disputa e acabara indo para perto da mãe, embora tivesse lançado olhares ciumentos às outras duas durante todo o serviço religioso. O turco não demonstrara o menor interesse na briga, e mantinha-se ereto e sério. Não usava turbante, mas um chapéu colorido, que tirara assim que colocara os pés na igreja. Levantou-se quando os hinos foram entoados e ajoelhou-se nos momentos de orações, embora não pronunciasse nenhuma palavra, nem fosse tomar a comunhão. A comunidade ali reunida prestou pouca atenção ao sermão, tão impressionados estavam com o comportamento de Abdul. E, quando o serviço terminou e todos se reuniram à entrada, foi vovô Tasker quem estendeu a mão ao novo reverendo em nome da gente de Wolfestone.

— Bela homilia, sr. Netterton. Um sermão curto e muito interessante.

Lá fora, Abdul esperava por Melly, mas ela se desculpou, dizendo que preferia voltar para casa caminhando e que o pároco a acompanharia. O turco assentiu e seguiu em direção às irmãs Tickel. Duas delas se penduraram em seus braços, e a terceira, dessa vez Tilly, seguiu atrás, muito amuada.

As pessoas os observavam, um tanto scandalizadas, mas o que, afinal, um turco e as garotas Tickel sabiam de comportamento adequado?

Melly esperava por Phrey, que se despedia dos fiéis. Não se importava de esperar por ele. Nunca.

Uma mulher ia até Phrey com um bebê envolto numa manta azul. Melly, ouvindo a criança choramingar — e como adorava bebês —, pediu à mãe dele:

— Posso vê-lo? Orgulhosa, a mulher afastou a ponta da manta e revelou sua criaturinha.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Oh, que lindo! Que tesouro!

O nenê a encarou com seus imensos olhos azuis. Uma das mãozinhas moveu-se no ar, e Melly a segurou, maravilhando-se com a perfeição dos dedinhos.

— Gostaria de segurá-lo um pouco, senhorita? Preciso falar com o reverendo.

— Eu posso?!— Feliz, Melly aconchegou o embrulhinho no colo, e deu muitos beijos na cabeça da criança, falando com ela com carinho.

Pouco depois, a mãe veio buscá-lo, e Melly o entregou, com um sorriso triste.

— Está chorando, senhorita? Apressada, Melly secou o rosto.

— Sinto muito. São as flores da igreja. Tenho alergia a elas.

A jovem a analisou por segundos.

— Também vai ter seu bebezinho um dia. Não se preocupe.

Melly assentiu e se afastou. Pouco depois, Phrey foi ter com ela.

— O que aquela mulher lhe disse?

— Nada.

— Como nada? Ela a fez chorar, Melly!

— Não, não fez.

— Pois não vamos sair daqui enquanto não me disser o que lhe disseram para que ficasse nesse estado!

— Não foi ela. Foi... o bebê.

— O bebê? Não gosta de bebês, Melly?

Ela olhou para Phrey, com o pranto a rolar por suas faces. E então ele entendeu. Com ternura, puxou-a para si, para o consolo de seus braços.

— Em breve chegaremos a Cheltenham — Dominic murmurou ao ouvido de Grace, que adormecera em seu ombro.

A viagem correria bem até aquele momento, com algumas pancadas suaves de chuva de vez em quando, mas as estradas estavam em excelente estado.

— Estou quase desejando que não tivéssemos de parar. — Grace sorriu. — É delicioso estar aqui com você. Nada de dificuldades, de discussões, de decisões a tomar. Apenas o som dos cascos dos cavalos no solo e esse balancinho gostoso...

O veículo diminuiu de ritmo, o que desviou a atenção de Dominic para fora.

— Aqui estamos.

— É. De volta ao mundo real... Dominic a olhou e beijou com paixão.

— Fale-me sobre esses seus amigos com quem nos hospedaremos.

— Claro. — E ele o fez, em poucas palavras.

Ao fim do relato, Grace não escondeu sua surpresa.

— Um harém? Aqui em Cheltenham?!

— Sim. Há um harém na casa. E a residência de Tariq bin Khalif, um grande amigo meu. Conheço-o desde minha infância em Alexandria. É um homem riquíssimo, dono de fábricas de tecidos de seda entre outras atividades. E Tariq vem todos os anos a Cheltenham para beber as águas medicinais daqui. Ao que tudo indica, ajudaram a curar um problema de saúde que tinha desde a adolescência. E este ano ele trouxe suas esposas pela primeira vez.

— Entendo. Bem, primeiro você me entrega sua cachorra por dama de companhia, e agora me traz a um harém...

— Prometo que sua reputação permanecerá intacta. Aliás, um harém é destinado a

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

guardar a virtude das mulheres que se encontram dentro dele.

— Sei.

Dominic deu risada diante da decepção dela.

Era uma casa como qualquer outra, quando vista por fora. Quando Dominic bateu à porta, porém, foram recebidos por um criado vestido à maneira oriental, que mal olhou para Grace.

O anfitrião desceu as escadas logo em seguida. Era um homem de pele escura, olhos cor de azeitona e nariz pronunciado. Vestia-se como árabe e tinha barba e bigode.

— Seja bem-vindo a minha casa, amigo. Você e sua acompanhante. Que a paz esteja com ambos. Mande preparar os quartos e espero que estejam de seu agrado. — Ele se voltou para Grace. — Gostaria de conhecer minhas esposas?

— Sem dúvida.

Como a resposta foi pronunciada em árabe, Tariq se voltou para Dominic, espantado.

— Ela fala e lê em seu idioma, Tariq. E aprecia muito a poesia de Ibn Safr al-Marini.

— O famoso poeta da Andaluzia? Estou impressionado. E minhas esposas ficarão muito contentes em conhecê-la, senhorita. Estão um tanto nervosas por saberem que irão travar relações com uma dama inglesa. — Tariq bateu palmas, e um criado apareceu de imediato. — Leve a senhorita aos aposentos das mulheres. Ela fala nosso idioma.

O homem se inclinou e indicou o caminho a Grace. Era um eunuco, ela sabia. Abdul teria ficado igual, avaliou.

Grace o seguiu até o quarto cujas portas duplas ele abriu, fazendo-lhe sinal para que entrasse. Também ela estava tensa por conhecer mulheres de uma cultura tão diferente.

O aposento era maravilhoso, decorado com tapeçarias belíssimas e peças delicadas. No ar, pairava uma mistura de perfumes e sândalo. Cinco mulheres a esperavam, ansiosas.

— A paz esteja convosco — Grace as cumprimentou, com uma breve mesura.

Elas se entreolharam, fizeram comentários entre si e rodearam Grace, falando todas ao mesmo tempo, em árabe. Sorrindo, ela explicou que não falava tão bem assim, mas que sabia ler e entendia quando as pessoas se expressavam devagar.

Então, tiveram início as apresentações: a mais velha, primeira esposa, chamava-se Fátima; a segunda era Kadije; a terceira, Mouna. As outras duas eram criadas. Uma quarta esposa ficara em Alexandria, pois estava para dar à luz.

Em pouco tempo, Grace conversava com as mulheres de Tariq como se fossem velhas amigas.

Alguém bateu na porta. Era outra criada, que anunciou:

— O *hamam* está pronto! Fátima tomou Grace pela mão.

— Venha! Vai ser algo muito especial! Planejamos isso quando soubemos que viria. Foi milorde quem pediu. É o que há de melhor depois de uma longa viagem. Não sabíamos se uma dama inglesa gostaria, mas agora temos certeza de que irá apreciar muito.

Mesmo ignorando do que se tratava, Grace se deixou levar até outro cômodo, nos fundos da casa. Assim que a porta se abriu, ela foi tomada pelos vapores perfumados de ervas. Bem no centro havia uma espécie de piscina borbulhante.

— Banho turco! — Kadije explicou-lhe. Dominic pedira um banho para ela?!

Na verdade, o banho foi para todas. Grace recebeu um óleo especial nos cabelos, depois de terem sido lavados com produtos exóticos. E, para seu espanto, a cor aplicada

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

neles desapareceu, e voltaram ao tom natural.

A água quente e borbulhante era maravilhosa, conferindo-lhe uma sensação de profundo relaxamento. Em seguida, quando já se enxugavam, as criadas fizeram com que se deitassem em camas cobertas de tecidos brancos e iniciaram uma massagem reconfortante. Tanto que Grace adormeceu.

Quando despertou, ainda recebia a massagem, mas seu corpo todo reagia a ela. De repente, um prazer fora do normal, uma deliciosa sensação de desejo se apoderou dela.

Com um pulo, sentou-se e arregalou os olhos. E deparou com Dominic. Assustada passou os olhos ao redor, mas não havia mais ninguém ali. Como podia ser? As mulheres tinham saído e deixado que ficasse a sós com ele?!

— O que faz aqui, Dominic?! Como entrou?!

— Há uma passagem logo ali. — Ele apontou para uma porta, sorridente. — Você é deliciosa... — disse com um olhar sedutor.

Grace se deu conta de que estava nua diante dele, e tentou se cobrir com a toalha. Mas Dominic a puxou de encontro a seu corpo, para um beijo ardente.

— Você prometeu que não tentaria nada... — ela sussurrou contra a boca sedutora.

— Não estou tentando nada, minha linda...

Os beijos continuaram, e a paixão cresceu. Dominic usava apenas uma toalha presa na cintura. Decerto também ele usufruía do banho turco e da massagem posterior.

Afastaram-se um pouco, e ele beijou-lhe os cabelos úmidos.

— Estão diferentes...

— E aplicaram algo que os fez voltarem à cor natural.

— São lindos. Como você. — Voltou a beijá-la e, embora tivesse prometido a si mesmo, e também a ela, que não a tocaria, a tentação inebriante de tê-la daquele modo, em seus braços, deixou-o fora de controle.

Grace não lhe opunha resistência; muito ao contrário, entregava-se, e, com ela, parecia estar sendo oferecido a Dominic o verdadeiro paraíso.

O desejo de possuí-la era incontrollável. Ao menor movimento, as pernas dela roçavam nas suas, mas ele prometera que não a seduziria. Com os olhos fechados, Dominic refletia que fora uma insensatez permitir que Grace o tocasse. Os dedos dela o acariciavam de maneira gentil e sedutora, aumentando a tentação.

Quando Grace o tocou intimamente, Dominic gemeu e abandonou-se às carícias, deixando-a explorar seu corpo, enquanto fazia um esforço sobre-humano para não possuí-la.

— Já basta... — ele começou, com voz rouca.

— Eu quero você, Dominic.

— Eu prometi...

— Eu sei. Mas eu quero você, agora. — Com a mão ao redor dele, Grace o conduziu para si e arqueou o corpo, oferecendo-se, pronta para se entregar.

Dominic gemeu, incapaz de se conter, decidindo que, se era para fazerem amor, então que fizessem de maneira decente. Com uma das mãos, entreabriu as pernas de Grace e a acariciou no ponto mais sensível. Ela gritou de prazer, e no momento seguinte Dominic estava dentro dela, movendo-se rapidamente e arqueando o corpo, fazendo com que ela acompanhasse o ritmo de suas investidas.

Sentada em cima de Dominic, Grace pareceu ficar confusa a princípio, como se não

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

soubesse direito o que fazer, mas depois, intuitivamente, começou a mover o corpo, unindo-se a Dominic de um jeito como nenhuma mulher fizera até então, levando a ambos a um êxtase total, completo e perfeito.

Por fim, quando seus corpos se acalmaram, tendo experimentado mais uma vez a volúpia estonteante de uma troca profunda e sem limites, Dominic tornou a beijá-la e segredou-lhe ao ouvido:

— Precisamos ir, meu amor, ou acharão que estamos demorando demais aqui.

Grace apenas assentiu. Não tinha ainda forças para falar.

Vestiram-se e, em silêncio, saíram, cada um por uma porta, e seguiram para seus aposentos.

Dominic e Grace partiram bem cedo na manhã seguinte. Ela mal tocou no desjejum; queria chegar logo, falar com sua família, abraçar as irmãs. Mas, assim que chegassem teria de se despedir de Dominic mais uma vez.

As três esposas de Tariq deram-lhe muitos presentes e, sem entender por que Grace se mostrava tão triste, disseram-lhe que não deveria se preocupar, que voltaria em breve para revê-las, que seu homem era bom e a traria para visitar as amigas.

Grace nem se preocupou em dar explicações. Acomodou-se na carruagem e, assim que ela se colocou em movimento, começou a chover.

Dominic puxou Grace para seus braços e sorriu ao ver Sheba deitada nos fundos do veículo.

— Como sabia do harém, Dominic?

— Tariq e eu temos uma história da época em que éramos meninos. Na verdade, pode-se dizer que somos parentes.

— Sêrio? Como assim?

— Vivi em Nápoles, na infância. Naquela época, o dinheiro era escasso. Minha mãe conseguia alguns trocados vendendo suas jóias, a única coisa que levava consigo ao fugir de Wolfestone. E eu passava um bom tempo nas docas, onde havia oportunidades para garotos espertos e que quisessem trabalhar bastante. Um dia, um menino, filho de um homem muito rico, caiu na água quando os marujos carregavam um dos navios. Ninguém o viu cair, apenas eu. Como ele não vinha à tona, mergulhei para ajudá-lo, pois imaginei que tivesse batido a cabeça ou coisa parecida.

— E salvou-lhe a vida.

— Sim. O pai de Tariq, dono do barco, me levou a bordo e me deu de comer. E, por algum motivo, decidiu conhecer minha família. Fiz de tudo para evitar, mas ele insistiu tanto...

Dominic se calou, imerso em recordações. Por fim, completou:

— Minha mãe se envergonhava das condições em que vivíamos, mas ele acabou indo até nossa casa. E foi amor à primeira vista. O pai de Tariq e minha mãe se tornaram amantes, e, quando o navio partiu para o Egito, eu e ela estávamos a bordo. Ele comprou uma bela casa para nós em Alexandria e nunca mais ficamos sem dinheiro.

— Ele não era casado? Tinha um filho...

— Faisal era casado, sim. Aliás, com várias esposas. Minha mãe se tornou sua amante, e ele a tratou como uma rainha. Ele colocou a escritura da casa no nome dela, passou a dar-lhe uma pensão mensal, que mamãe recebia pontualmente, e sua segurança financeira e médica foi garantida até o fim de sua vida.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Faisal. O nome era significativo para Grace.

— O livro de poesias...

Dominic assentiu. Então, a mãe dele era o amor, a pomba, a bem amada...

— Sabe, não se tratava apenas da segurança financeira. Faisal adorava minha mãe, do fundo da alma. E ela o amava de verdade. Nunca a vi tão feliz quanto naqueles tempos. Ele era um bom homem. Até me mandou para a escola com Tariq, mas meu pai... Bem, lorde d'Acre conseguiu colocar as garras em mim e me trazer de volta à Inglaterra. Mas eu jamais teria vindo se minha mãe não estivesse bem e feliz.

Dominic meneou a cabeça e suspirou.

— A morte de Faisal partiu o coração de minha mãe. Os cascos dos cavalos estalaram na estrada pavimentada em que tinham acabado de entrar. Um cachorro latiu ao longe, e Sheba ergueu a cabeça.

Grace se lembrou do que Phrey lhe dissera: que a mãe de Dominic morrera nos braços dele. Assim, estreitou-o contra o peito e cerrou os olhos, ouvindo a chuva cair lá fora. Estavam chegando a Londres.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Capítulo VIII

Muito bem, então, Grace. — Sir Oswald não parecia muito satisfeito. — Mas o quê, em nome de Deus, você pensa estar fazendo ao vir de tão longe, com uma noite no meio do caminho, sozinha e sem uma companhia feminina? E não me venha com essa história de que a cachorra foi sua acompanhante. Pois sim! E ainda por cima junto com um sujeito que nunca vi mais gordo! Isso quando deveria estar numa casa de campo, com sir John e Melly Pettifer!

Grace arqueou as sobrancelhas e engoliu em seco. Seu tio-avô Oswald não gostara nem um pouco da história que ouvira como explicação para sua aparição inesperada.

Pior ainda era que Prudence e o marido, Gideon, não eram as únicas pessoas que, no momento, visitavam tio Oswald e tia Augusta. Na verdade, todas as suas irmãs e devidos cunhados se achavam lá. E nenhum deles parecia impressionado com o que Grace relatara.

Com exceção de tia Augusta, que observava Dominic com uma admiração até um tanto exagerada.

Ele, porém, não se mostrava nem um pouco embaraçado. Ignorava as indagações de tio Oswald e os olhares que lhe lançavam os três cunhados de Grace, todos homens bastante fortes e impressionantes em sua compleição física. E não eram apenas eles. Também Edward, o quarto cunhado, baixo e rotundo, mas igualmente autoritário, visto que era duque, demonstrava abertamente sua contrariedade diante da situação.

— Tia Gussie? — Gideon falava com sua constante voz suave. — Por que a senhora e as garotas não levam Grace a algum lugar mais confortável e conversam com ela? Nós, cavalheiros, trocaremos algumas impressões com lorde d'Acre, enquanto isso.

— Excelente idéia, rapaz! — Rápida e eficiente, lady Augusta tirou todas as mulheres da sala, deixando Dominic diante de vários aristocratas furiosos.

Três dos cunhados de Grace fixavam-no muito sérios e aborrecidos. Ele sabia muito bem o que esperar. Não era a primeira vez que enfrentava um grupo de jovens representantes da nobreza inglesa. A única diferença era que não era mais um garoto em idade escolar.

Gideon foi quem primeiro lhe dirigiu a palavra:

— Então, d'Acre, acho que tem algumas explicações a dar, Dominic inspecionou as unhas, muito tranqüilo.

— Vamos lá, homem, fale! — instigou Blacklock. Dominic notou certa origem militar naquele tom, mas nem com isso lhe deu importância. Ajeitando a manga da camisa.

— Esse sujeito precisa de um corretivo! — Reyne franziu o cenho.

Dominic despiu o paletó, colocou-o no espaldar de uma cadeira e passou a enrolar as mangas da camisa.

— O que pensa que está fazendo?! — Gideon exclamou, irritado.

— Estou me preparando para me defender.

— O quê?!

— Pela experiência que tenho, filhos de nobres não gostam de conversar, de ouvir a voz da razão. Mas, como adoro uma boa briga, podemos terminar logo com isto e resolver tudo.

— Pois nós pretendemos dialogar! Ou, que seja, ouvir. Não estamos entendendo

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

muito bem o que se passa aqui. Portanto, antes de darmos a lição que você, com certeza, merece, queremos algumas respostas.

Dominic arqueou uma sobrancelha. Gideon lhe parecia irônico. E o duque perguntou, com suavidade, mas nem por isso soou menos ameaçador:

— Quais são suas intenções para com nossa cunhada?

— Bem, imagino que até um cego consiga ver isso. Gideon fitou o teto. Faltava muito pouco para que perdesse a paciência.

— Mas que inferno, homem! Pare de fazer rodeios ou serei forçado a arrancar as palavras de sua boca!

Dominic deu de ombros.

— Fiz tudo o que pude para convencer Grace a ser minha amante.

Os quatro rapazes, mais sir Oswald, o encararam, pasmos e zangadíssimos. Carradice ergueu a mão, como para impedir que os demais tomassem qualquer tipo de atitude mais violenta.

— Ou o senhor deseja morrer, ou...

— Vou me casar com ela, lógico. Por que mais achavam que a trouxe até Londres?

Gideon meneou a cabeça.

— Simples assim, então? E se Grace recusar seu pedido? Ou se nós, sua família, nos opusermos?

Mais uma vez, Dominic examinou as unhas.

— Imagino que tenha ouvido rumores de que ela é herdeira de uma boa fortuna. — Reyne cruzou os braços.

— Mesmo? Pois essa fortuna não me interessa, porque duvido que seja páreo para a minha.

— Suponho que saiba o quanto Grace é teimosa e determinada. Aliás, todas as garotas Merridew são assim e conseguem deixar os maridos... loucos.

Dominic encarou Gideon, depois observou todos os demais. Parecia feliz, satisfeito; em casa.

— Ah, sim, claro! Vocês todos me parecem muito enlouquecidos. De todo modo, temos de aceitar e aprender a carregar as cruzes que nos são destinadas por Deus, não é?

Os rapazes se entreolharam mais uma vez, e lorde Gideon continuou, como porta-voz do grupo que parecia ser:

— Você a ama?

Um olhar simples e óbvio foi a resposta. Dominic não tinha a intenção de responder; achava que esse assunto só dizia respeito a ele e a Grace. Era particular demais para ser discutido assim, entre homens.

— O que foi que o impressionou mais quando a conheceu?— Blacklock quis saber.

— Seu pé.

— Seu pé... — o rapaz repetiu, estranhando.

— E. Grace me deu um chute. Aliás, dois.

Gideon reprimiu o riso.

— Então, Grace o chutou. — Voltou-se para os outros. — Ela o chutou! Eu bem sabia! Temos um casal apaixonado em mãos!

Dominic não acreditou no que ouviu. E aqueles cavalheiros se mostravam bem

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

menos ameaçadores agora.

— Acho que não entenderam. Eu disse que ela me deu um pontapé.

Gideon se aproximou, sorrindo.

— E, Grace fez o mesmo comigo quando nos vimos pela primeira vez. Isso é bom sinal. Na verdade, achamos que ela nunca mais repetiria o gesto. Deve tê-lo reservado para uma ocasião especial, não?

Gideon e o duque apertaram a mão de Dominic e deixaram a sala. Dominic ainda tentou explicar:

— Eu mereci os chutes. Beije Grace duas vezes. Blacklock e Reyne gargalharam.

— Olhe, vou lhe explicar uma coisa, d'Acre. Depois que o sujeito beija uma garota Merridew, não há mais escapatória.— Blacklock tornou a rir.

Sir Oswald olhava Dominic por baixo das espessas sobrancelhas brancas. Também sua expressão se suavizara.

— Muito bem, lorde d'Acre, não fique aí parado feito um dois de paus! Se vai se casar com minha sobrinha-neta, temos detalhes a discutir. E já vou adiantando: eles têm de ser muito bons.

— Claro, nem poderia ser diferente. Não tenho a menor intenção de tocar em um só centavo do dinheiro dela. Devemos entrar em acordo que Grace ficará com sua herança de maneira completa e absoluta.

— Mas eu soube que sua propriedade se encontra numa situação bastante ruim.

— Sir Oswald, com todo o respeito, isso não é de sua conta. Mesmo porque não afetará Grace de forma alguma. Tenho minha fortuna particular, que em nada será prejudicada pelo testamento deixado por meu pai.

O idoso lorde assentiu com gravidade e levantou-se. ' — Meu informante me disse isso também. — Ele achou graça da surpresa de Dominic. — Não acha que fui enganado pelos esquemas de minha Grace, não é? Conheço aquela garota desde que tinha dez anos! Sabia muito bem o que ela e Gussie tinham em mente o tempo todo. Mande investigar tudo a seu respeito, sir. Que tipo de tutor seria eu se não mantivesse olhos bem abertos sobre as pessoas com quem minha menina mantinha contato?

Uma hora depois, sir Oswald acompanhava Dominic à porta da frente.

— Volte amanhã pela manhã e poderá fazer seu pedido oficial a ela mesma.

— Eu sinto tanto, Dominic!

Grace foi na direção dele, mais linda do que nunca, usando um vestido azul que combinava de maneira esplêndida com seus olhos. Que, aliás, se mostravam muito entristecidos.

— O que houve, minha linda? Por que me parece aborrecida?

— Não sei o que fizeram ou disseram para você ontem à noite, mas seja o que for, não tem de fazer o que lhe exigiram.

— Como é?

— Não é preciso se casar comigo.

Ele franziu a testa.

— Mas que coisa, Grace! Isso era eu quem deveria dizer!

— O quê?

Dominic tomou-lhe as mãos.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Grace Merridew, aceita casar-se comigo?

Ela se manteve em absoluto silêncio por instantes.

— Não, Dominic. Não posso suportar isso. As mãos dele apertaram as dela.

— Por favor, case-se comigo, Greystoke.

— Pare com isso, já disse! Sei que nunca pretendeu se casar, que está sempre brincando e...

— Oh, céus! Será que uma de vocês, Grace ou Greystoke, poderia dizer se aceita meu pedido ou não? Caso contrário, nós dois envelheceremos aqui, nesta mesma posição, porque não vou desistir, querida.

Ela mordeu o lábio inferior, esforçando-se para não sorrir.

— Fala sério, Dominic?

— Evidente que sim! — Ele a tomou nos braços. — Por qual outro motivo acha que a acompanhei até Londres, afinal? Eu avisei que não ia perdê-la. E mais de uma vez.

— Mas não acredita no casamento...

— E, não acreditava, mesmo. Mas você, sim, e tanto que creio que serve para nós dois. E se alguém é capaz de me fazer acreditar que essa instituição funciona, esse alguém é você, meu amor. Agora, pela terceira vez: quer se casar comigo?

— E quanto a Wolfestone? Irá perder a propriedade se nos casarmos. — Havia lágrimas se formando nos olhos dela, deixando-os avermelhados, e por isso mesmo muito mais azuis. — Ah, Dominic, fizemos tantos planos...

— Faremos outros.

— Mas não quero que perca Wolfestone!

— Não posso perder o que na realidade nunca tive. E você não poderá sentir falta do que nunca teve, tampouco.

— Mas precisa daquela propriedade, daquelas terras! Daquela gente! E todos precisam de você!

— Droga, Grace, o que me interessa de verdade, aquilo de que mais preciso, é você! Nada e ninguém mais! Não quero um castelo em ruínas e terras maltratadas. E aqueles que vivem lá continuarão sobrevivendo como vêm fazendo há seiscentos anos. Uma outra pessoa será dona daquilo tudo, e devemos esperar que seja alguém de bom coração. Mas não serei eu. — Ele se aproximou mais. — Eu estarei com meu amor, vendo a lua sobre as pirâmides ou numa gôndola em Veneza, ao amanhecer. Você sempre quis viajar, não? Pois sou o homem que a levará a lugares incríveis, e dando-lhe a oportunidade de ver coisas e terras sensacionais! Afinal, viajei pelo mundo todo.

Grace sorria. Dominic estava lhe oferecendo o que mais queria. Mas à custa dos próprios sonhos; seus frágeis e recém-nascidos sonhos. Podia permitir que ele fizesse esse sacrifício?

— Claro que aceito me casar com você! — Ela lhe acariciou o rosto. — No entanto, deveria recusar porque...

— Grace, preciso de minha garota de olhos brilhantes. Olhos em que qualquer homem adoraria mergulhar, mas que apenas eu posso ter para me ver, diminuto, neles. Preciso da mulher que faz meu coração bater mais depressa e meu sangue ferver nas veias. Preciso de você para abraçá-la todas as noites, para cavalgar a seu lado antes que o dia amanheça e partilhar tudo o que possuo.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Grace estava encantada. Aquelas palavras eram ainda mais bonitas do que qualquer poema que lera, em inglês ou em árabe. Sem que percebesse, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Desculpe-me, não foi minha intenção fazê-la chorar. Sei que está cansada, frágil...

Uma sineta soou, e ela disse:

— E o aviso de que o almoço está servido.

— Vá, minha querida, e almoce com sua família. Não tenho o direito de lhe pedir nada enquanto as coisas ainda não estiverem resolvidas. Vou voltar para casa quero dizer, para Wolfestone, e... Não se preocupe. Tentarei arranjar tudo com Melly e sir John. Oferecerei uma soma em dinheiro para que ela possa se manter bem e não se preocupar com problemas financeiros. E tenho de garantir que os melhoramentos que tiveram início sejam completados para que os aldeões fiquem bem com suas famílias, no inverno. Também vou fazer uma visita ao advogado, o sr. Podmore, e dizer-lhe que pode colocar a propriedade à venda e rasgar os acertos para o matrimônio, já que ele não vai se realizar.

Grace tentou sorrir, mas não pôde. Dominic se preocupava com todos, menos consigo mesmo. Falava de forma casual, mas ela sabia que, bem no fundo, estava triste. Se não o tivesse posto em contato com os habitantes de Wolfestone, se não lhe tivesse mostrado que aquele era seu lugar de verdade, seu lar...

— Grace, não me olhe desse jeito. — Beijou-a de leve nos lábios. — Estarei de volta em breve.

— Não é isso...

— Voltarei antes que se dê conta, srta. Grace Merridew, para buscá-la. Como um lobo atrás da presa, que não a deixa escapar nunca. Lembra-se disso, não? Eu a avisei que não iria escapar de mim...

Mais um beijo, agora forte, possessivo, e ele se foi.

Grace não podia, nem queria, afastar-se dele. Nunca mais. Entretanto, saber do que Dominic estava desistindo para ficar a seu lado a estava atormentando mais do que tudo.

Grace entrou na sala de jantar pouco depois de ter visto Dominic partir de volta a Wolfestone. A mesa estava posta para uma comemoração.

— Desculpem-me pelo atraso — murmurou, sentando-se em seu lugar de costume.

Estavam todos ali: Prudence e Gideon, Charity e Edward, Hope e Sebastian, Faith e Nicholas, e Cassie e Dorie. Todos sorriam para ela com tanta alegria que Grace mal conseguia suportar.

— Onde estão as crianças? — quis saber.

— Lá em cima, no quatinho de brinquedos. — Charity fez um gesto gracioso com a mão. — Vamos subir para vê-las, depois do jantar.

— Bem, bem, deixemos de falar das crianças. — Tio Oswald abriu um largo sorriso. — Estou prestes a entregar o último dos diamantes Merridew, e tenho meu melhor vinho aqui comigo. Gussie insiste em oferecer champanhe a todos, também. Portanto, Grace, pegue sua taça. Com qual dos dois vai querer fazer o brinde a sua felicidade: o vinho ou o champanhe?

Grace olhou para as duas garrafas elegantes e em seguida para todos os rostos tão queridos que a fitavam, ansiosos por sua decisão. E, sem conseguir se conter, irrompeu em lágrimas e saiu correndo dali.

— Vá atrás dela, Prudence — Augusta recomendou, e foi obedecida de imediato.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Os demais ficaram ali, boquiabertos, sem entender muito bem o que ocorrera, mas incapazes de tecer comentários. Por fim, Charity fez a pergunta que devia estar passando pela cabeça de todos:

— Ela se recusou a se casar com lorde d'Acre? Achei que estivesse apaixonada por ele.

—E eu teria apostado meus melhores cavalos como aquele rapaz também é louco por ela. — Gideon meneou a cabeça.

E, quando Prudence retornou, mais de uma hora depois, os pratos já tinham sido levados de volta à cozinha, sem terem sido utilizados. Apenas os cavalheiros continuavam na sala, bebendo *brandy*.

— Gussie e as meninas acabaram de subir para ver se as crianças estavam se comportando bem — avisou tio Oswald. — Mas não vá correndo atrás delas, Prudence. Diga-nos primeiro o que há com Grace.

Prudence deu de ombros.

— Eles se amam, sim, titio, e ela aceitou o pedido de casamento, mas há um problema.

E passou a explicar a situação, o que levou um bom tempo, visto que todos ali lhe faziam perguntas aqui e ali, interrompendo sua narrativa. Mas Prudence contou-lhes tudo o que ouvira da irmã; falou sobre o testamento e suas cláusulas, a forma como Dominic foi criado, como seu ódio por Wolfestone se transformara aos poucos em dedicação e amor, e também sobre os planos para a propriedade que Grace e Dominic tinham feito.

Ao fim da explicação, tio Oswald respirou fundo e declarou:

— É, parece muito interessante. Agora, pode subir e contar a suas irmãs e sua tia. Ah! E diga-lhes também que o jantar será servido daqui a meia hora, e que quero que Grace se junte a nós para saboreá-lo. Aquela menina não há de ficar chorando lá em cima enquanto morremos de fome aqui embaixo. A família toda está reunida, e vamos comer juntos; ou então, ninguém come! E diga a ela que foi bem assim que falei!

Passados trinta minutos, a família se reunia mais uma vez à mesa. Grace se juntou a eles, de olhos vermelhos e inchados.

Tio Oswald mandou que o mordomo os servisse de seu vinho antigo ou do champanhe, conforme preferissem, e então ergueu sua taça, dizendo:

— Muito bem, temos um casamento prestes a acontecer, e devemos comemorar. Portanto, façamos um brinde: a Grace e lorde d'Acre! E... Grace?

Ela o fitou.

— Já decidimos qual será seu presente de casamento!

— Sim?

— Sim! Nosso Sebastian enxergou uma solução ainda mais depressa do que eu mesmo poderia fazer! Você se casa com o rapaz, nós compramos a propriedade e a damos a vocês como presente de núpcias! Todos concordaram! Não é uma idéia brilhante?

Grace abriu a boca, abismada.

— Vocês irão comprar Wolfestone?! Mas custará uma fortuna!

— E você acha que somos do tipo de família que impõe um limite de preço para sua felicidade, menina?!

— Mas Dominic poderia recebê-la a troco de nada se aceitasse se casar com Melly

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Pettifer! O patriarca fez um esgar.

— Que os santos me livrem de mocinhas apaixonadas! Por que ele haveria de querer Melly Pettifer se pode ter você?

— Além do mais, mamãe prometeu que todas nós encontraríamos amor e felicidade, lembra? — Prudence acrescentou.

Antes, quando conversaram no quarto, Grace lhe contara as coisas horríveis que o avô lhe dissera, e Prudence as refutara todas com veemência.

— Todas nós — Charity confirmou, sorridente. — E, em especial, a bebezinha querida dela.

Prudence contara a todas as irmãs e à tia sobre a conversa também. Grace não conseguia dizer uma palavra sequer. Ficou ali sentada, segurando sua taça de champanhe, sentindo o pranto rolar por seu rosto.

— Grace, pare de chorar! — tio Oswald a repreendeu. — Olhe, eu teria ficado muito satisfeito em comprar a tal propriedade sozinho, mas os rapazes não deixaram! Vi cada uma de vocês encontrar a felicidade, e jamais permitiria que a última, a caçulinha, se sacrificasse por um pedaço de terra! Portanto, está tudo acertado. Você se casa com o jovem lorde e nós lhe damos Wolfestone como presente. Portanto, façam essas taças e copos tilintarem agora! A Grace e lorde d'Acre!

— A Grace e lorde d'Acre! — todos repetiram, no brinde. — Menina, se conseguir que aquele rapaz vá mais devagar com essas melhorias que está fazendo no lugar, quem sabe possamos pagar um preço bem mais baixo...

— Oh, meu Deus! — Grace exclamou de repente, levantando-se.

Todos a encararam, sem entender o que poderia ser. — Ele acabou de voltar a Wolfestone para colocar as terras à venda!

— Nesse caso, teremos de ir atrás dele e detê-lo — Gideon, sempre calmo, argumentou.

— "Teremos"? E quem seria esse "nós"? — tio Oswald quis saber.

— Todos que quiserem ir para lá com Grace, ora!

— Aquela é a vila! — Na última meia hora, Grace viajara com a cabeça para fora da janela da carruagem, em busca dos primeiros sinais de Wolfestone.

A caravana de veículos Merridew passou pela vila em velocidade moderada. Grace avistou Billy Finn do lado de fora da taverna e acenou alegremente para ele. O menino veio correndo e gritando:

— Está atrasada, senhorita! O casamento já começou!

— Casamento?! — Grace gritou para o cocheiro: — Pare! Billy se pendurou na porta, para explicar:

— Sim, da srta. Melly, claro! Ela ficou tão linda! Oswald também enfiou a cabeça para fora.

— Onde está d'Acre?

— Na igreja! Todos foram para lá! Menos eu. — Billy fez uma careta. — Não gosto de casamentos. Minha mãe sempre chora...

— E onde fica a igreja? — tio Oswald exigiu saber.

O garoto apontou. O idoso lorde, então, ordenou aos cocheiros:

— Para a igreja! Agora mesmo!

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

E assim as cinco carruagens seguiram pela estradinha lateral, parando apenas diante da Igreja de St. Stephen. Cinco homens desceram, então, sem nem mesmo esperar que os degraus fossem puxados para ampará-los. Não esperaram tampouco pelas mulheres, para ir para dentro do templo sagrado.

Tio Oswald liderava o grupo, em sua autoridade de membro mais velho da família, e entrou como um relâmpago. Havia um bispo, com seus belos trajes e mitra, e também uma noiva, com um rostinho redondo, angelical. Um turco o olhava com expressão irritada, por baixo de seu turbante enorme. E Oswald chegou a piscar várias vezes para ter certeza de que enxergava direito.

Abdul se moveu um pouco, e Oswald chegou a ranger os dentes, pois pôde ver então que ali, junto da noiva, em seus belos trajes especiais, se encontrava lorde d'Acre em pessoa.

— Parem a cerimônia! Solte a mão dessa mulher, d'Acre! Seu cão imundo!

Se um lenço caísse no chão naquele momento o som teria sido ouvido por todos que lotavam a igreja, tamanho o silêncio que se fez.

— Como foi que disse? — indagou o bispo.

— Como pode, seu miserável?! Casar essa moça com esse sujeitinho sem escrúpulos, uma vez que ele já se encontra noivo de minha sobrinha-neta?!

Melly se voltou, encarando-o, chocada. Tio Oswald assentiu para ela e disse, mais calmo:

— Boa tarde, Melly. Você está linda, querida.

— Escute aqui. Como ousa irromper dessa forma em minha igreja e lançar acusações falsas? Esta cerimônia foi...

— Acusações falsas?! Você não sabe de nada!

Um rapaz alto e magro, muito bem vestido, se aproximou de sir Oswald.

— Deve estar havendo algum engano, meu senhor...

— Não me venha com essa, moço! Afinal, quem é você para interferir?

— É que não estou noivo de sua sobrinha e...

— Sobrinha-neta.

— Sim, sobrinha-neta. Creio que nem mesmo a conheço.

— Eu nunca disse que você estava noivo dela!

— Foi o que entendi que o senhor disse.

— Tolice! E àquele miserável ali que me referi! — Oswald apontou para lorde d'Acre.

E, quando os convidados se voltaram para ele, Dominic se curvou, numa mesura.

— E verdade. E ficarei muito feliz em desposá-la, depois que entregar a srta. Melly Pettifer em casamento a meu grande amigo, Humphrey Netterton. — Dominic sorriu, indicando o rapaz diante de tio Oswald.

— Ah... Então, está entregando a noiva, d'Acre... Ótimo. Nesse caso, não tenho nenhuma objeção a fazer. Pároco, pode continuar.

Muito vermelho, o sacerdote no altar protestou:

— Sou um bispo, cavalheiro!

— Sim, lógico. Então, pare de perder tempo tentando nos impressionar e case esses dois de uma vez. Em seguida, pode escrever uma licença especial, pois minha sobrinha-neta se casará com lorde d'Acre, e queremos que seja logo. — Sir Oswald virou-se para Gideon, que lutava para não rir. — Essa é a única utilidade que vejo nos bispos.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

A recepção, realizada no grande salão de Wolfestone, era um grande sucesso.

— Phrey me ama, Grace! E eu o amo também! — Melly estava radiante.

Ela e Grace encontraram uma breve oportunidade para conversar, na biblioteca. Grace abraçou a amiga, exultante por ela.

— Que maravilha, Melly! Mas como tudo aconteceu?

— Foi logo depois que você e lorde d'Acre partiram. Pelo jeito, Phrey e ele tiveram uma discussão sobre os planos que Dominic tinha para mim depois de nos casarmos. Phrey estava furioso. E então, na semana passada, na igreja, ele se deu conta do que se tratava. E se declarou a mim! A mim, pode imaginar?! Eu, que sempre achei que nenhum homem se interessaria por minha pessoa porque sou cheinha Grace, Phrey vive dizendo que sou linda!

— Mas você é, meu amor! E fica ainda mais linda quando sorri assim! O que não entendo é como seu pai permitiu...

Melly deixou de sorrir.

— Bem, nesse dia a que me referi, Phrey estava um tanto irritado. Subiu ao quarto de papai e gritou com ele. Disse que era uma maldade o que vinha fazendo comigo, afirmou que me amava e queria se casar comigo, mesmo sem dispor de dinheiro.

— E?

— Papai não concordou. No entanto, três dias depois, o tio de Phrey, o bispo, chegou de repente a Wolfestone. Phrey nem sabia que ele viria. O bispo conversou com papai durante horas, e quando saiu garantiu que ia aumentar a pensão de Phrey para uma muito mais generosa, além de preparar outra, em separado, para a mãe e as irmãs dele. Por isso papai concordou que nos casássemos! Aí, lorde d'Acre voltou, e papai falou para ele que se casasse com você, e Dominic concordou na hora.

— Impressionante! O que acha que o bispo e seu pai conversaram?

— Phrey perguntou a papai, depois, mas ele lhe disse apenas que se tratava de pecados da juventude que estavam voltando e provocando rompantes de generosidade no bispo. Não entendi nada, mas Phrey achou muito engraçado.

— Quer dizer que tudo acabou bem?

— Sim! Até a saúde de papai melhorou, acredita? Vovó Wigmore garantiu que ele até poderá deixar a cama dentro em breve!

— Maravilhoso! Estou muito feliz por você, Melly! Muito, mesmo! Bem, mas vamos voltar à festa, ou logo virão atrás de nós, achando que a noiva fugiu...

— Eu não fugiria nunca. Encontrei o amor de minha vida!

Dominic passou boa parte do dia seguinte cuidando de diferentes assuntos: papeladas, melhoramentos da propriedade, preparativos para o casamento, acomodações para os hóspedes, organização da lua-de-mel...

Grace e suas irmãs se entretiveram com a modista que veio de Londres. Depois, Grace aproveitou o tempo livre para acertar pormenores com Abdul e as irmãs Tickel.

Já era bem tarde quando Dominic voltou para o castelo. Parou à soleira, notando algo no chão. Na primeira vez em que pisara ali, a entrada não era mais do que pedras velhas cobertas de folhas e sujeira. Mas agora havia pétalas de rosas. Estranho... Curvou-se e pegou um punhado delas, inalando seu perfume tão peculiar. Entrou e viu que o chão do hall estava também forrado de pétalas. Sorriu, então, e fitou a gárgula, que parecia fixá-lo lá de cima.

— Sabe alguma coisa sobre isto? — perguntou, sem esperar respostas.

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Dominic se voltou para subir a escadaria e notou que havia duas ou três pétalas em cada degrau. Seguiu o rastro, pisando nos mesmos lugares gastos em que seus antepassados tinham pisado, séculos atrás. O caminho de pétalas se interrompia diante da porta de seu quarto. Abriu-o e deparou com um ambiente muito diferente, transformado numa espécie de tenda árabe, com tecidos multicoloridos, frutas e incenso. E, na cama, Grace usando um dos trajes árabes com que suas amigas, as esposas de Tariq, a presentearam.

— Oh, mas é uma *houri* que vejo em meu leito? Grace apenas sorriu e ergueu os braços para recebê-lo.

— O quê?! — Dominic se sentou no colchão, atordoado.

— Eles pretendem comprar Wolfestone e nos dar como presente de casamento — Grace repetiu.

— Não podem fazer isso!

— Claro que podem. Não são seus parentes.

— Não me referi a isso, mas custaria uma fortuna!

— São todos muito ricos.

Dominic passou os dedos pelos cabelos, confuso.

— E por que fariam algo assim?

— Para que possamos nos casar, óbvio.

— Mas íamos nos casar de qualquer maneira.

— Sim, mas eles não queriam que você perdesse a propriedade.

Dominic meneou a cabeça.

— E por que se importariam? — indagou em voz baixa, ainda sem entender.

A experiência dele de laços familiares não lhe permitiria compreender, e Grace sabia disso.

— São minha família, Dominic e querem que eu seja feliz como eles são. Tio Oswald até gostaria de comprar-nos outra propriedade, mas, se adquirir Wolfestone, não poderá fazê-lo. Ele adora ações grandiosas.

— É, pude notar, na igreja...

Grace deu risada e o puxou de volta para baixo das cobertas.

Por volta de duas da manhã, Grace acordou sentindo fome. Ia sair da cama, mas Dominic a enlaçou.

— Vou até a cozinha para ver se faço um lanche. Estou faminta!

— Irei com você.

Os dois saíram, então, usando seus roupões, e estavam já no topo da escadaria quando Grace ouviu sons estranhos vindos do andar de cima.

— O que é isso?

— Abdul. Ele resolveu morar na torre.

Vinham de lá gemidos masculinos e risadinhas femininas, que deviam ser de duas ou três mulheres. Dominic e Grace se encararam em silêncio, e então desataram a rir.

— Parece que Abdul está agradecendo a Deus mais uma vez por você ter salvado sua virilidade.

— Pode apostar! Agora, minha querida, vamos descer e comer logo, para depois voltarmos para a cama e agradecermos a Deus também...

O casamento foi o mais lindo que a vila de Wolfestone presenciou. O castelo estava

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

repleto de convidados e enfeitado como talvez nunca tivesse sido.

Abdul até deixou a torre, para ceder acomodação para os hóspedes que vieram de longe para participar do evento. Mas dizia-se, na vila, que ele o fizera para não escandalizar os londrinos. Os cidadãos de Londres se escandalizavam com facilidade, era o comentário geral.

Abdul e as três garotas Tickel se mudaram para a casinha que ficava na parte de trás da residência. Sim, podia ser um escândalo também para os camponeses, mas o que se podia esperar de um turco e das pobres meninas Tickel, que tinham perdido a virtude ainda pequenas, ao se banharem nas águas da lagoa Gwydion? E depois, se era para haver um escândalo na vila, que fosse suculento, malicioso, picante. Tudo o que as meninas Tickel eram...

O serviço religioso não foi realizado pelo novo reverendo, mas era compreensível, visto que ele havia se casado fazia apenas uma semana. Seu tio, o bispo, foi quem presidiu os trabalhos.

As irmãs da noiva se achavam presentes, uma mais linda do que a outra. Duas delas foram damas de honra, e a esposa do reverendo levou as alianças. E foi ele o padrinho do noivo. Tudo muito lindo!

O sogro do reverendo também estava presente, em sua cadeira de rodas. As ervas de vovó Wigmore obrigaram o pequeno tumor a vir à tona e, quando seu conteúdo foi expelido, sir John começou a melhorar a olhos vistos.

Uma coisa interessante aconteceu durante a cerimônia. Depois que o bispo declarou lorde d'Acre e Grace Merridew marido e mulher, estendeu os braços e disse: *E vamos agora todos nos divertir e agradecer a Deus!*. E a noiva se pôs a rir sem que ninguém entendesse por quê.

Quando os noivos saíram da igreja, foram lançadas pétalas de rosas sobre suas cabeças. Ao passarem pela multidão, algumas senhoras deram início a uma pequena discussão. A sra. Parry dizia que fora seu leite amanteigado, mas a sra. Tickel garantia que o responsável foi o suco dos limões que enviara para Grace. Vovó Wigmore tentava apaziguá-las, declarando que não era nada daquilo, pois o segredo para eliminar as sardas da noiva tinha sido o banho na lagoa Gwydion. E vovó Wigmore sempre foi a mais sábia habitante da vila!

Na festa, havia muita comida. Mas a melhor parte daquele casamento foi o final. Os noivos saíram do castelo, prontos para partir para a lua-de-mel, e o que os aguardava? Um camelo! O exótico animal se ajoelhou, muito gracioso, embora desengonçado, e lorde d'Acre e sua esposa montaram em suas corcovas. A noiva ria e era beijada sem cessar pelo noivo. Nunca houve nada igual em Wolfestone.

O camelo se levantou, então, e lá se foi, com o casal apaixonado rindo e acenando, em direção ao pôr-do-sol. Disseram que seguiam para Alexandria, que ficava bem depois de Shrewsbury.

— Até as andorinhas mais sensatas voam da Inglaterra para o Egito no inverno — Dominic argumentou. — E nós estamos fazendo o caminho contrário... Está muito frio! Bem fez Abdul, seguindo com as meninas Tickel para o Cairo. Não entendo por que você quis deixar aquele calor delicioso e voltar para este clima ruim.

Grace sorriu.

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

—Você irá entender.—Da janela da carruagem, ela apontou. — Veja, lá está vovó Wigmore! E há uma placa pendurada no portão de sua casa! Consegue ler o que está escrito? Os dois se aproximaram mais do vidro um tanto embaçado, limparam-no e leram:

Vovó Wigmore: poções para pessoas finas.

Grace riu.

— Mas o que isso significa?

Continuaram em frente e, pouco depois, ultrapassavam os portões de ferro de Wolfestone.

O castelo parecia ter renascido, e dominava, poderoso, a paisagem. Tudo parecia estar enfeitado. Viam-se luzes de velas através das vidraças, a entrada fora decorada com festões e arranjos verdes e vermelhos, e até a aldrava da porta recebera algumas voltas de folhas verdes com lacinhos de veludo.

— O que é isso tudo, afinal? — Dominic insistiu.

A porta se abriu, e um calor aconchegante os recebeu.

Sheba foi a primeira a sair, chorando e pulando nas pernas do dono. Atrás dela, toda a família de Grace se antecipava para dar-lhes as boas-vindas e saudações natalinas.

— Feliz Natal, Dominic! — Grace sussurrou, olhando-o, cheia de alegria, quando adentraram o hall.

Todos os membros da família, até mesmo as crianças, vieram abraçá-lo e beijá-lo, como se aquela fosse a coisa mais natural do mundo, como se Dominic fizesse parte dos Merridew desde sempre.

— Espero que não se importe por termos invadido sua casa deste jeito. — Prudence deu de ombros. — É que sempre passamos os natais juntos, e Grace nos disse que queria seu primeiro Natal de casada aqui, com você, em Wolfestone.

— Ora, mas vocês são todos muito bem-vindos!

O castelo fora todo decorado de verde e vermelho. As lareiras estavam todas acesas, e havia no ar um adorável perfume de pinheiro e de tortas recém-assadas.

— Lá vem o ponche! — Gideon exclamou, indo até a mesa, onde a travessa com o vinho temperado com frutas e especiarias exalava um aroma delicioso.

— A ceia será servida dentro de uma hora — Prudence avisou. — Que bom que conseguiram chegar a tempo! Temíamos que a neve os impedisse de vir.

Após a ceia, a família se reuniu em torno da lareira da sala central, entoando canções natalinas. Dominic não conhecia as letras. Aurora, filha de Prudence, que tinha dez anos de idade, olhou-o com atenção por algum tempo e saiu do colo do pai para subir no de Dominic.

— Tio Dom, vou ajudá-lo. — E passou a mostrar-lhe as letras em seu livrinho de canções de Natal.

Era uma imagem de perfeita paz e aconchego. Ao fim da última música, Jamie, filho de Gideon, correu para a janela.

— Vejam, está nevando!

E estava, de fato. Era uma típica noite de Natal inglesa. E Dominic se sentiu imensamente feliz.

No dia seguinte, ainda sob efeito da alegria da véspera, Dominic permaneceu por boa parte da manhã na biblioteca, lendo a correspondência que se acumulara em sua ausência. Ao fim dos serviços religiosos, todos retornaram a Wolfestone para o almoço. Phrey trouxe

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

Melly — mais linda e feliz do que nunca com sua primeira gravidez. Sir John, ainda na cadeira de rodas, também veio, declarando a todos sua determinação em viver o suficiente para comparecer ao casamento de todos os seus netos.

O castelo parecia ganhar mais vida com as risadas e as brincadeiras das crianças. Houve troca de presentes e, no almoço, Dominic acabou comendo mais do que devia, pois todos os pratos típicos eram deliciosos.

Mais tarde, todos se deleitaram fazendo um boneco de neve gigante no pátio. Em seguida, como não poderia deixar de ser, houve a tradicional guerra de bolas de neve. E, para terminar, uma mesa cheia de quitutes e chocolate quente, de volta ao aconchego da sala.

Era o primeiro Natal inglês de Dominic. E com uma família que sabia deixar bem claro o quanto gostava dele. Era estranho. Estava na casa que odiara a vida inteira, mas sentia-se tão feliz!

O dia seguinte trouxe mais uma tradição da época: a abertura dos presentes. Grace explicou a Dominic que se entregava uma caixa a cada família. Nela, havia um pouco de comida, algumas peças de roupa e um pouco de dinheiro. A tradição era mais uma forma de se dar graças pelas bênçãos recebidas no correr do ano. Nas caixas, havia os nomes de todas as famílias de Wolfestone; Grace deixara tudo organizado antes de partirem em viagem.

— Não vá entregar aquela sem mim — Dominic pediu, apontando para a caixa em que se lia "Família Finn".

Ele correu até a biblioteca e apanhou a carta oficial com o selo do governo, enfiando-a no bolso do paletó.

Pouco depois, as pessoas da vila vieram, e a festa foi um verdadeiro sucesso. Os presentes foram entregues, e todos, contentíssimos, olhavam para Grace como se ela fosse a maior bênção que já haviam recebido. Adoravam sua nova lady.

— Nem sei se preciso de uma caixa, mas vou aceitá-la e agradecer — disse vovó Wigmore, quando pegou a sua das mãos de Grace. — Viu minha placa? Há gente vindo até de Londres em busca de minhas ervas. Pagam muito por elas! Sir John escreveu cartas a seus amigos, e eles agora vêm aos montes!

— Que maravilha, vovó! — Grace a abraçou.

Jake também veio receber sua caixa, que era bem menor do que as outras. Por isso, ao pegá-la, ele olhou para Grace, desconfiado. Abriu-a, curioso, e encontrou uma chave.

— O que é isto?

Dominic arqueou as sobrancelhas.

— Parece-me a chave da casa do administrador.

— Mas é a residência do sr. Eades.

— Ah, pode ter certeza de que não é mais, meu amigo! Você é o novo administrador de Wolfestone. Aliás, o sr. Eades nem vai precisar de chave alguma no lugar onde está. Aposto que até gostaria de receber uma, para abrir as grades que o prendem, mas essa, com certeza, ele não terá durante longos anos.

Todos na sala observavam a cena, admirados. Dominic os fitou e sorriu. Aquela era sua gente.

— O sr. Eades está apodrecendo em Newgate, esperando julgamento pelo que fez aqui — ele os informou. — A maior parte do que Eades roubou foi recuperada e será usada em melhoramentos para todos vocês. Wolfestone será uma força diante da qual todos se

CHE 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

curvarão.

Aplausos e gritos de alegria acompanharam seu pronunciamento. Quando o barulho diminuiu, lorde d'Acre prosseguiu:

— E eu ficaria honrado se Jake Tasker aceitasse a posição que acabo de lhe oferecer em caráter definitivo e permanente.

Jake apertou-lhe a mão, comovido.

— Sim, senhor. Obrigado, milorde.

Havia apenas uma caixa a ser entregue, agora. Billy Finn esperava, junto da mãe e dos irmãos, ansioso. Todas as que foram ofertadas às famílias com crianças continham doces e brinquedos.

— Feliz Natal, sra. Finn. — Grace abraçou a mulher e deu-lhe seu presente.

A sra. Finn, assim como fizeram os outros antes dela, a abriu e encontrou uma carta com timbre oficial. Encarou Grace com os olhos marejados.

— Não é uma ação de despejo, é?

— Claro que não! Não sei de que se trata, mas garanto que não se trata disso.

— Mas nada de bom costuma vir em cartas deste tipo, milady. É uma correspondência de advogado.

Billy apanhou o envelope das mãos da mãe.

— Deixe-me ver, mamãe. — Rápido, o menino leu o conteúdo. — Milorde... isto é uma brincadeira? — Sua voz estava embargada.

— Não, Billy.

O garoto fez uma força incrível para não chorar. Engoliu em seco e tornou a falar com a mãe:

— É do governador do Sul de Gales! E esta é uma mensagem de papai!

Todos se aproximaram para ouvir Billy ler a missiva:

Querida Annie, espero que esta a encontre, e às crianças, muito bem de saúde. Escrevo para dizer que sou um homem livre, que fui perdoado. Lorde d'Acre entrou em contato com o governador explicando as condições de minha prisão.

A sra. Finn começou a soluçar, abraçando o filho mais próximo. Billy prosseguiu, também chorando:

Não posso ainda voltar à Inglaterra, e andei vendo as terras por aqui. São boas e férteis e precisam muito de gente que queira trabalhar. Estão à venda, Annie, e recebi algum dinheiro de lorde d'Acre, pelo correio, para adquirir um bom lote. Estou apenas esperando por você e nossos filhos para começarmos uma vida nova. Você vai adorar o clima de Gales!

— Meu Deus, ele quer que o encontremos lá, mas como? E tão caro viajar! — Annie soluçou, pensando apenas no momento em que poderia abraçar seu marido mais uma vez.

— Olhe dentro da caixa, Annie — Dominic a instigou. Lá dentro havia uma pequena bolsa com dinheiro. Quando Annie viu de quanto se tratava, arregalou os olhos.

— É mais do que o suficiente para as passagens — Dominic afirmou. — E, se por acaso não quiser ir, terá o bastante para sustentar seus filhos por muito tempo.

Ela, muito agradecida, se aproximou, segurando-lhe a mão na intenção de beijá-la, mas Dominic não permitiu, constrangido.

— Obrigada, milorde! Muito obrigada, mesmo! Nós iremos para Gales, sim! Não sabe o quanto senti falta de meu marido! Todos nós sentimos! O senhor é um santo!

CHÉ 381 – Amante Cigano – Anne Gracie

— Nada disso. Só estou tentando reparar o que houve por descaso de meu pai.

Billy dobrou a carta e passou a manga da camisa pelo rosto molhado, voltando-se para todos.

— Estão vendo? Eu bem que disse que ele era bom!

Nessa noite, Dominic e Grace subiram a escadaria fazendo questão de pisar nos mesmos lugares marcados por tantos passos dos ancestrais d'Acre. De cima, ela se voltou, mostrando:

— Veja! — Apontou para a gárgula, que permanecia, com seu olhar sábio e benevolente, cuidando da residência; em seu pescoço fora enrolado um ramo de visgo. — Acho que ela quer que sigamos a tradição, não acha?

Dominic sorriu, e, baixando a cabeça, beijou-a com paixão.